EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 007 | R$ 4,00



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 9 de fevereiro de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106
Dados: 2025.02.07 21:35:30 -03'00'

CRÉDITO HABITACIONAL

Novas regras fazem paraibanos repensarem compra de imóveis

Medidas como a alta dos juros, em vigor desde janeiro, tornaram mais difícil o sonho da casa própria. *Página 17*

Foto: Roberto Guedes



Capital preserva variedade de referências arquitetônicas

Dados do Iphan registram que João Pessoa possui 502 construções tombadas, de diferentes períodos históricos, abrangendo 25 ruas e seis praças. *Página 5*

Botafogo-PB e Campinense fazem o Clássico Emoção, hoje, no Almeidão

Equipes se enfrentam a partir das 16h, em confronto válido pela sétima rodada do Campeonato Paraibano.

Página 21

Instituições da Bahia e do Maranhão têm vagas com salários de até R$ 11,5 mil

Concursos em andamento abrangem diferentes profissões; no estado, a Defensoria Pública prepara edital para março.

Página 16

Incidência de raios na PB cresceu 37% em janeiro; Sertão é a área mais atingida

Descargas atmosféricas são impulsionadas pelas chuvas intensas que transformam o clima paraibano no início do ano.

Página 20

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo

Atuação pautada no texto responsável

*Com a vida profissional dividida entre a paixão pelo rádio e pelo impresso, Marcos Pereira relembra a jornada em **A União**.*

Páginas 14 e 15

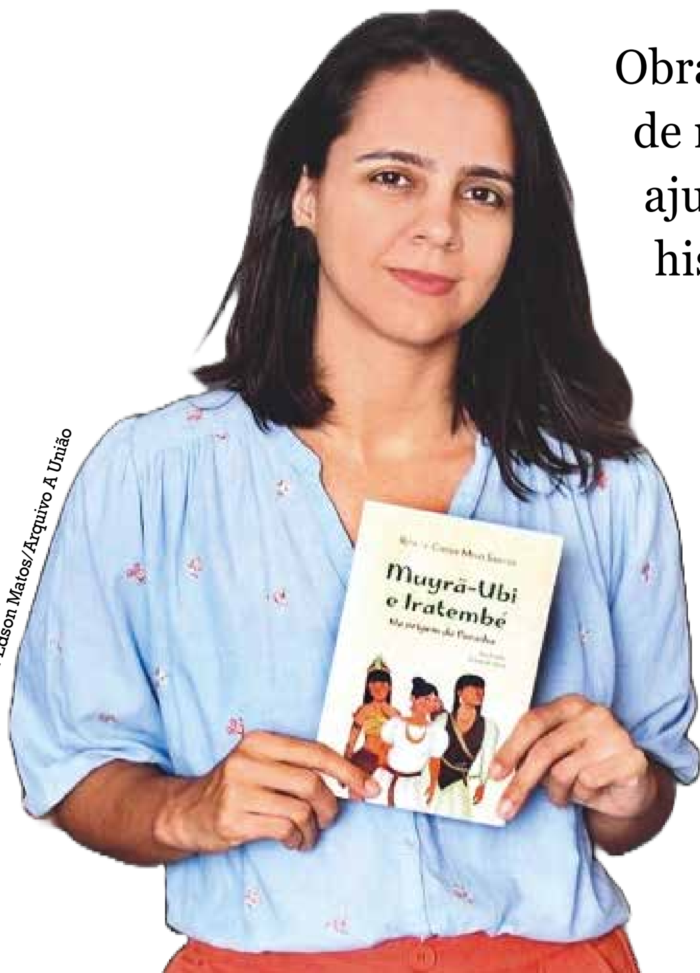


Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Obras resgatam a participação de mulheres em eventos e ajudam a corrigir equívocos na historiografia oficial do Brasil

Personagens e fatos ausentes de pesquisas tradicionais são retratados em livros que revisam momentos da formação do país.

Página 25

■ "Por quantas moradas passei, por quantas situações, até encontrar firmeza ou meu lugar no mundo nesta míngua de espaço de varanda aberta a meu espírito".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Meus livros são a minha casa, o meu lar, a minha vida. Quando estou triste, eles aceitam e acolhem a minha tristeza. Na alegria sorriem comigo. Estão onde estou".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ "Segundo a Unesco, o jornalismo ambiental é um campo perigoso. Entre os 905 jornalistas entrevistados, em 129 países, 749 afirmam que já se sentiram violentados".

Angélica Lúcio

Página 26

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

Editorial

Fora da ordem

As fortes chuvas que caíram (ou continuam caindo) em várias cidades da Região Nordeste, consideradas atípicas pela intensidade, para este período do ano, são outra clara demonstração da insubordinação da natureza, que se faz ver e ouvir de maneira intempestiva, em protesto contra a degradação que vem sofrendo em um processo contínuo e secular. Por enquanto, foram chuvas e ventos, mas outras intempéries podem desabar sem aviso prévio.

A população em geral houve falar muito, em variados meios, principalmente os de comunicação, acerca de assuntos como aquecimento global, efeito estufa e extremos climáticos, entre outras nomenclaturas associadas à devastação do meio ambiente. Mas, a maioria das pessoas ainda se surpreende quando algo de anormal acontece na sua cidade, relacionado, por exemplo, a eventos climáticos e meteorológicos de intensidades extraordinárias.

O fato é que acontecimentos de origem hidrológica, geológica ou geofísica, como inundações e deslizamentos de terra, provocados por temporais, no campo e na cidade, têm-se multiplicado e com um poder destrutivo cada vez maior. Os poderes públicos brasileiros, uns mais outros menos, têm-se esforçado, mas não dão conta de tantos problemas, diante da situação de pobreza de milhares de pessoas em todo o país.

As cidades brasileiras já convivem com diversas modalidades de transtorno, sendo os mais conhecidos a (falta de) mobilidade urbana e os vários tipos de adversidades relacionados ao enorme contingente de moradores que habita as chamadas áreas de riscos. Apenas esses dois exemplos, entre tantos outros, já revelam o potencial de adversidades quando o tempo "fecha" e o aguaceiro desaba sobre as urbes, acompanhado de vendavais.

Não só o Brasil, mas o mundo inteiro precisa intensificar mobilizações que resultem, de fato e de direito, em medidas capazes de assistir a população rápida e adequadamente, por ocasião de procelas de qualquer natureza, acentuadamente àquelas oriundas do desequilíbrio ambiental planetário, por serem de grande intensidade, portanto, de maior potencial de exterminação de vidas e de desmantelamento de infraestruturas.

Ninguém se espante se, num futuro próximo, nevar no Nordeste brasileiro, assim como a seca tem fustigado o Sul do país. Urge retrair o processo de exterminação da fauna e da flora, bem como encontrar respostas para as desigualdades sociais, de modo a equilibrar a vida na Terra em todos os sentidos. Sofrem, hoje, a humanidade e a natureza, e onde isso vai dar ninguém sabe dizer, sabe-se apenas que boa coisa não é.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A frente liberal

As eleições gerais de 1982 apresentaram resultados negativos nos três maiores estados da Federação (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), em razão do forte desgaste que vinha experimentando o regime militar. Estava explícita a avaliação popular negativa do governo Figueiredo, sinalizando o desejo de retorno do país à democracia plena, sentimento já manifestado durante a campanha das Diretas Já. Isso deu confiança aos opositores do governo para a disputa presidencial. No entanto, havia uma questão jurídica a ser enfrentada: a exigência da fidelidade partidária, conforme determinava a Emenda Constitucional nº 1, de 1969, que previa a perda do mandato ao parlamentar que, por atitude ou voto, contrariasse as diretrizes estabelecidas pela direção partidária. Isso também estava estabelecido na Lei Orgânica dos Partidos Políticos.

Ocorria que vários parlamentares do PDS, partido que apoiava o governo, recusavam votar em Paulo Maluf, o que motivou uma consulta ao TSE, na qual questionavam se a fidelidade partidária também se aplicava ao Colégio Eleitoral. Em 27 de novembro de 1984, o TSE decidiu que os eleitores do Colégio Eleitoral não estariam obrigados a seguir a diretriz partidária, podendo votar em outro candidato que não fosse o indicado pelo partido ao qual pertenciam.

Porém, os dissidentes do PDS resolveram formar um novo partido, o PFL (Partido da Frente Liberal), liderados pelo vice-presidente da República, Aureliano Chaves e pelos senadores Marco Maciel e Jorge Bornhausen, que lançaram o Manifesto da Frente Liberal, propondo um "governo de conciliação nacional". Os presidente e vice do PDS, José Sarney e Bornhausen, respectivamente, renunciaram aos cargos que ocupavam no comando do partido do governo. Estava aberta a possibilidade de viabilizar um acordo com o PMDB, de Tancredo Neves, a partir, também, da desistência de Aureliano Chaves, de disputar a presidência, favorecendo o governador de Minas Gerais, já anunciado pelo partido de oposição.

Esse rompimento com o governo militar contou com a adesão de outras lideranças que surgiam no cenário político nacional, dentre eles os governadores Roberto Magalhães, Agripino Maia, Luiz Gonzaga Mota, Hugo Napoleão e Divaldo Suruagy. O movimento, então, ganhava força, contribuindo para que se concretizassem ações que apontavam para o fim da Ditadura Militar.

O presidente João Baptista Figueiredo não teve mais condições de controlar a disputa interna no PDS pela indicação do candidato que o sucederia e em 29 de dezembro de 1983, na sua mensagem de fim de ano transmitida em cadeia de rádio e televisão, anunciou: "como não antevejo a possibilidade de alcançar o consenso que almejava, restituo a coordenação do processo sucessório ao meu partido". Os dois postulantes, o ministro do Interior, coronel Mário Andreazza e o deputado Paulo Maluf produziam uma disputa acirrada em busca de apoios. Prevaleceu o favoritismo do ex-governador de São Paulo.

A Frente Liberal permitiu, portanto, na prática, pavimentar a criação da Aliança Democrática Nacional, que resultou na formação da chapa Tancredo/Sarney, concorrendo com os candidatos do governo Maluf/Flávio Marcílio, na eleição realizada em 1985, pelo Colégio Eleitoral, que oficializou a devolução do poder aos civis.

> **Esse rompimento com o governo militar contou com a adesão de outras lideranças que surgiam no cenário político nacional**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Faixa para todos

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um lugar no mundo

Não sei por que, só hoje, nessa manhã chuvosa de fevereiro de 2025, minha chegada à varanda desses últimos vinte e cinco anos dá-me a certeza satisfeita de um lugar no mundo. Escriturada há duas décadas, só agora, nesse instante que me faz correr ao teclado e já sem muita graça com as ofertas do mundo, certifica-me desse grande e profundo privilégio.

É ainda um privilégio universal e de todos os tempos e civilizações, perseguido desde quando o homem se viu em guerra pela própria caverna.

As nossas matrizes do orgulho metropolitano, em que se acumula a seara concentrada do ideal capitalista, chega a perder a visão de suas mansões e de seus castelos verticais ante o entorno de favelas e barracos que diferem da caverna, sobretudo pela grande concentração. Quando Camus avistou o Rio, setenta anos atrás, visto o Cristo, a floresta soberba que se seguiu a seus olhos já não era a descrita por José de Alencar em carta ao jovem crítico literário Machado de Assis. Diferente da visão poética de Augusto Schimidt, com quem iria se encontrar logo depois, já não era a montanha ou a floresta poética de nuvens azuis.

Vejo-me firme em meu lugar num terraço 1,5 m por 3,5 m, o suficiente para a preguiçosa, um tamborete destinado ao livro da vez e o caderno de notas, além de uma mesinha com tampo de pedra para três ou quatro pequenas plantas que eu mesmo águo.

Não dá para o nascente, que fica a minha esquerda interceptado em mais da metade por um daqueles edifícios auspiciosamente recebidos pela crônica imobiliária que vem saudando jubilosamente a irrupção da nova João Pessoa, de repente saída da discrição da "vila", do usufruto a muitos ainda saudoso, para o desfastio do turismo escapado da bala perdida, dos conflitos diários entre bandidos e policiais, agora com mais baixas para os agentes da segurança. Mas, daqui, vejo a mata que Maranhão, sem perda de tempo, batizou com o nome do velho Beja, um pecuarista e exportador de agave que, amando a política e sem jeito para conviver com ela, fez dela a carreira do filho.

E chego, nessa manhã de céu nublado, de vidraças fechadas, a mata em distantes ondas azuis como as que puderam alcançar as vistas cansadas do poeta Schimidtem em tom memorialista.

"O que tem de meu ou de mim nisso tudo?"

E a resposta não me vem do que li, do que aprendi vivendo, sempre em busca forçada de terra firma, pedra onde várias vezes, menino, eu via alojado debaixo dela o doido Olegário, que saía pelos altos do sítio a gritar e gritar coisas que ninguém entendia. Angariava o de comer e abrigava-se sob essa caverna de pedra em forma de sapo de cabeça monstruosa a cobrir o nosso caminho.

Por quantas moradas passei, por quantas pensões, por quantas situações, o mundo saindo do telégrafo para a internet (neta e filha a me telefonarem, hoje, do outro lado do oceano), até encontrar firmeza ou meu lugar no mundo nesta míngua de espaço de varanda aberta a meu espírito.

> **É ainda um privilégio universal e de todos os tempos e civilizações, perseguido desde quando o homem se viu em guerra pela própria caverna**
>
> Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: **Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30**
CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EMPREGO E RENDA

Com papel cidadão, Sine dá esperança a trabalhadores

Distribuídas em 15 unidades estaduais, equipes oferecem serviços diversos

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com


Fotos: Evandro Pereira

No ano passado, 12,2 mil vagas de emprego foram preenchidas por intermédio do sistema

Edson Belarmino, de 56 anos, lê atentamente as instruções do formulário de cadastro, com olhos esperançosos e pensamento positivo. Após mais de um ano desempregado, ele está pronto para recomeçar. "Vou fazer essa entrevista para serviços gerais e tenho fé que vai dar certo. Se for da vontade de Deus, uma das vagas será minha", conta, com um sorriso tímido. O desejo de voltar ao mercado de trabalho é um reflexo da realidade de milhares de paraibanos que, assim como Edson, buscam uma chance de entrar ou voltar ao mercado de trabalho. É nesse cenário que entra o Sistema Nacional de Emprego (Sine) da Paraíba, uma ponte entre os trabalhadores e as oportunidades profissionais.

Criado em 1975, o Sine é um dos maiores sistemas públicos de emprego do Brasil e atua na intermediação entre trabalhadores e empregadores. Na Paraíba, a gestão do serviço é responsabilidade da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (Sedh). Com 15 postos de atendimento espalhados por todo o estado, o Sine Paraíba tem se destacado como um importante aliado na busca pela recolocação profissional, atendendo a uma média de 10 mil pessoas por mês. Só em 2024, foram feitos 22.300 encaminhamentos para 12.236 vagas de emprego, com 1.630 efetivações; uma demonstração do impacto da instituição na vida dos cidadãos paraibanos.

A secretária de Estado do Desenvolvimento Humano, Pollyanna Werton, destaca que o Sine cumpre uma função essencial no estado. "O Sine dá à população a garantia de acesso ao emprego, que abre portas para a uma vida mais digna. A Paraíba trabalha incansavelmente para impulsionar ainda mais o emprego e a geração de renda. Isso é dignidade, é cidadania, é a certeza de um estado que cuida do seu povo para a garantia de dias melhores por meio da mobilidade socioeconômica, possibilitando-lhes trilhar os seus próprios caminhos", ressalta.

Os postos de atendimento do Sine na Paraíba — localizados em João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Mamanguape, Monteiro, Pombal, Sapé, Bayeux, Conde, Guarabira, Itaporanga, São Bento, Santa Rita, Cabedelo e Patos — oferecem uma gama de serviços. Entre eles, a intermediação de mão de obra, a habilitação ao seguro-desemprego, a orientação profissional e o encaminhamento para cursos de qualificação. Além disso, o Sine desenvolve ações de fomento ao empreendedorismo, oferecendo apoio ao trabalhador autônomo e à economia solidária.

Ao longo dos anos, o Sine tem se tornado cada vez mais digitalizado, com o agendamento de serviços e até o cadastro de vagas sendo feito pela internet, facilitando o acesso dos cidadãos ao atendimento. A inovação no suporte é uma das respostas para a alta demanda registrada nos postos do sistema de emprego. "Além de oferecer um atendimento presencial de qualidade, nosso objetivo é garantir que ninguém fique de fora, por isso buscamos alternativas digitais que complementem o serviço tradicional", explica o gerente-executivo de Trabalho, Emprego e Renda, Flávio Costa.

Para quem está em busca de trabalho, como Edson Belarmino, o Sine é uma porta aberta para novas possibilidades. Ele, que já foi encaminhado a diversas entrevistas, ressalta a importância do serviço. "O atendimento é bem completo, não só com o encaminhamento para as vagas, mas também com cursos e informações sobre o mercado. Isso faz a diferença para quem está tentando voltar ao trabalho", comenta.

Com o aumento da busca por qualificação, o Sine também tem investido em parcerias com instituições de ensino e cursos de qualificação, ajudando a moldar a força de trabalho para as novas demandas do mercado. "O mercado de trabalho está sempre em transformação, por isso é fundamental que os trabalhadores da Paraíba se atualizem. Nós buscamos promover essa atualização por meio de cursos e capacitações gratuitas", resume Flávio Costa. A qualificação, segundo Costa, é essencial para preparar o trabalhador para as exigências do setor produtivo e aumentar sua empregabilidade.

Novos espaços tornarão o sistema mais eficiente

Referência no serviço de recolocação profissional, o Sine na Paraíba inaugurará, em breve, um espaço mais amplo e adaptado, com o objetivo de acolher os profissionais de forma ainda mais eficaz. João Pessoa será a cidade pioneira a receber as novas unidades no estado, que passam a ser chamadas de Casa do Trabalhador e Casa da Trabalhadora. O projeto, que é parte de uma iniciativa do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de modernização e uniformização, busca transformar o Sine em um espaço mais acolhedor, humanizado e adaptado às necessidades dos cidadãos. A previsão é que as unidades sejam inauguradas no segundo semestre deste ano.

"A Casa do Trabalhador oferecerá serviços como atendimento psicológico, orientação profissional e cursos de capacitação, proporcionando uma experiência mais completa. Já a Casa da Trabalhadora será um espaço exclusivo para as mulheres, com uma infraestrutura que respeita suas necessidades", detalha Flávio Costa.

A Casa da Trabalhadora, por exemplo, contará com comodidades como brinquedoteca, trocadores e um espaço para amamentação, permitindo que as mães possam deixar seus filhos enquanto buscam oportunidades de trabalho. "Será um local pensado para que a mulher se sinta acolhida e sem preocupações com o cuidado infantil", completou o gerente. Após a inauguração em João Pessoa, a expectativa é expandir esse modelo para outras cidades da Paraíba e do Brasil.

Como se candidatar

Diariamente, o Sine Paraíba oferece diversas vagas de emprego em todas as áreas de trabalho. O acesso a elas é simples, oferecendo aos paraibanos uma chance real de se recolocar no mercado de trabalho. A primeira etapa é acompanhar as vagas disponíveis, que podem ser acessadas no *site* do Sine ou diretamente nos postos de atendimento.

Após visualizar uma vaga de interesse, o candidato deve comparecer a um dos 15 postos espalhados pelo estado e se cadastrar para aquela vaga. Para tanto, é preciso apresentar carteira de trabalho, carteira de identidade (RG) e o Cadastro de Pessoa Física (CPF), além de currículo atualizado. Quem preferir pode se cadastrar no órgão mesmo sem ter encontrado, ainda, uma vaga de seu interesse.

Após esse cadastro inicial, o Sine avaliará o perfil do profissional e o encaminhará às vagas de emprego de acordo com suas qualificações. "Por isso, é tão importante detalhar bem a experiência profissional no momento do cadastro e fazer cursos de qualificação", complementa Flávio Costa. Esse processo de intermediação de mão de obra facilita a conexão entre candidatos e empresas, garantindo que o trabalhador tenha a chance de mostrar suas habilidades e ser chamado para as oportunidades que mais se encaixam no seu perfil.

Maria das Dores, de 37 anos, é um exemplo de quem conseguiu uma vaga por meio do Sine. Ela se cadastrou no *site*, foi orientada a fornecer todos os dados necessários e, após uma análise, foi chamada para uma entrevista. "Eu estava bastante apreensiva, mas o atendimento no Sine foi ótimo. Preenchi o cadastro direitinho e, logo depois, recebi a convocação para a entrevista", conta Maria, com um sorriso de satisfação.



"A Casa da Trabalhadora será um local pensado para que a mulher se sinta acolhida e sem preocupações com o cuidado infantil

Flávio Costa



Pelo *QR Code* acima, acesse modelo de currículo e dicas para entrevista

UN Informe
DA REDAÇÃO

APÓS DANOS CAUSADOS PELAS CHUVAS, PREFEITURA DE MAMANGUAPE CRIA COMITÊ DE EMERGÊNCIA

O prefeito de Mamanguape, Joaquim Fernandes, anunciou a criação do Comitê Municipal de Gestão de Crise e Emergência Climática (CMGCEC), que será responsável por coordenar e executar ações emergenciais para minimizar os danos causados pelas chuvas e proteger a população, a infraestrutura local e os serviços essenciais durante os períodos de crise. A medida foi tomada após a cidade enfrentar um volume de chuvas acima da média, na última quarta-feira, resultando em alagamentos e riscos iminentes de desabamentos nas áreas vulneráveis. "Nosso compromisso é agir com rapidez e eficiência para proteger a população de Mamanguape. O comitê terá a missão de garantir que todas as medidas necessárias sejam tomadas para minimizar os impactos das chuvas e dar suporte às famílias atingidas", destacou Joaquim. O CMGCEC será composto por representantes de diversas secretarias municipais, como a Secretaria de Habitação e Defesa Civil, a Secretaria de Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e o Gabinete do Prefeito, além de representantes de outras áreas essenciais para o enfrentamento da crise, como a Procuradoria-Geral do Município e a Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito. A coordenação do comitê ficará sob a responsabilidade direta da Defesa Civil.


Foto: Reprodução/Instagram

EMPREGOS PARA JOVENS (1)

O vereador Olímpio Oliveira (Podemos), de Campina Grande, defendeu, nesta semana, a importância de criar oportunidades de trabalho para os jovens da cidade. Ele lembrou que foi aprovado projeto de sua autoria, inspirado no modelo do Procon de João Pessoa, que realiza curso de capacitação com bolsa de R$ 700, durante cinco meses, para jovens.

EMPREGOS PARA JOVENS (2)

Para viabilizar a iniciativa em Campina Grande, o vereador propõe que os recursos do Fundo Municipal do Direito Difuso, atualmente com cerca de R$ 3 milhões sem utilização, sejam destinados a essas e outras ações. Ainda sobre a inserção profissional dos jovens, defendeu a implementação do programa Jovem Aprendiz no município, garantindo oportunidades de primeiro emprego.

JUIZ DAS GARANTIAS

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) vai promover, no próximo dia 21, por meio do Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (Ceaf), o *webinar* "Juiz das Garantias — questões práticas e teóricas relevantes". O evento, destinado exclusivamente aos membros do MPPB, terá como palestrante o promotor de Justiça Guilherme Costa Câmara, doutor pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

ORGANOGRAMA DA SAÚDE

O secretário de Saúde de João Pessoa, Luis Ferreira, apresentou para o Conselho Municipal de Saúde (CMS), na última quinta-feira (6), o novo organograma da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). O organograma foi publicado no Diário Oficial, no fim de janeiro deste ano, em formato de Medida Provisória nº 58 e dispõe sobre a reestruturação da rede municipal de Saúde.

SISTEMA CARCERÁRIO

O desembargador Carlos Martins Beltrão Filho e a juíza auxiliar da Presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) Maria Aparecida Sarmento Gadelha foram designados para compor o Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e Socioeducativo. O Ato nº 12/2025 com a designação foi publicado no Diário da Justiça eletrônico da quinta-feira (6).

GESTORES DO RN CONHECEM PROJETOS TURÍSTICOS NA PARAÍBA

Cidades do Brejo e do Cariri paraibanos receberão visita técnica, nos próximos dias 13 e 14, de secretários e prefeitos dos municípios do território Serras do Brejo, do Rio Grande do Norte, e de gestores do Sebrae-RN. Eles conhecerão os projetos turísticos da comunidade Chã de Jardim e o Engenho Triunfo, em Areia, e o potencial turístico cinematográfico e coureiro da comunidade da Ribeira, em Cabaceiras.


Foto: Carlos Rodrigo

Mário Borba

Presidente do sistema Faepa/Senar

"Temos um estado muito promissor"

Gestor de sistema que incentiva a agricultura e a pecuária destaca a gama de produções e vocações rurais da Paraíba

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

A Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa) reúne, no estado, uma série de produtores rurais de pequeno a grande porte. O trabalho de acompanhamento das demandas trazidas pelos trabalhadores, da potencialidade de cada setor em cada região paraibana e dos gargalos que esse grupo ainda enfrenta faz com que a federação consiga mapear as ações realizadas e apontar os possíveis rumos da nossa produção agropecuária. Junta-se a ela o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), responsável por propor e executar ações de aprendizagem e capacitação de quem já lida com a agricultura e a pecuária no seu dia a dia, como também para aquelas pessoas que veem nessas atividades um mercado em potencial para atuar. Nesta entrevista, conversamos com o presidente do sistema Faepa/Senar, Mário Antônio Pereira Borba, sobre os setores que mais empreenderam em 2024 e as perspectivas da produção paraibana para 2025.

A entrevista

Quais foram os pontos altos da agricultura e da pecuária no estado da Paraíba em 2024?

Em 2024, tivemos um Produto Interno Bruto (PIB) na Paraíba com mais de 6%, com o qual o setor agropecuário contribuiu com mais de 3%. E com condições de contribuir muito mais, porque muita matéria-prima beneficiada, em vez de ser avaliada como matéria-prima, é avaliada pela industrialização desse produto. Então o setor agropecuário perde um pouco por isso. E não aparece esse ganho para o setor agropecuário. Principalmente a Paraíba, um estado no centro do Nordeste, que, embora pequeno, tem infraestrutura com ligações a todos os outros estados da região. O estado apresenta cinco regiões totalmente diferentes, com produções e vocações distintas. Temos um Litoral com cana-de-açúcar e frutas, como o abacaxi. Nosso estado é o terceiro produtor de cana-de-açúcar do Nordeste e o terceiro produtor de abacaxi do Brasil; tem empresa exportando frutas para mais de 30 países. A Paraíba também tem avicultura forte, com empresa produzindo e processando mais de 140 mil aves por dia, construindo fábrica de ração com investimento acima de R$ 200 milhões, uma das mais modernas da América do Sul. Temos um potencial grande no Litoral com o turismo também. E não podemos esquecer o Brejo, exemplo para todo o Brasil, que, hoje, está produzindo cachaça tanto quanto Minas Gerais. As cachaças da Paraíba têm sido premiadas no Brasil inteiro e fora do país. Se você leva em consideração o Cariri, a região mais seca, você tem a caprinocultura leiteira, industrializada, que passa pelo laticínio. A Paraíba é o maior produtor de leite de cabra do Brasil. Isso envolve geração de emprego e renda, e fixa o homem no campo. Temos também a mineração no Semiárido. Você vai ao Sertão, outra região totalmente diferente, onde você tem as Várzeas de Sousa, onde você tem uma empresa de laticínios enorme, que é a Isis, conhecida no Nordeste todo. Em termos de qualidade, é um dos melhores laticínios do Brasil. Temos a transposição [do Rio São Francisco], trazendo enriquecimento às regiões. Não podemos esquecer o trabalho do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Humano (Sedh), que está levando doações de equipamentos a pequenas indústrias. Se você vai para Sousa, você tem o beneficiamento do coco; são mais de 50 mil cocos beneficiados por dia. São 240 empregos diretos. Você vê uma universidade estadual em Sousa, um instituto federal também, com hospital veterinário, com tudo isso. E temos a participação de quem contribuiu também com isso, que é assistência técnica gerencial do Senar. Ainda em relação à cana-de-açúcar, temos sete usinas de cana de álcool e açúcar aqui no Litoral. Somos o terceiro produtor de açúcar aqui do Nordeste e temos uma geração de emprego grande. Cada usina gera empregos diretos. Em período de safra, há mais de cinco mil pessoas trabalhando diretamente, saindo de 60 a 70 toneladas de cana por hectare para 160 toneladas, fazendo drenagem subterrânea, irrigação subterrânea. Tudo isso é tecnologia. E temos um estado muito promissor nessa questão do seu crescimento. Temos, ainda, a uva implantada em Sousa, fazendo vinho na Paraíba. E vem, além disso, o turismo, não só na região do Litoral, mas também na região do Brejo, com condomínios, muita coisa na área de turismo, levando em consideração clima, altitude, água, enfim, muita coisa. E temos uma pecuária também. Embora a gente importe carne de outros estados, principalmente do Tocantins, do Pará, do Maranhão, do Mato Grosso, a Paraíba também tem um rebanho significativo, temos alguns frigoríficos já certificados também. Lógico que temos que ter parceria, com universidade, com a Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecupária], com o governo, com o Insa, que é o Instituto Nacional do Semiárido, enfim, várias entidades participaram desse processo. Não podemos esquecer a parceria do Sebrae, que tem dado apoio muito grande, o Sistema S como um todo. Há ainda a questão energética. O setor sucoalcooleiro é um produtor de energia renovável também. Temos também a questão da energia eólica e solar, que vem contribuindo com isso também.

> **A Paraíba é o maior produtor de leite de cabra do Brasil. Isso envolve geração de emprego e renda, e fixa o homem no campo**

O Senar trabalha principalmente com capacitação e aprendizagem dos trabalhadores rurais. Como acontece esse trabalho? E, já que estamos falando de 2024, como a atuação do Senar de treinamento contribuiu para que a gente veja o estado como ele está agora?

Nós, no ano de 2024, tivemos 165 técnicos agropecuários contratados diretamente pelo Senar. E tivemos quase cinco mil propriedades rurais que foram assistidas pela assistência técnica do Senar. São mais de 80 cursos que a gente tem dentro da grade curricular, levando conhecimento a esse produtor rural. Tivemos, em 203 municípios, durante o ano de 2024, assistência técnica gerencial; temos os programas de formação profissional; temos também os programas na área de ação social, programas sociais. Vinte por cento dos nossos recursos vão para a área social. Temos a educação também, o técnico em agro, um curso de dois anos dividido em quatro períodos de seis meses, do qual temos polo em Alagoa Grande, João Pessoa, Campina Grande, Catolé do Rocha, Sousa, e, agora, estamos abrindo outro em Sumé e outro em Itaporanga. Então estamos com sete polos de educação profissional, de assistência de técnico em Agronegócio em várias cadeias produtivas, técnico em Agronegócio, Administração de Agronegócio, Zootecnia também. Estamos fazendo esse trabalho e temos também a Faculdade CNA [Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil], que também entra dentro desse programa como um todo. Estamos nesses polos e estamos construindo um polo, uma representação do Senar com parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no *campus* de Areia. O Sindicato [de Trabalhadores Rurais] de Sousa fez um comodato [contrato de empréstimo] de 25 anos com o Senar para que a gente possa construir um centro de treinamento na região. Sousa é um polo com 8.700 hectares de áreas irrigáveis, estamos fazendo esse trabalho e vamos começar a construção desses 780 m² de área. Temos também, aqui, ao lado da sede da federação, uma área com 360 m², onde vai ser construído um auditório para 200 lugares, que vai ser ligado ao nosso Senar, para que a gente possa aumentar cada vez mais a assistência técnica do homem do campo.

O senhor falou de alguns gargalos, principalmente sobre certificação e formalização dos processos. Como esses gargalos podem ser ajustados? Com tecnologia? Com educação?

Quando eu falo sobre certificação, processos, digo que a gente precisa de gente qualificada. Nós temos a estrutura que existe na Paraíba, hoje, que não é suficiente em número de pessoas para atender à necessidade que o estado tem. Então a gente precisa de pessoas, precisa da organização da própria secretaria, no sentido que a gente possa melhorar esse trabalho. Quando eu falo na defesa animal e vegetal, a gente precisa criar essa agência, a gente precisa contratar essas pessoas, precisa recuperar as unidades de vigilância sanitária no interior, que são 28 espalhados em todo o estado, para que a gente possa dar a condição necessária para essa formalização de processo, para as certificações, para que facilite esse trabalho junto aqui à secretaria [estadual de direitos humanos].

> **Tivemos quase cinco mil propriedades assistidas pelo Senar. São mais de 80 cursos que a gente tem dentro da grade curricular**

Falando de 2025, quais as expectativas e as perspectivas em termos de produção? O senhor falou de várias produções pelo estado, mas o que pode ser destacado agora em 2025?

Nós temos a cana-de-açúcar, que é, em termos de volume, nosso carro-chefe, a produção do etanol, do açúcar; a usina que produz sua energia própria e às vezes até vende, ou fica com crédito na hora que sobra. É um setor pujante, que vem usando uma tecnologia moderna, principalmente essa área de irrigação, da irrigação subterrânea. É um setor que a gente espera que cresça cada vez mais, não em área, mas em termos de qualidade, diante da pesquisa, diante da ciência, que ela continue crescendo. Para você ver, no passado, a gente tinha 12 ou 13 usinas produzindo seis, sete milhões de toneladas de cana. Hoje, temos sete usinas produzindo mais do que produzia com 13 no passado. Temos o abacaxi, de que a gente espera uma recuperação na Paraíba, que já foi o primeiro produtor de abacaxi do Brasil, hoje está em terceiro, esperamos que venha para segundo ou primeiro. Para você ter uma ideia, a empresa Doce Mel está indo buscar abacaxi no Pará para sair daqui da Paraíba para os países da Europa. Então existe um espaço para que o nosso produtor possa também plantar abacaxi. Tem abacaxi saindo daqui para o Rio Grande do Sul. Sai de Mamanguape e Itapororoca, todo dia, uma carreta de abacaxi. É um setor importante que a gente espera que cresça. Sobre as frutas, vem acontecendo isso também. A Paraíba tem solos excelentes, com a transposição leste entrando por Monteiro, tem a transposição que vem pelo Vale do Piancó, que é outro projeto, tem a transposição entrando em São José de Piranhas. Com isso, a Paraíba vai se tornar um dos estados do Nordeste mais viáveis para irrigação.

> **A Paraíba tem solos excelentes, com a transposição leste entrando por Monteiro, e vai se tornar um dos estados do Nordeste mais viáveis para irrigação**

DIVERSIDADE ARQUITETÔNICA

Belezas que sobrevivem ao tempo

Edificações preservadas enriquecem paisagem urbana de João Pessoa e testemunham suas transformações

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Fundada em 1585 por colonizadores portugueses, João Pessoa nasceu de costas para o mar, ao contrário das demais capitais do país banhadas pelo Oceano Atlântico. As primeiras edificações da cidade, uma das mais antigas do Brasil, foram erguidas às margens do Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba, no bairro do Varadouro. Hoje conhecido como o Centro Histórico de João Pessoa, o berço da capital preserva uma variedade de referências arquitetônicas tradicionais do período colonial. Mas esse não é o único lugar do município onde estilos diversos de arquitetura misturam-se a marcas da história pessoense.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), João Pessoa possui 502 construções tombadas, que representam uma área de 370 mil m², abrangendo 25 ruas e seis praças, todas representativas dos vários períodos vivenciados pelo município.

Mudanças

A arquiteta Maria Helena Azevedo, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), diz que as origens da cidade, ainda como Filipeia de Nossa Senhora das Neves, foram caracterizadas por construções no estilo chamado de chão português, presente, por exemplo, nas formas "austeras e sóbrias" da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia. "A Basílica de Nossa Senhora das Neves também foi construída em chão português. No entanto, ela passou por uma reforma no século 19, que a deixou com as feições atuais", pontua a especialista, explicando que outras alterações, implementadas ao longo do tempo, acrescentaram novos elementos à paisagem arquitetônica da capital.

"João Pessoa é uma cidade de 439 anos que se modificou muito, do ponto de vista construtivo. O que eu quero dizer é que, quando havia mudanças estéticas na linguagem da arquitetura, era comum as pessoas incorporarem essas mudanças na fachada dos seus edifícios. Com isso, muitas das características das primeiras casas construídas na cidade foram modificadas com a introdução de novos elementos", comenta Maria Helena.

De acordo com o também arquiteto Filipe Valentim, essas transformações podem ser conferidas em diferentes cenários da Cidade Alta, onde "a gente encontra arquiteturas neoclássicas, ecléticas, que foram elaboradas no período colonial, mas constantemente renovadas ao longo do tempo", como se observa na Avenida General Osório e na Rua Duque de Caxias, ambas no Centro de João Pessoa.

Foto: Carlos Rodrigo



Foto: Leonardo Ariel



Centro Histórico guarda referências do período colonial; Igreja de São Francisco é patrimônio barroco

Templos católicos antigos são exemplares de estilos variados

Apesar das sucessivas modificações, o município ainda ostenta edificações antigas que não apenas mantiveram seus aspectos originais, como também se tornaram exemplares admirados de estilos arquitetônicos consagrados. É o caso do Convento de Santo Antônio — mais conhecido, hoje, como a Igreja de São Francisco —, tombado pelo Iphan, em 1952, e nacionalmente reconhecido como uma obra-prima do barroco.

De fato, conforme esclarece Filipe Valentim, esse estilo está presente, principalmente, na arquitetura religiosa, marcando-se "por uma temática bastante decorada, exuberante, com muitas reentrâncias, movimento e fachadas dinâmicas". Maria Helena aponta que os atributos barrocos também incluem "o uso de uma paleta de cores escura, o douramento da talha — técnica que pode ser vista na Capela da Ordem Terceira de São Francisco — e o uso da vieira, uma concha característica desse estilo".

Contextualizando seu desenvolvimento, entre os séculos 16 e 18, a arquiteta detalha, ainda, que o templo da capital é fruto de um grande empreendimento arquitetônico regional. "Os franciscanos construíram 13 conventos no Nordeste do Brasil, entre a Bahia e a Paraíba. O convento da Paraíba não passou por nenhuma grande transformação morfológica, apresentando, até os dias atuais, o cruzeiro, o adro e a cerca conventual, tal qual como foi construído, há muitos anos", enfatiza.

Além do barroco e do chão português, outro estilo chama atenção quando se passeia pelo conjunto histórico de edificações religiosas de João Pessoa: a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, como define Maria Helena, "é um belo exemplar do rococó", exibindo retábulos talhados por meio da técnica de cantaria em pedra calcária. A especialista cita algumas diferenças trazidas por esse estilo: "O rococó passou a usar cores claras e a concha barroca foi substituída pelas *rocailles* [curvas da decoração]".

Além do chão português e do barroco, edificações também incluem elementos do rococó, outra tradição arquitetônica

Linguagens neoclássica e eclética decoram construções diversas

Como observado pelo arquiteto Filipe Valentim, os estilos neoclássico e eclético também decoram os cenários urbanos preservados da cidade, conferindo ainda mais diversidade à arquitetura pessoense. Ambos se distinguem, segundo ele, pela retomada de elementos arquitetônicos clássicos, como os frontões — ornamentos, geralmente triangulares, colocados no topo da parte central de edifícios — e as platibandas decoradas — faixas verticais que emolduram a parte superior de construções, escondendo o telhado.

"Esse trabalho foi feito nas fachadas das construções; então, a gente tem, na Av. General Osório, uma série de residências com a implantação do lote em modelo colonial — casas geminadas, coladas umas nas outras, com frentes estreitas —, mas com fachadas decoradas e ornamentadas num estilo mais voltado para as décadas de 10 e 20 do século 20, período em que essas casas foram renovadas", conta.

Maria Helena indica que o neoclássico pode ser apreciado na Biblioteca Augusto dos Anjos, no Palácio do Bispo e na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Já a "profusão de informações" típica do estilo eclético, conforme ela, aparece em construções como a loja maçônica na Av. General Osório e em algumas casas na Rua das Trincheiras, como a sede do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

"Quando observamos os dois primeiros eixos de expansão da cidade, que são a Rua das Trincheiras e o bairro de Tambiá (incluindo a Rua Odon Bezerra e a Praça da Independência), encontramos, ainda, edifícios nas linguagens *art nouveau* e *art déco*, como o prédio da Secretaria de Finanças", complementa a arquiteta.

Esses e outros edifícios, como reforça Filipe, formam um rico legado para recontar a história da cidade e do país. "Sendo tão antiga, João Pessoa passou por muitas transformações, mas elas aconteceram sobre uma base já estabelecida, um tecido urbano consolidado, então temos essas reminiscências dos velhos tempos convivendo com obras mais contemporâneas, e preservá-las nos ajuda a compreender que a longa história da capital permanece nesses resquícios", frisa ele, defendendo que proteger a integridade desse patrimônio ajuda a fortalecer a identidade e o senso de pertencimento da população pessoense.

Foto: Carlos Rodrigo



A Igreja do Carmo apresenta aspectos típicos do rococó

MISSA DE TRIGÉSIMO DIA

José Cardoso

11/07/1951 ✝ 06/01/2025

Convidamos para a missa de trigésimo dia em memória de José Cardoso da Cruz Filho, um pai amado, jornalista apaixonado por sua profissão, amigo leal e querido por todos. Sua lembrança permanece viva em nossos corações. Agradecemos a todos que puderem unir-se a nós em oração para homenagear sua vida e legado.

DOMINGO, 09 DE FEVEREIRO ÀS **9H50**

Seminário Arquidiocesano da Paraíba - Imaculada Conceição
Conj. Pres. Castelo Branco I, João Pessoa - PB, 58050-010

AMAXOFOBIA

Quando dirigir se torna um desafio

Segundo a Organização Mundial de Saúde, 6% das pessoas com carteira de habilitação temem conduzir um veículo

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Dirigir é, para muita gente, o símbolo máximo de liberdade: a possibilidade de ir e vir, sem depender de ninguém. No entanto, para cerca de 6% da população brasileira com carteira habilitação, o volante pode representar, exatamente, o oposto — uma fonte de ansiedade e angústia. As estimativas são da Organização Mundial da Saúde (OMS), mas especialistas arriscam dizer que pelo menos dois milhões de brasileiros enfrentam essa condição em maior grau. Além disso, estudos, psicólogos e instrutores de trânsito são unânimes ao apontar que quase 80% dessas pessoas são mulheres.

Do ponto de vista técnico, quando dirigir deixa de ser uma habilidade cotidiana e se transforma em um medo intenso, que provoca sintomas como crises de ansiedade, tremores e até paralisias, ele recebe o nome de amaxofobia. Trata-se de uma fobia multifatorial, alimentada por vivências emocionais, sociais e até culturais. E, em uma sociedade como a brasileira, que até hoje reproduz preconceitos em relação à direção feminina, não é difícil entender por que tantas mulheres continuam a se sentir desconfortáveis ao volante.

Apesar da falta de estudos voltados ao trânsito paraibano, a realidade por aqui não é diferente. Segundo João Victor da Silva Barbosa, que atua como instrutor de trânsito para motoristas habilitados em João Pessoa, a impaciência de muitos homens ao tentar ensinar suas esposas ou parentes acaba sendo um dos maiores fatores de bloqueio emocional. “Eu diria que 80% das mulheres que chegam aqui dizem a mesma coisa: ‘Meu marido não me deixa dirigir porque eu vou bater o carro ou dar prejuízo. Quando tento, ele grita e me faz sentir ainda pior’. E isso tudo causa um trauma que muitas vezes elas nem sabem como superar”, relata.

Imagine um professor sem nenhuma didática, que transforma o aprendizado em um teste de nervos ao exigir perfeição. Longe de incentivar o aluno, essa abordagem só alimenta sua insegurança, transformando um momento antes prazeroso em uma experiência estressante — assim como no filme “Whiplash”. Na trama, um jovem baterista vê sua paixão pela música ser transformada em uma batalha psicológica, em que cada erro é punido de forma implacável, beirando o abuso emocional. O exemplo, apesar de extremo, mostra bem como a falta de empatia pode ser desastrosa. João Victor concorda: “O marido, o pai ou outro familiar coloca tanto peso na ideia de que elas não podem errar, que o simples fato de pegar no volante vira um pesadelo”.

Para ele, o segredo para superar essa barreira emocional está na reconstrução de uma relação de confiança com a direção. “Não adianta querer avançar demais no começo. Começamos em lugares tranquilos, e cada pequeno progresso precisa ser comemorado”, reflete. A paciência, segundo João Victor, é o alicerce de todo o processo de aprendizagem e a chave para ressignificar essa experiência.

Histórias

Os desafios relatados pelo instrutor de trânsito ficam evidentes nas histórias de mulheres como Thaís Danielly de Lima Pegado, de 42 anos, que enfrentou por muito tempo o medo de dirigir. Durante anos, ela contou com o marido para se locomover, mas, após ficar viúva, a dependência de terceiros para tarefas simples, como levar o filho à escola, começou a pesar. “Fiquei viúva e, mesmo tendo um carro na garagem, precisava de Uber ou do meu pai para levar e buscar meu filho na escola. Era frustrante”, relembra.

A necessidade acabou sendo o empurrão que faltava para Thaís decidir enfrentar o medo e superá-lo de vez. Três anos antes, ela já havia tentado a mesma manobra, recorrendo a uma escola de direção para habilitados, mas dirigir seguia sendo uma “grande questão” em sua vida. Desta vez, a determinação foi diferente. Thaís voltou à mesma escola e recomeçou do básico, passo a passo. “Hoje, dirigir é minha terapia, minha sensação de independência e liberdade. Nunca me senti tão capaz”, reflete, com orgulho.

Porém, nem todas as histórias sobre a amaxofobia terminam diante do volante. Vânia Fonseca, de 60 anos, é um exemplo disso. Embora ela desejasse com bastante afinco dirigir seu próprio carro — tanto que chegou a comprar um veículo 0 km para praticar —, ela nunca conseguiu se sentir realmente à vontade conduzindo um veículo. E tentativas não faltaram para acabar com o medo. Vânia fez aulas específicas para habilitados, investiu em terapia e buscou estratégias para lidar com o problema, mas o desconforto parecia intransponível. “Eu sentia pavor. Até o cheiro de carro novo me deixava desconfortável. Olhava para ele e dizia: ‘Hoje, eu não mereço isso’”, relembra.

Assim como Thaís, ela também enfrentava uma avalanche de sensações negativas quando estava diante do volante. O medo de bater em outro veículo, de ferir alguém ou de não conseguir prestar atenção a tudo ao mesmo tempo era uma constante. Além disso, sintomas físicos, como tremores e coração acelerado, reforçavam a sensação de insegurança.

Apesar de todas essas dificuldades, Vânia não desistiu. Durante anos, ela se esforçou para mudar essa realidade, alternando entre momentos de determinação e desânimo. Vendeu o primeiro carro, mas anos depois comprou outro veículo — desta vez seminovo. De fato, ela queria muito superar o medo, mas, com o passar do tempo, começou a perceber que insistir estava trazendo mais sofrimento do que benefícios.

Além disso, a falta de apoio do marido também não ajudou. “Ele dizia que eu era nervosa, e isso me fazia sentir ainda mais insegura”, relembra. Hoje, em paz com as suas escolhas, ela optou por aceitar seus limites. “Tentei muito, mas cheguei à conclusão de que dirigir não é para mim. E tudo bem. Não me culpo mais por isso”, finaliza.


Foto: Arquivo pessoal

Thaís Pegado enfrentou o medo de conduzir um carro e, atualmente, considera a prática de dirigir sinônimo de liberdade


Foto: Arquivo pessoal

Tentei muito, mas cheguei à conclusão de que dirigir não é para mim. E tudo bem. Não me culpo mais por isso

Vânia Fonseca

Terapia, apoio familiar e prática ao volante podem reverter situação

Às vezes, a combinação de terapia, prática e apoio já é suficiente para ressignificar o volante como símbolo de liberdade. Mas, quando se trata do comportamento humano, não há uma fórmula secreta que garanta o resultado desejado. Independentemente de qual seja o caso, a amaxofobia é, e sempre será, algo bem mais complexo do que simplesmente reaprender a dirigir. É nesse ponto que o olhar técnico de especialistas, como o do psicólogo Elinaldo Quirino Leal, mestre em Desenvolvimento Humano e diretor do Instituto Logus de Psicologia, ajuda a compreender as camadas desse medo.

De acordo com o psicólogo, a amaxofobia é uma fobia que pode ser desencadeada por diversos fatores,como traumas, influências culturais e predisposições emocionais. A origem do termo remonta ao grego “*phobos*”, que significa medo e faz referência a um personagem da mitologia que simboliza o terror intenso. O medo, como destaca o especialista, é algo natural e até necessário para lidar com desafios, mas, quando intensificado, pode se transformar em uma barreira emocional. “Dirigir, mesmo para quem não tem medo, já é um fator ansiogênico [que gera ansiedade] por envolver uma série de decisões em frações de segundo. Para quem tem ansiedade ou viveu alguma experiência negativa, isso pode ser ampliado a ponto de se tornar paralisante”, explica.

Sendo assim, esse sentimento, quando exacerbado, pode gerar comportamentos de esquiva ou evitação que alimentam ainda mais a ansiedade. Os sintomas físicos, como tremores, taquicardia e sudorese, muitas vezes vêm acompanhados de confusão mental e pensamentos catastróficos, reforçando a sensação de descontrole.

Aliás, o medo de dirigir está ligado justamente a isto: à possibilidade de perder o controle. “Ter medo não é errado; na verdade, é uma resposta natural do ser humano. Significa que você se importa com o que está fazendo. O problema é quando esse medo se intensifica a ponto de ser incapacitante, geralmente por conta de um trauma, uma imagem ou uma situação que marcou profundamente o indivíduo”, detalha o psicólogo.

Em alguns casos, o medo pode estar associado a diferentes tipos de trauma: vivido, assistido ou até herdado. “Pode ser ligado a um trauma direto, como um acidente, ou algo observado, como presenciar situações de perigo. Além disso, algumas pessoas já têm um sentimento de insegurança latente, uma predisposição, e são naturalmente ansiosas”, acrescenta Elinaldo.

Pressão cultural

Além dessas questões — que variam de pessoa para pessoa —, há também o peso do fator cultural que só reforça a ideia equivocada de que as mulheres não são habilidosas no trânsito. E, como ele bem destaca, a realidade é bem diferente disso. “Elas são cautelosas, têm maior percepção de risco e geralmente dirigem melhor que os homens. Mas foram, historicamente, ensinadas a acreditar que não são habilidosas com máquinas. Isso gera uma insegurança que atravessa gerações”, pontua.

Outro estereótipo igualmente prejudicial é a crença de que os homens, por natureza, são apaixonados por carros e que todos, sem exceção, devem saber dirigir. Desse modo, quando um homem não dirige, essa pressão cultural pode desencadear um forte sentimento de inadequação. “Eles ficam envergonhados, o que afeta a autoconfiança e, por consequência, a autoestima”, completa o psicólogo. É importante lembrar que essas situações — que limitam e resultam em dependência — impactam tanto homens quanto mulheres. Afinal, medo não tem gênero.

Diante dessas reflexões, qual seria a melhor solução para superar a amaxofobia? Para Elinaldo, a solução não está apenas na prática, mas em um trabalho interno, capaz de desconstruir as crenças limitantes que alimentam o medo. A terapia cognitivo-comportamental (TCC), segundo ele, aparece como uma das abordagens mais eficazes nesse processo. “Ressignificar crenças, expor-se gradativamente e desenvolver controle sobre as emoções é essencial para superar o medo”, afirma. O psicólogo também destaca a importância de criar um ambiente seguro para o aprendizado, onde o erro seja aceito como parte do processo.

Saiba Mais

Uma pesquisa internacional (Scrap CarComparison) colocou o Brasil como o oitavo país mais desafiador para turistas ao volante. O dado evidencia que o trânsito brasileiro, dependendo das vivências de quem dirige, pode facilmente se tornar uma experiência traumática.

COMARCA DE JOÃO PESSOA-PB. 15ª Vara Cível da Capital. Cartório Unificado Cível da Capital. EDITAL DE CITAÇÃO. PRAZO: 20 (VINTE) DIAS. PROCESSO: 0810404-41.2016.8.15.2001. O MM. Juiz de Direito da vara supra, em virtude de lei, etc, FAZ SABER a todos quanto o presente Edital virem ou deste conhecimento tiverem que por este Juízo e Cartório da 15ª Vara Cível da Capital. Cartório Unificado Cível da Capital, tramitam os autos do processo acima proposto por BANCO BRADESCO CARTOES S.A. em desfavor de HAILTON CUNHA TEIXEIRA DE CARVALHO, atualmente em lugar incerto e não sabido. Tem o presente Edital a finalidade de de INTIMAR o promovido Nome: HAILTON CUNHA TEIXEIRA DE CARVALHO, Endereço: AV DOIS DE FEVEREIRO, 559, GP C, RANGEL, JOÃO PESSOA - PB - CEP: 58670-000, por este não tido sido encontrado no endereço indicado nos autos, para que pague a dívida/condenação de R$ 69.274,45 (sessenta e nove mil, duzentos e setenta e quatro reais e quarenta e cinco centavos), no prazo de 15 (quinze dias dias), sob pena de incidência de multa de 10% (dez por cento) sobre o valor principal e, também, de honorários advocatícios, nos termos do art. 523, § 1º, do CPC. Transcorrido o prazo para pagamento, sem que este seja efetuado voluntariamente, inicia-se o prazo de 15 (quinze) dias para que o Executado, independentemente de penhora ou nova intimação, apresente, nos próprios autos, sua impugnação (art. 525). Advertindo-se, ainda, que será nomeado curador especial em caso de revelia, (art. 257, IV, CPC). E, para que a notícia chegue ao conhecimento de todos e ninguém possa alegar ignorância, mandou o (a) MM. Juiz(a) de Direito da 15ª Vara Cível da Capital , expedir o presente Edital que será publicado forma da Lei. Sendo, uma vez no DJEN - Diário de Justiça Eletrônico Nacional, na rede mundial de computadores e em jornal local de grande circulação às custas da parte interessada/autora, a teor do paragrafo único do art. 257 do CPC e conforme determinação judicial contida nos autos. Cumpra-se. Dado e passado nesta cidade João Pessoa – PB. Aos 24 de janeiro de 2025.

ASSÉDIO VIRTUAL

Ofensas e ameaças saltam das telas

Tendo mulheres como os alvos mais comuns, crime cometido via internet provoca danos sociais e psíquicos

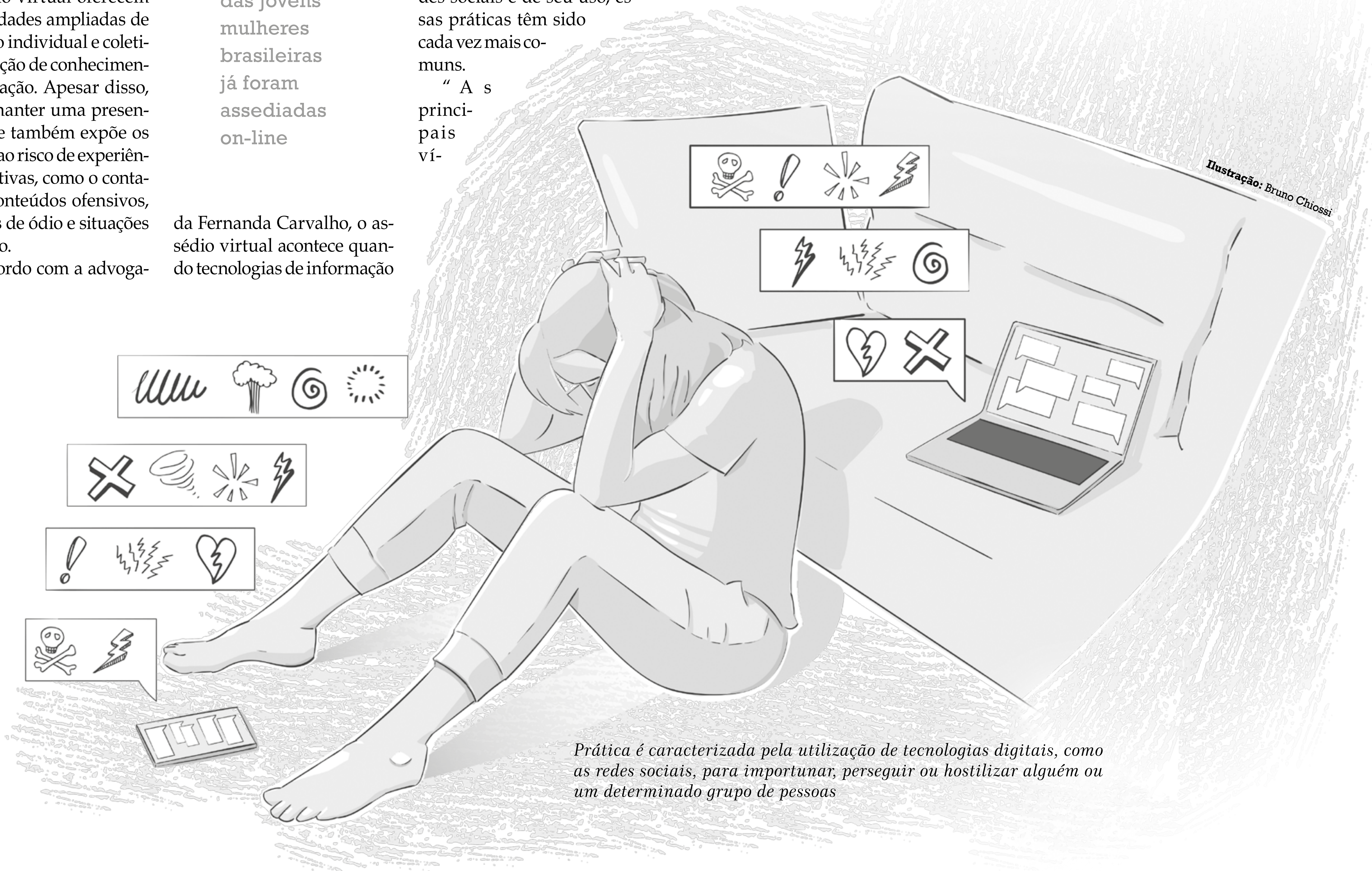
Carolina Oliveira
marquesdeoliveira@gmail.com

Redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e outros espaços participativos do mundo virtual oferecem oportunidades ampliadas de expressão individual e coletiva, aquisição de conhecimento e interação. Apesar disso, porém, manter uma presença on-line também expõe os usuários ao risco de experiências negativas, como o contato com conteúdos ofensivos, discursos de ódio e situações de assédio.

De acordo com a advogada Fernanda Carvalho, o assédio virtual acontece quando tecnologias de informação e comunicação, como a internet, são utilizadas como ferramentas para "importunar, intimidar, perseguir, ofender ou hostilizar alguém". No Brasil, com a expansão das redes sociais e de seu uso, essas práticas têm sido cada vez mais comuns.

"As principais vítimas são adolescentes e jovens. Mas, além deles, não podemos nos esquecer das mulheres, que também são vítimas de ataques, principalmente de cunho sexual", destaca a especialista. De fato, segundo um levantamento divulgado, em 2020, pela organização não governamental (ONG) Plan International, 77% das jovens mulheres brasileiras, entre 15 e 25 anos, relataram já ter sido alvo de assédio via internet, sendo que a maioria delas revelou ter começado a sofrer esse tipo de crime entre os 12 e os 16 anos.

■ Um estudo de 2020 aponta que 77% das jovens mulheres brasileiras já foram assediadas on-line


Ilustração: Bruno Chiossi

Prática é caracterizada pela utilização de tecnologias digitais, como as redes sociais, para importunar, perseguir ou hostilizar alguém ou um determinado grupo de pessoas

Vítima de ex-namorados foi xingada e intimidada de forma recorrente

A paraibana Bruna (nome fictício) foi alvo, por duas vezes, de assédio virtual recorrente, cometido por homens com quem se relacionou. "Ambos foram relacionamentos que duraram menos de seis meses", observa ela, frisando que, nos dois casos, decidiu romper após notar comportamentos que não lhe agradavam. Os assédios tiveram início após os términos.

"Terminei o namoro com Antônio [nome fictício] ao perceber falas e atitudes estranhas acerca de sua visão sobre mulheres. Quando acabei, ele chegou a aparecer gritando na frente do meu prédio", lembra Bruna. Antônio ainda a proibiu de ter contato com familiares e amigos dele, antes de se afastar dela. "Reapareceu meses mais tarde, com perfis *fakes*, mandando-me mensagens ofensivas e me xingando. Depois, dizia que queria ser meu amigo e acabar com o mal-estar entre nós, mas precisava ser nos termos dele: sabendo onde eu morava, com quem ficava, onde trabalhava — informações que ele descobria, muitas vezes, por conta própria", detalha.

Rejeitando a proposta do ex-namorado, Bruna diz ter passado a ignorá-lo, mas seguiu recebendo mensagens em tom intimidatório, como: "Naquele dia em que você passou por mim, fechou a cara e andou rápido, achei legal você ter medo de mim". "Com o passar dos meses, a insistência e a forma de falar comigo foram me deixando assustada e me fazendo acreditar que ele podia ser uma pessoa potencialmente perigosa", conta ela, revelando que a situação se prolongou por vários anos, entre períodos de distanciamento e novas investidas.

Temerosa, Bruna recorda que mantinha suas redes sociais fechadas para usuários que não faziam parte de seus contatos pessoais. Mas, além do medo, ela também convivia com a revolta, "por sentir que alguém achava que eu, simplesmente, não tinha o direito de terminar um relacionamento". E, apesar de as mensagens terem cessado há anos, ela ainda se preocupa com a possibilidade de lidar novamente com Antônio: "Sempre que algum perfil estranho tenta me adicionar nas redes, logo penso que pode ser ele".

Surpresa e confronto

O segundo caso de assédio vivido por Bruna ocorreu alguns anos após o primeiro, envolvendo João (nome fictício). Depois de ter rompido o namoro de uma forma "aparentemente tranquila", ela se viu surpreendida pelas atitudes dele. "Ao saber que eu estava em uma festa, com algum outro homem, ou viajando, ele mandava mensagens me xingando", diz Bruna, que decidiu bloqueá-lo de suas redes sociais e de seu telefone. "Mas, então, ele mandava mensagens pelos celulares da mãe, do irmão ou de amigos. Eu saía bloqueando tudo, até que ele parou com isso".

Bruna acreditava que João havia superado o fim do relacionamento, mas seria novamente surpreendida. "Anos depois, eu já estava com outro número de celular e havia me mudado de cidade, quando chegaram umas mensagens muito ofensivas, desejando minha morte — com descrições, inclusive, de como a pessoa gostaria que eu morresse. Descobri que aquele telefone era o novo número dele, mas, até hoje, não sei como ele descobriu o meu", admite ela, destacando que, dessa vez, decidiu confrontar o assediador: "Respondi, de forma muito assertiva, que, se ele tentasse contato comigo mais uma vez, eu iria denunciá-lo por assédio virtual, detalhando todos os comportamentos dele e como se enquadram na lei, e o bloqueei novamente. Há alguns anos, ele também não fala mais comigo".

Impactos

Bruna reflete que essas vivências a impactaram de maneiras distintas; o primeiro caso ocorreu em uma época em que, na sua avaliação, não se discutia tão abertamente o tema do assédio virtual. "Eu sequer conseguia ver a prática como assédio. Na segunda vez, eu já entendia o que era, e foi o que cheguei a falar para o rapaz", pontua. Ela confessa, porém, que nunca denunciou os assediadores, por temer que as autoridades "demorassem a fazer algo a respeito e que, nesse meio tempo, esses homens, sentindo ainda mais raiva de mim, chegassem a me fazer um mal maior".

Leis de segurança e privacidade na rede amparam busca por justiça

Para proteger-se do assédio virtual e combatê-lo, de acordo com a advogada Fernanda Carvalho, é importante prestar atenção a algumas práticas que configuram o crime, como: o compartilhamento de dados ou fotos íntimas de terceiros sem consentimento; o envio de mensagens com conotação sexual; e a difusão de rumores que afetem a honra de alguém, além da propagação de comentários pejorativos contra uma pessoa ou um grupo — seja por meio de perfis pessoais, contas falsas ou "robôs" em redes sociais, usados para veicular ofensas ou difamações que venham a causar danos à integridade física ou psíquica das vítimas.

Para buscar justiça, a especialista frisa que o Marco Civil da Internet é um aliado importante, podendo servir de embasamento jurídico para pedidos de fornecimento de dados vinculados a usuários acusados, como o número de protocolo (IP) de seus computadores e o código de identificação de seus celulares (Imei).

"Caso ainda sejam configuradas a invasão de dispositivos e a divulgação indevida de imagens e dados pessoais, envolvendo chantagem por dinheiro, pode ser tipificado um crime passível de pena e reclusão, tendo como preceito a Lei Carolina Dieckmann", salienta Fernanda. De fato, a Lei Federal nº 12.737, de 2012, contribuiu para uma maior conscientização da sociedade sobre o respeito à privacidade digital e estimulou a adoção de medidas mais rigorosas em favor da proteção de dados e da segurança na internet.


Foto: Arquivo pessoal

O mais importante é que as vítimas denunciem o assédio, seja ele praticado nos meios digitais ou de outras formas

Fernanda Carvalho

Providências

Conforme a advogada, há providências aplicáveis para cada tipo de crime on-line, sendo possível ingressar com ações judiciais nos âmbitos cível ou penal. Antes disso, contudo, ela destaca a importância de se buscar as autoridades policiais para o registro de um boletim de ocorrência, relatando toda a situação vivenciada, junto à Delegacia da Mulher, à Delegacia de Crimes Cibernéticos ou à Central de Polícia.

"É muito importante que as vítimas procurem fazer capturas de tela e salvem as mensagens, os áudios, publicações ofensivas e outras formas de interação que comprovem as condutas de assédio — e que, em tese, possam caracterizar algum delito, servindo de prova em uma futura ação penal ou indenizatória por danos morais", orienta Fernanda.

Em muitos casos, existem dificuldades na identificação dos assédios, mas, como aponta Fernanda, o maior obstáculo ainda é denunciá-los: "Acredito que o mais importante é que as vítimas tomem coragem e denunciem o assédio, seja ele praticado nos meios digitais ou de outras formas. Mais importante ainda é coibir o cometimento dessas atitudes perante a sociedade".

■ Advogada destaca a importância de registrar o caso em um boletim de ocorrência junto às autoridades policiais

TRANSPLANTE DE CORAÇÃO

PB é referência em cirurgia via SUS

Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires é um dos 43 do país a fazer o procedimento por meio do serviço público

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

O dia 26 de março de 2022 entrou para a história da saúde da Paraíba. Nessa data, foi realizado o primeiro transplante de coração em uma instituição pública do estado, o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, localizado em Santa Rita, e gerenciado pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde). O paciente beneficiado foi um homem de 60 anos, paraibano, que recebeu um novo coração de um jovem de 20 anos. Ao todo, no país, segundo o Sistema Nacional de Transplantes (SNT), há 60 hospitais habilitados para realizar transplantes de coração, sendo que 43 deles realizam os procedimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Desses, 35 confirmaram transplantes de coração em 2024; na Paraíba, foram seis procedimentos realizados pelo SUS.

O cirurgião cardiovascular, Antônio Pedrosa, que realizou o primeiro transplante de coração feito em um hospital público paraibano, conta que a instituição foi habilitada para realizar o procedimento em 2020, época em que ele também era diretor do Hospital Metropolitano. Mas, com a pandemia, quando os esforços de saúde se concentraram no combate à Covid-19, o índice de transplantes diminuiu em todo país, e o primeiro procedimento no Metropolitano só foi realizado dois anos depois.

"Na época da habilitação do Metropolitano, eu lembro que tudo nasceu com o objetivo de realizar, na Paraíba, algo inédito, que era um hospital público com capacidade de fazer transplantes. Duas instituições privadas já tinham feito e, de 2018 para 2019, a gente começou a fazer no Hospital Nossa Senhora das Neves também, mas não tínhamos isso no sistema público". O cirurgião destaca que, para a habilitação do hospital, foi preciso um processo de adequação e de investimentos por parte da Secretaria de Estado da Saúde do Estado da Paraíba (SES-PB).

"A Secretaria foi extremamente importante. Trata-se de um procedimento de muita complexidade, que foi sendo fomentado por meio da estrutura hospitalar, do transporte de órgãos, da Central de Transplantes e da vigilância de possíveis doadores. O Governo do Estado foi comprando essa ideia, por isso que ela aconteceu".

Segundo ele, para o estado alcançar esse *status*, desde a inauguração do hospital, em 2018, "a unidade foi crescendo, aumentando a capacidade de tratar patologias complexas do coração e neurológicas, até o momento em que havia as condições técnicas de habilitar o hospital para transplantes".

Na época, antes da habilitação, a unidade de saúde recebeu a visita de equipes do Sistema Nacional de Transplantes (SNT), ligado ao Ministério da Saúde (MS), que vieram avaliar a estrutura, equipe médica, cirurgiões, anestesistas, o centro cirúrgico, equipe multidisciplinar e outros aspectos do Metropolitano. Cumprida essa etapa, a unidade recebeu o aval e foi credenciada para a realização de transplantes. "Hoje, ele [o Hospital Metropolitano] é o único da Paraíba credenciado junto ao Ministério da Saúde para realizar transplante cardíaco inteiramente via SUS, evitando que pessoas que precisem dessa cirurgia tenham que sair do estado. Antes, isso era feito, geralmente, em Fortaleza, Recife ou Salvador. Mas, atualmente, temos o serviço aqui, pelo SUS", ressaltou Pedrosa, que também é o responsável técnico pelo programa de transplantes do Metropolitano.


Foto: Divulgação/Hospital Metropolitano

Primeiro transplante de coração do estado, realizado pelo Poder Público, ocorreu em 2022; recuperação do paciente Willis foi um sucesso

Foto: Evandro Pereira/Arquivo A União

Primeiro procedimento

Após a habilitação do Hospital Metropolitano, Antônio Pedrosa conta que o paciente que realizou o primeiro procedimento foi Willis Pereira Evangelista, que sofria de miocardiopatia dilatada, doença conhecida como "coração crescido". "Ele foi avaliado por meio do ambulatório. Foi averiguado que ele estava apto para o transplante e, com isso, foi colocado na fila para receber o órgão, que veio de Campina Grande. O coração foi transplantado, a recuperação foi excelente, e o paciente recebeu alta em excelentes condições clínicas. Foi um sucesso esse primeiro transplante realizado numa unidade 100% pública", contou ele.

O paciente recebeu alta cerca de um mês após o procedimento. Depois dessa experiência, o Hospital Metropolitano já realizou outros transplantes cardíacos. Em 2023, foram quatro, enquanto, em 2024, a unidade chegou a marca de seis transplantes realizados. A instituição se consolidou como referência em cardiologia e neurologia e, desde 2020, também possui o Ambulatório de Transplante, para atendimento a pacientes candidatos ao procedimento.

"Qualquer paciente com diagnóstico de insuficiência cardíaca, com baixa fração de ejeção, pode ser encaminhado para ser avaliado. Se for apto para o transplante, ele vai ser incluído na fila única do SNT e, quando houver um órgão compatível, ele é oferecido ao paciente. Aqui, ainda é possível realizar exames de alta complexidade, sem custo", destaca o médico que integra a equipe do Hospital Metropolitano. Além do transplante em adultos, o Metropolitano tornou-se o quinto hospital público do país habilitado para fazer transplante de coração pediátrico.

Doação de múltiplos órgãos registra alta de 28% no estado

Dados da Central Estadual de Transplantes apontam que, em 2024, foi registrado um total de 50 doações de múltiplos órgãos no estado. O número é o maior já contabilizado desde 2001 e 28% superior em comparação com o ano anterior, quando foram realizadas 39 doações.

Ao todo, foram 137 órgãos captados, entre coração, fígado e rins, além de 154 doadores de córneas (tecido). Quanto ao coração, grande parte dos doadores são vítimas de morte encefálica causada por trauma. Por isso, nos Hospitais de Emergência e Trauma de João Pessoa e Campina Grande, há um protocolo para transporte desse órgão em casos de doação, contando com suporte aéreo do Corpo de Bombeiros, quando necessário.

"O número de transplantes depende do nível de doações, que flutua muito. Mas, na Paraíba, houve um incremento, pela ação da própria Secretaria de Saúde, que vem estimulando isso, e as pessoas também têm a confiança de ver que o serviço realmente funciona", afirma Antônio Pedrosa.

Em 2024, a Paraíba também bateu recorde em doações de coração, somando 12 captações e oito transplantes realizados no estado. Os outros quatro corações foram enviados à Central de Transplantes de Pernambuco. Esse é o maior número dos últimos 23 anos, segundo dados do Ministério da Saúde.

De acordo com a diretora-geral da Central de Transplantes da Paraíba, Rafaela Dias, uma soma de fatores permitiu o crescimento dos números. "Terminamos o ano de 2024 com a certeza de que avançamos muito em relação às doações de órgãos e transplantes na Paraíba. Batemos recorde no número de doações e transplantes de coração, superamos o número de transplantes de fígado em comparação a 2023 e ainda ajudamos a salvar 69 vidas em 10 estados, com órgãos que foram doados aqui, na Paraíba. Tudo isso é fruto dos investimentos do Governo do Estado, sem falar nas capacitações promovidas junto às nossas equipes e da compreensão das famílias de que o 'sim' delas está salvando vidas," destaca.

Como ser doador

Para se tornar um doador é importante comunicar esse desejo para a família, assim, após a morte, os familiares poderão autorizar a doação e a retirada dos órgãos e tecidos. Não é necessário deixar qualquer informação por escrito, pois a doação só pode ser realizada após a autorização familiar. Assim, mesmo que uma pessoa tenha dito em vida que gostaria de ser doador, a doação só acontece se a família autorizar.

Contudo, é importante que aquelas pessoas que tenham esse desejo manifestem sua intenção para familiares e amigos próximos, que, após o seu falecimento, podem contribuir na decisão de prevalecer a sua vontade. Além disso, é necessário conscientizar a sociedade sobre a importância da doação de órgãos e tecidos, que podem salvar vidas e levar mais saúde a pacientes que necessitam de um transplante e estão aguardando na fila de espera. Esta fila é única, organizada por estado ou região, e monitorada pelo Sistema Nacional de Transplantes (SNT).

Foto: Reprodução/PBCast


> **Terminamos o ano de 2024 com a certeza de que avançamos muito em relação às doações de órgãos e transplantes na Paraíba**
>
> Rafaela Dias

Noite da LITERATURA

Lançamentos:
A Menina de Cipango,
Brejo de Areia
e Paraíba na Literatura VI.

Coleção A União
Marília Arnaud
A MENINA DE CIPANGO
(CONTOS)

PARAÍBA na LITERATURA VI

Horácio de Almeida
BREJO DE AREIA
(Memórias de um Município)

12/02, às 19h
Na Livraria A União
(Espaço Cultural
José Lins do Rêgo)

Livraria A União
Editora A União
EPC
GOVERNO DA PARAÍBA


Com nova formação, a banda prepara show

Foto: Tainara Silva

MÚSICA

Tocaia sempre da Paraíba

A banda volta aos estúdios depois de quase 20 anos e lança o disco "Cariris Contemporâneos", com participações especiais

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A banda Tocaia da Paraíba foi formada em 1995, em Cajazeiras, mas o primeiro grande show do grupo ocorreu apenas três anos depois, no Projeto Glória Vasconcelos, no Sesc de João Pessoa. "Eu tinha 25 anos de idade. Na plateia, assistindo à gente, estavam Pedro Osmar, Escurinho, Cátia de França e Adeildo Vieira. A responsabilidade era fazer o melhor que a gente podia", recorda Erivan Freire, que, ao lado do colega Naldinho Braga, mantém acesa a chama do projeto, mas agora com nova formação. Depois de quase 20 anos longe dos estúdios, o conjunto lança novo disco: *Cariris Contemporâneos*, com 11 faixas autorais e a contribuição de conterrâneos famosos.

A música "Cariris", que inspirou o nome do álbum, foi composta por Erivan e Naldinho em parceria com o poeta Lau Siqueira. A canção emula a sonoridade característica do Tocaia, que alia elementos regionais ao rock e ao *jazz* também nas demais faixas, como em "Cuscuz do dia a dia" e "Coco da Jurema".

O disco está sendo gestado desde 2018 e foi parcialmente custeado pelo Fundo de Incentivo à Cultura, do Governo do Estado. Participam desse projeto os artistas Escurinho, Julián Sánchez, Luizinho Calixto, Paulo Ró e Pedro Osmar. A banda ensaia um show com esse repertório, ainda sem data.

Além de Erivan e Naldinho, o Tocaia conta hoje com as presenças de Renato Oliveira (percussão e pífano), Pepi Braga (guitarra) e Eliza Garcia (bateria). Mas, naquela primeira apresentação, no Sesc da capital, outros músicos formavam o grupo: Fabiano Lira, Francinaldo Lins, Mário Filho e Wanderley Gomes.

"Pedro Osmar comentou que tínhamos um trabalho muito interessante: estávamos no começo, mas iríamos ganhar muito fôlego ainda. Até hoje, Cátia gosta de uma música nossa chamada 'Três quartos'. Ela também foi nos camarim e tornou-se nossa madrinha desse momento em adiante", detalha Erivan.

Influência para bandas

Naldinho Braga, natural de Cajazeiras, revela que a banda nasceu como projeto do Núcleo de Extensão Cultural das universidades federais da Paraíba e de Campina Grande (UFPB e UFCG). O sucesso das primeiras apresentações impulsionou o lançamento do primeiro disco, no fim dos anos 1990, assinando como Tocaia, apenas.

"A mudança do nosso nome, durante a gravação do segundo disco, deve-se à existência de outra banda em Fortaleza, também chamada Tocaia. Mesmo contra a vontade do pessoal de lá, assumimos a responsabilidade de manter o nosso, acrescentando o 'da Paraíba'", informa.

Ao contrário dos demais membros, ele e Erivam mantêm residência em Cajazeiras, mas o trabalho da dupla tem ressonância em todo o estado. Ao longo dos últimos 30 anos, Naldinho notou a influência da Tocaia na formação de outras bandas paraibanas, como As Parêas e Cabruêra.

"A gente percebe a cena musical independente da Paraíba evoluir gradativamente, à medida que surgem novos compositores e novos grupos. No entanto, a cena ainda gira muito em torno daqueles que estão na capital do estado", lamenta.

Comentando sobre *Cariris Contemporâneo* e o hiato entre esse e o último álbum — duas décadas de distância —, Naldinho explica que a ideia surgiu no momento em que ele e Erivan estavam imersos em projetos solo, mas com a gana de produzir canções inéditas em dupla.

"O disco mantém a característica principal da banda, de explorar a diversidade musical que nos rodeia. Selecionamos o repertório, pensamos nos arranjos e entramos em estúdio. Eu, particularmente, gostei do resultado: está leve e gostoso de ser escutado e agora esperamos que a Paraíba também abrace o álbum", deseja.

Filho na guitarra

Pepi Braga foi o último músico a entrar na formação atual, mas sua proximidade com a Tocaia é bem anterior: filho de Naldinho, ele acompanha o trabalho da banda desde menino e atribui ao pai sua paixão pela música, despertada ainda na infância.

"Na época, de tanto estar presente nos ensaios, fui ganhando gosto de ver a interação de vários instrumentos com sonoridades tão diferentes, mas que juntos tinham um total sentido. Minha carreira como músico iniciou ali em 2006, justamente quando eu comecei a fazer os meus primeiros acordes", rememora.

Durante o seu amadurecimento, esteve presente em momentos-chave da banda, a exemplo dos preparativos e da posterior gravação do segundo disco da Tocaia da Paraíba, o *Botando pra Quebrar*: Pepi recorda com entusiasmo a sessão que contou com a participação do Quarteto da Paraíba e seu arranjo de cordas.

"Foi a primeira vez que eu visitei um estúdio, que era o do maestro Sérgio Gallo. Também foi a primeira vez que vi um trabalho deles circulando fora de Cajazeiras, entendendo como funcionava essa interação entre os profissionais", explica.

Pepi também integrou outros projetos do pai, como as bandas Carro de Lata e Conspiração Apocalipse. Ele celebra, agora, esse novo contato profissional, asseverando o fato de Naldinho ter um vocabulário musical extenso e relações de amizade com vários artistas da cena local.

"A primeira vez que toquei com ele foi em 2015. Engraçado, temos essa questão com o 5, já que começamos em 1995 e o nosso segundo álbum foi lançado em 2005. Me senti muito envaidecido quando fui convidado para o Tocaia. Somos um grupo superimportante aqui no nosso estado", declara.

Lugar de mulher

Eliza Garcia está na Tocaia há 11 anos, mas, antes de entrar na banda, acompanhou o trabalho dos colegas como ouvinte e, mais tarde, como espectadora. Ela recorda o impacto que os primeiros discos do grupo tiveram junto aos jovens paraibanos.

"Eram referências para mim, porque na época [e mesmo hoje] era algo que ninguém estava fazendo. E não apenas do ponto de vista sonoro, mas em relação ao tipo de poesia que eles trazem também", afirma.

Eliza explica que a Tocaia não possuía baterista fixo em formações anteriores e que esse segmento era contemplado por instrumentos de percussão. Ela ressalta que a adição da bateria transformou em alguma medida a sonoridade dos shows e das faixas gravadas, mas não modificou severamente o trabalho dos artistas.

"Apesar de ter iniciado no rock, fui seguindo uma vertente mais voltada para o regional, graças à minha vivência com artistas populares. E tenho um estilo de tocar bateria que remete muito à percussão", explica.

A presença de mulheres junto à bateria tem se tornado mais comum nas bandas e conjuntos contemporâneos, mas ainda não perfaz um número ideal, segundo Eliza. Ela se diz honrada em fazer parte da Tocaia da Paraíba nessa posição e espera que outras mulheres possam se espelhar em seu trabalho para seguir carreira similar.

"A gente chega num lugar de insegurança. Quando comecei, eu queria muito ter tido referências também. Hoje mesmo, quando se pesquisa por 'baterista' na internet, só aparecem homens. Precisamos normalizar as mulheres nessa e em ou-


Leia o *QR Code* acima e ouça o disco


Primeiro show do Tocaia, no Sesc de João Pessoa, em 1998

Foto: Arquivo A União

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Indústria cultural e música brasileira

Na década de 1970 executivos da indústria fonográfica fizeram uma profecia nefasta: "A música brasileira desaparecerá da programação do rádio no fim do século 20!" O que hoje pode parecer "megalomania gringa", era uma ameaça que não devia ser desprezada. Vivíamos o período da invasão norte-americana com seu poderoso jabá, parte de um grande projeto imperialista de dominação cultural.

É verdade que o tufão que arrastaria a música nacional das emissoras de rádio, da maneira como previu os profetas das gravadoras, transformou-se em uma lufada de vento. Fomos, em parte, salvos dos ianques, mas para isso tivemos que pagar um alto preço. Luiz Tatit, no livro *O Século da Canção* observa, ironicamente, que o espaço mais importante do nosso mercado interno acabou sendo preservado graças ao *boom* do pagode, do axé e da música sertaneja. Estilos que receberiam a ira de muitos críticos e artistas que os acusavam de ser responsáveis diretos por uma decadência estética e cultural no país.

O maestro Júlio Medaglia, em entrevista a Antônio Abujamra, na TV Cultura, certa vez, disse com acidez: "Toda essa música sertaneja que nós ouvimos na década de noventa toda não passou de um bolerão de puteiro de cais de porto de quinta categoria". E que o pagode dos anos noventa "não vale uma pausa de uma música do Nelson Cavaquinho". Certo ou errado, não há dúvida de que as rádios, TVs e as gravadoras massificaram esses tipos de música, diminuindo o espaço de estilos mais tradicionais e de criações novas que não se adequassem a esse esquema.

O rock brasileiro, que alguns críticos viam como entreguismo ou instrumento de aculturação norte-americano, que viveu seu período áureo na década de 1980, também seria preterido pelo novo mercado. Assistimos a uma proliferação de duplas sertanejas, grupos de pagodes e bandas de axé. Em grande maioria com arranjos repetitivos, construções melódicas e harmônicas simples; letras poeticamente empobrecidas e despolitizadas.

A trajetória da música brasileira nas últimas décadas reflete a constante tensão entre a preservação de suas raízes culturais e a pressão de forças externas que tentaram diluí-las. A profecia feita nos anos 1970, que previu o desaparecimento da música nacional das rádios, não se concretizou, mas não sem produzir outros efeitos.

O espaço deixado por estilos "mais sofisticados" foi preenchido por sonoridades populares massificadas que garantiram sua sobrevivência, porém em um formato diluído e esteticamente simplificado. O preço dessa adaptação, embora tenha assegurado a continuidade da música brasileira no mercado, foi a perda de parte de sua profundidade artística e riqueza lírica. O grande desafio que se impõe é reverter esse processo de homogeneização e resgatar a diversidade e a força criativa que sempre marcaram nossa música.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Expressão da existência humana no tango

Astor Piazzolla (1921–1992) foi um compositor e bandoneonista argentino que revolucionou o tango tradicional, criando um gênero híbrido que ficou conhecido como "*tango nuevo*" (tango novo), fundindo-o com elementos da música erudita, do *jazz* e da música contemporânea. Sua contribuição para a arte de compor é diversificada.

Antes de Piazzolla, o tango era uma dança e um gênero musical popular, com forte destaque na melodia e no ritmo dançante. A introdução do instrumento alemão bandoneón em orquestras e a integração de instrumentos como o piano, o violino, o violoncelo e o violão incorporaram Piazzolla às peças de concerto e sinfônicas. O bandoneonista argentino buscou transformar o tango em uma forma musical mais sofisticada e complexa, usando técnicas do período barroco e incorporando recursos de improvisações do *jazz*, introduzindo dissonâncias e polirritmia para compor sonatas, sinfonias, concertos e peças para pequenos grupos de câmara, como trios, quartetos e quintetos. Essa sua inovação se deu por ter aprendido composição com a francesa Nadia Boulanger (1887–1979), o que foi determinante na formação de seu estilo de escrever o novo tango. Boulanger, uma das melhores pedagogas da música do século 20, incentivou-o a explorar novas possibilidades musicais. Sob sua orientação, ele estudou a música de compositores clássicos, como o russo Ígor Fiódorovitch Stravinski (1882–1971), o alemão Johann Sebastian Bach (1685–1750) e o francês Joseph Maurice Ravel (1875–1937), e essas influências refletiram-se no conjunto de sua obra. Por causa disso, Piazzolla passou a utilizar a fuga e o contraponto nos temas do tango, além de explorar orquestrações mais complexas. A fuga é um tema principal apresentado por um dos instrumentos isoladamente. Um segundo instrumento entra, então, interpretando o mesmo tema, mas transposto na dominante, enquanto o primeiro continua desenvolvendo com um acompanhamento contrapontístico. Os instrumentos restantes entram, um a um, cada um iniciando com o mesmo tema. O restante da fuga desenvolve o material posterior, utilizando todos os instrumentos e, usualmente, múltiplas interpretações do tema principal. O contraponto é uma técnica de composição que consiste em sobrepor duas ou mais melodias, que considera o perfil melódico de cada melodia e a qualidade harmônica gerada pela sobreposição.

Foto: Reprodução



Astor Piazzolla: "Transição do tango simples e dançante para melodia mais introspectiva"

O tango novo de Piazzolla, à transição do tango simples e dançante para uma melodia mais introspectiva e de concerto, foi uma inovação para a música erudita, que tradicionalmente evitava associar-se a gêneros populares. Com o tango novo, ele tornou o seu estilo mais intelectual, que não se destinava apenas ao prazer de dançar, mas também ao prazer de ouvir, refletindo sobre a complexidade da composição e a intensidade emocional das interpretações, bem como uma compreensão da existência humana com seus conflitos e superações. Entre suas composições mais destacadas estão "Adiós nonino", "Libertango" e "La muerte del ángel". Ele compôs arranjos que possibilitavam o trabalho com músicos solistas em peças sinfônicas, de concerto e de câmara. Suas orquestrações para o quinteto de tango e para grandes orquestras ampliaram as possibilidades sonoras do tango, transformando-o em uma linguagem mais intimista. A inclusão do bandoneón, como solista em concertos, contribuiu para redefinir a funcionalidade dos instrumentos de tango para peças eruditas e populares.

As peças de Piazzolla são interpretadas em salas de concerto e festivais internacionais de música erudita, e o conjunto de sua obra está presente em programas de pesquisas acadêmicas em universidades de países tanto no Ocidente quanto no Oriente. Sua capacidade de transitar entre o popular e o erudito, trazendo a sensibilidade e os ritmos do tango para o universo da música, revolucionou não só o tango, mas também a maneira como a música erudita poderia ser compreendida e vivida. Ele abriu novos caminhos para o uso do tango como uma forma musical que vai além do entretenimento e da dança, permitindo-lhe encontrar seu lugar no cenário da música erudita e popular contemporânea para compreender os conflitos da existência humana.

Sinta-se convidado à audição do 507º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 9, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, farei uma análise estética de alguns tangos do compositor e bandoneonista argentino Astor Piazzolla (1921–1992).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Desse jeito

Querendo sentir bater coração fora do corpo, mas ele está na cabeça, feito o tempo que bate na porta, avisando que amanhã será segunda-feira. Já estou velho, mas o coração não envelheceu.

Não quero ser lembrado como um homem sem coração, que passou pela vida e não viveu, mas como um homem que sabe se reinventar — nunca para explicar a ausência de vida no tenro tempo da idade. Além do encanto, o desencanto, o desalinho, o coração leviano, de tudo que é externo a mim.

Meu pai estava certo, coração é terra que ninguém anda — às vezes, desanda. É o mais bonito órgão bombeando os meridianos de uma forma em círculos. Bate coração, bate!

Meu coração pareceu me ver ontem, fazendo a barba, retirando os pelos brancos a ajudar na aparência, a demasiada vontade buscar o caminho que vai dar no Sol. Um "coração partido" vivendo e aprendendo a jogar. Ah! As canções...

Nenhuma mágoa habita o coração de um homem já feito, mas o coração realmente tem razões que a própria razão desconhece — é um enunciado antigo, mas que tem uma força que afasta o infarto de todo santo dia.

Outro dia vi uma menina segurando na mão do pai, para passar na faixa de pedestre, e aquilo era o tempo, não o tempo que se perde, mas o tempo que vai ocupar a memória — principalmente a memória —, como uma espécie de magnificar destinos. Não existe coisa mais bonita do que um pai segurando na mão de um filho: é como se segurasse o coração do rebento.

As mãos em performances repetidas formam o desenho do coração estampado nas fotografias em redes sociais, nunca, as mãos dos aflitos. O abraço de sentir as batidas do coração do outro, é a sensação mais antiga parecida com o amor à primeira vista. Nos faz saber tocar a partir de dentro, para que outros órgãos sejam expressamente tocados.

Lembrei da lamparina, do acender um lampião a gás — a lâmpada simbólica sobre a vida dos corações acorrentados. "*Libertas quae sera tamen*", — a bela expressão estampada na bandeira de Minas Gerais.

Meu pai tinha um coração enorme, ajudava a muitas pessoas, fazia trabalhos de encanador, eletricista e pescava. O coração dele nunca parou no meu, somos réplicas, nesse tempo de "cortar coração". O mundo desaba e eu sigo os sinais.

Mas porque estou falando sobre o coração, se eu meu não foi feito para habitar morada de ninguém. Como disse a escritora Marina Colasanti (que faleceu esses dias), o coração é músculo, nunca uma catedral.

Nos batimentos, enquanto estou por aqui, cegamente posso sentir a felicidade passageira. Eu nem sei por que meu coração bate feliz, bem feliz quando escuto "Carinhoso" — que vem de Pixinguinha a João de Barro, "pousa em Djavans, Wilson Batista, Jorge Veiga, Carlos Lyra e o imenso Milton Nascimento".

Estou entre os corações cativados e calejados. Já amei demais, como se tivesse o dom da sabedoria. De uma forma silenciosa, vou seguindo o espaço da luz.

Bate coração, bate!

Kapetadas

1 – Virtuosos corações virtuais: O que, de fato, vocês têm feito pelo mundo além de apontar o dedo nas redes? Eu espero, do fundo do coração, que vocês justifiquem a moral que acham que têm, praticando no "off" o que exigem dos outros na velha internet.

2 – Domingo é um sábado casado.

Foto: Alessandra Colasanti/Divulgação



Marina Colasanti: "o coração é músculo, nunca uma catedral"

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

João Pessoa numa visão em quadrinhos

Para conhecer bem a história da Paraíba, desde seus primeiros tempos, assunto que me é deveras importante ao cinema, sempre me pautei em três fundamentos: na própria história, formalmente apresentada pela literatura; na busca pessoal de informações, junto ao amigo e historiador José Octávio de Arruda Mello; antes, nas conversas e lembranças que sempre tive com meu saudoso pai, Alexandre, sobre a urbanidade da cidade de Parahyba, com base na época em que ele aqui residiu, lá pelos idos de 1928. Quando me disse, pela primeira vez que manteve contato com o cinema do bairro da Torre, que ficava em frente à estação de bondes Cruz do Peixe, próximo ao seu trabalho na construção civil, numa parceria com o tio Antônio Gonçalves.

Anos depois, já residindo em Santa Rita e trabalhando de operador de cabine no Cine Independência, eu, já um adolescente, meu pai dizia que a Rua Maciel Pinheiro, na capital, onde ele buscava os filmes cinematográficos que exibia, era uma espécie de centro comercial, onde ficava a Casa Rodriguez, que pertencia à família do conhecido fotógrafo e cineasta paraibano Walfredo Rodriguez. E que, nessa época, a cidade não era mais Parahyba, mas João Pessoa, nome

Foto: Divulgação/Tamarindo



Capa do livro de José Octávio de Arruda Mello, ilustrado por Edi Guedes

que ganhara em razão do assassinato que sofrera o presidente João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Episódio acontecido na cidade de Recife, Pernambuco, durante a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas.

Recentemente, as histórias da Paraíba e de João Pessoa voltaram à cena. E, mais uma vez, sob o comando do amigo e professor Zé Octávio. Só que agora de modo diferenciado. Melhor dizendo, de forma ornamental jamais vista e apresentada: *João Pessoa – Uma Cidade em Quadrinhos*.

Bem posta a ideia de se rever a nossa história, em toda sua importância e nobreza de contornos estéticos, a partir dos quadrinhos. Uma nova façanha, somente conseguida, convenhamos, pela ousadia de um autor e de seu grupo de inovadores, que se mostram preocupados com o futuro da leitura, sobretudo dos jovens, numa época de tantas "inteligências artificiais".

Com uma excelente recepção de público em seu recente lançamento, na Livraria do Luiz, do MAG Shopping, o livro de Zé Octávio, *João Pessoa – Uma Cidade em Quadrinhos*, com ilustrações de Edi Guedes, possibilita um novo olhar (estético) sobre a história de uma cidade, que tão bem conhecemos e aprendemos a venerar. Sobretudo, em razão da sétima arte e das bibliotecas, inclusive lembradas pelo próprio autor, para resgatar hábitos importantes que sempre teve, lendo livros de história e assistindo aos filmes no cinema: "Aqui tínhamos grandes salas, como o Rex e o Plaza, que exibiam filmes sobre a Segunda Guerra Mundial e a guerra fria". – *Para mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.com.br*



APC — *Revista Século e Meio*

Ocupante da cadeira 31 da Academia Paraibana de Cinema, o cineasta Romero Azevedo, de Campina Grande, também diretor da *Revista Século e Meio*, acaba de lançar no mercado o seu volume 6, de dezembro/janeiro de 2025. O periódico traz um extenso relato sobre o professor e administrador de ensino Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque.

O presidente da APC, prof. João de Lima Gomes, em capítulo especial da revista, descreve também sobre a importância de Lynaldo Cavalcanti à frente da UFPB, ao término de sua gestão, quando da criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), em setembro de 1979.

LITERATURA

Box relança quatro clássicos de Graciliano

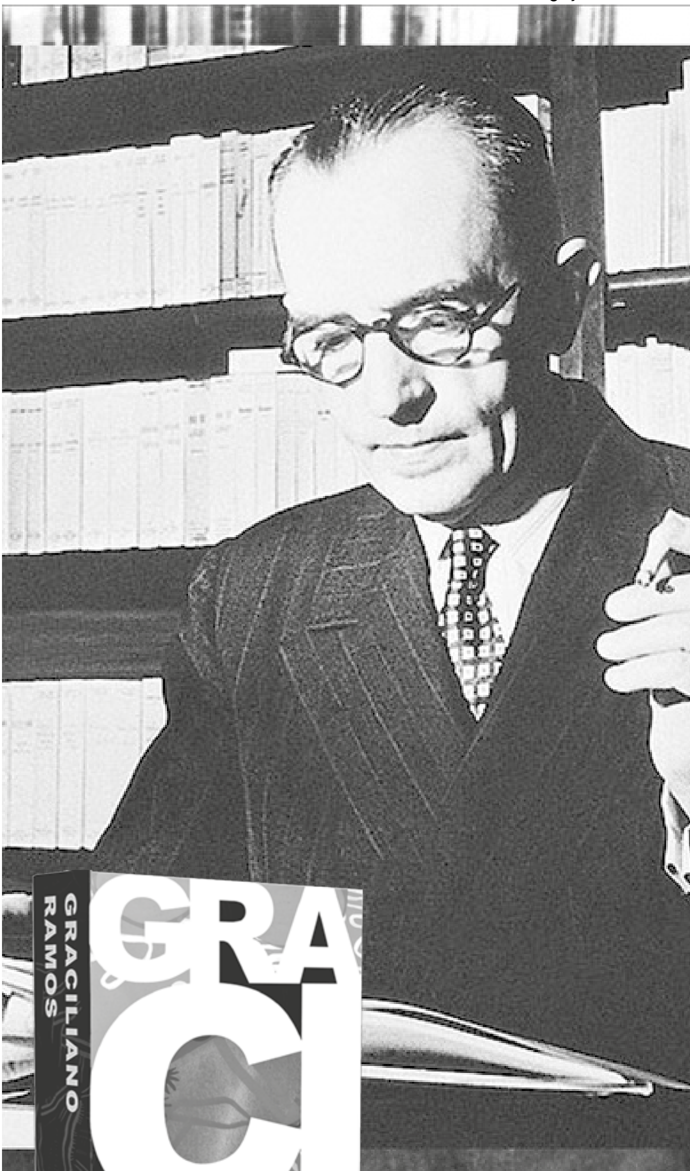
Da Redação

O selo Via Leitura, do Grupo Editorial Edipro, reuniu em um box as obras mais marcantes de Graciliano Ramos, um dos maiores nomes da literatura nacional. Com uma escrita concisa e intensa, o autor alagoano desvela as contradições humanas, as injustiças sociais e os dramas existenciais que atravessam gerações nos livros relançados nesta coleção.

O box inclui *Vidas Secas* (1938), uma narrativa poderosa sobre a luta pela sobrevivência no Sertão; *Angústia* (1936), um mergulho na mente atormentada de um homem consumido por seus próprios fantasmas; *São Bernardo* (1934), um retrato da ambição e da solidão de um homem em busca de poder; e *Insônia* (1947), uma coletânea de contos que expõe os recantos mais sombrios da alma humana.

Com edições especiais que incluem artes de Andrés Sandoval e prefácios Micheliny Verunschk, este box é um convite para revisitar os clássicos que moldaram a literatura nacional e continuam a dialogar com o presente. Essencial para os que desejam compreender mais sobre o Brasil e a condição humana.

Foto: Divulgação/Via Leitura



Graciliano Ramos trata de injustiça, hipocrisia e contradições sociais

BOX GRACILIANO RAMOS
■ Quatro livros. De Graciliano Ramos.
■ Editora: Via Leitura.
■ Formato: 14,5 x 21,5 cm. 656 páginas.
■ Preço: R$ 119.

Os livros

Vidas Secas — Uma família de retirantes atravessa o Sertão nordestino em busca de sobrevivência e dignidade. Fabiano, Sinha Vitória, os filhos e a cachorra Baleia enfrentam a seca, a fome e a injustiça social. Com uma prosa crua, Graciliano retrata a desumanização e a resiliência do povo sertanejo, fazendo o leitor refletir sobre desigualdades e a natureza humana.

Angústia — O turbilhão psicológico de Luís da Silva, um homem consumido pela culpa e pela obsessão, ganha vida nesse romance. Ambientado em uma Maceió sufocante, o livro expõe a alienação, os conflitos interiores e a hipocrisia social da época. Um mergulho profundo nos limites da sanidade e da solidão.

São Bernardo — Paulo Honório narra sua ascensão como dono de terras, marcada por ambição, solidão e escolhas morais questionáveis. Com uma narrativa precisa e implacável, Graciliano explora as contradições sociais e psicológicas de um Brasil em transformação, refletindo sobre o custo do progresso e o impacto das decisões humanas.

Insônia — Nessa coletânea de contos, Graciliano desnuda os recantos mais sombrios da alma humana. Temas como a miséria, a violência e os dilemas morais emergem em narrativas que confrontam o leitor com o lado mais obscuro da existência.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Os livros

Gosto desta frase de Artur Rubenstein: Como conceber o mundo sem a música? Valendo-me da paráfrase, faço-me uma pergunta parecida: Como conceber o mundo sem os livros?

Desde menino pequeno que gosto dos livros. Gosto de tê-los, de ler e reler suas páginas como se seguisse um sagrado ritual. Gosto de tocar seu dorso, examinar as capas, frequentar suas alamedas cheias de sentido, bolinar esta ou aquela passagem como se manipula uma erva erótica que nos incita ao prazer e ao milagre.

Sou de pegar neles, os livros, como se pegasse uma pepita mágica, um utensílio raro e sedutor, uma pequenina lâmina que corta os artelhos da sabedoria, um artefato real e intangível que se faz memória da fauna, da flora e dos elementos que nos configuram.

Gosto de sublinhar suas palavras, anotar comentários ao pé da página, grifar aquilo que me assusta ou me comove. Principalmente o que me deixa perplexo, doído, alucinado. Gosto de rasurar, tomado pelo encanto de certas verdades ou pelos tormentos de certa beleza, seus enormes vazios, sua elástica indeterminação.

Os históricos me jogam na fábula do passado, essa estranha experiência que nunca passa. Como me pesa o solo do passado! Os filosóficos parecem estrumar a terra venturosa do pensamento. Os poéticos me põem dentro do reino especular que aviva o mistério e atiça os signos dos fenômenos vitais.

Como gosto dos livros, tenho muitos. Gosto de possuí-los, de acumulá-los, de colecionar suas edições, de procurá-los nas livrarias e nos sebos, atento a seus temas, formatos, valores e raridade. Vivo procurando brochuras e alfarrábios. Não saberia viver sem os livros.

■ Gosto de sublinhar suas palavras, anotar comentários ao pé da página, grifar aquilo que me assusta ou me comove

Vivo sempre de olho na estante. Arrumar meus livros me conforta e me alimenta. Às vezes, os contemplo, em silêncio, como entidades únicas que me fazem o que sou e que, certamente, a mim, irão sobreviver.

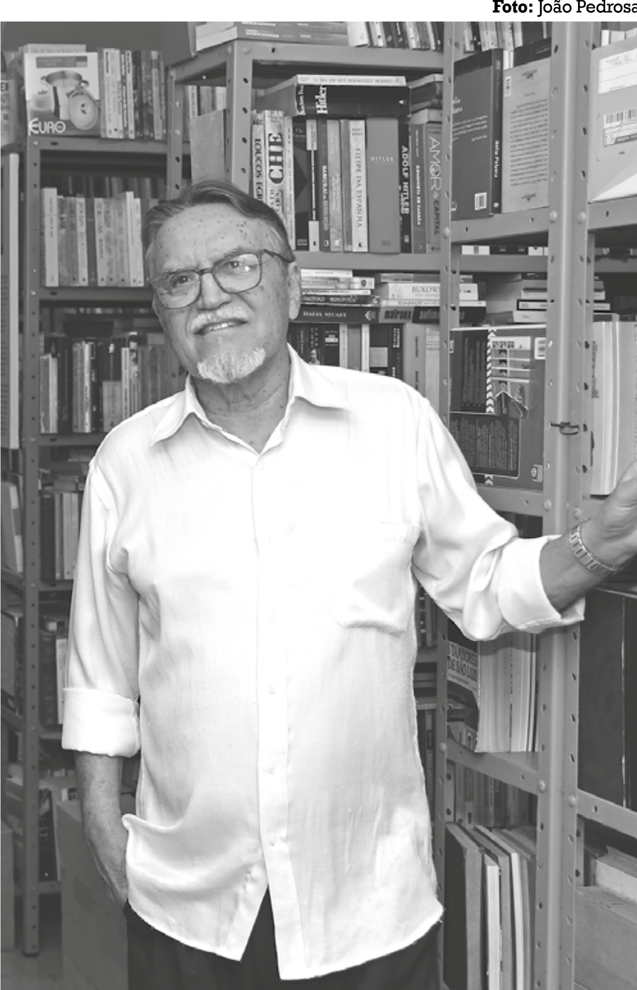
Sinto que em cada livro há um tiquinho de imortalidade refletindo suas luzes de outro tempo e de outros lugares. Os livros me dão a doida sensação da ubiquidade. Como um deus desgovernado, hábito o interior dos seus capítulos e parágrafos, estando ali, aqui, acolá, respirando a aragem multifacetada de desconhecidas geografias.

Nesse, percorro o Egito e me banho, solitário, nas águas do Nilo. Naquele, escalo os cumes do Himalaia, recupero as lições de vetustas dinastias. Já num outro, adentro as cavernas da primeira poesia e falo o idioma de anjos seculares. Os livros contém tudo. A vida e a morte.

Meus livros são a minha casa, o meu lar, a minha vida. Eles me dão memória, sensibilidade, pensamento, linguagem e imaginação. Quando estou triste, eles aceitam e acolhem a minha tristeza. Na alegria sorriem comigo. Estão onde estou. Em meio da travessia, na rua, na praça, no bar, no carro, na praia, na pedra, nas locas, nas furnas, na utopia.

Por eles, para eles, com eles, vou vivendo.

Foto: João Pedrosa



O colunista e os livros: "Gosto de tê-los, de ler e reler suas páginas"

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

CINEMA

Nos passos de Elizabeth Teixeira

A produtora paraibana Carambola Filmes desenvolve projeto sobre os anos de clandestinidade da líder camponesa

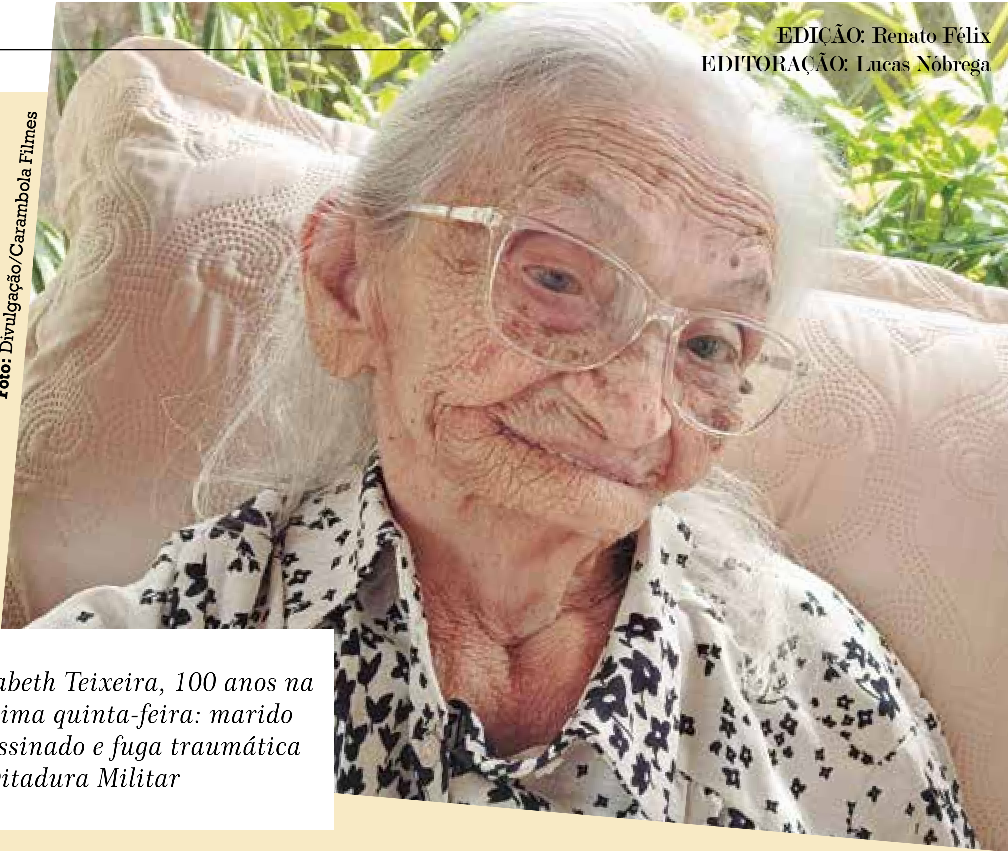


Foto: Divulgação/Carambola Filmes

Elizabeth Teixeira, 100 anos na próxima quinta-feira: marido assassinado e fuga traumática da Ditadura Militar

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Após sete anos de dedicação, um projeto de cinebiografia de Elizabeth Teixeira, líder camponesa e símbolo de resistência durante a Ditadura Militar, enfim ganha forma, justo na época em que se comemora o centenário da ativista (que será na próxima quinta-feira). Com o apoio do edital Ruth de Souza, a equipe do longa-metragem *Quem é Elizabeth?* está imersa em uma fase intensa de pesquisa e revisão do roteiro, buscando aprofundar a narrativa sobre os anos de exílio da protagonista, um período ainda pouco conhecido de sua vida. A produção é da paraibana Carambola Filmes.

"A gente está bem feliz que finalmente o filme vai sair do papel", comemora Inês Figueiró, diretora e uma das roteiristas do projeto. "Já lutamos por muitos anos para viabilizá-lo. Agora, com o recurso garantido, podemos investir mais na pesquisa e no desenvolvimento da história", explica.

O filme será centrado no período em que Elizabeth, após a morte do marido, o líder camponês João Pedro Teixeira (evocado no documentário *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho), precisou fugir e viver sob o nome de Marta Maria por quase duas décadas.

História trágica

A história de Elizabeth Teixeira é marcada por tragédia e resistência. Após o Golpe Militar de 1964, ela foi forçada a se exilar em São Rafael, no Rio Grande do Norte, deixando para trás uma família desestruturada.

"Temos uma mulher que, com o advento do horror do Golpe, da Ditadura, precisa fugir para não morrer", reflete Inês. "Ela era uma trabalhadora rural, com menos dinheiro e menos possibilidades de exílio no exterior. Nosso desafio é entender quem era Marta Maria e o que restava de Elizabeth nessa mulher que sobreviveu em condições tão adversas, na miséria".

O exílio de Elizabeth não foi apenas uma fuga física, mas também um rompimento familiar traumático. Seus 10 filhos foram separados e distribuídos entre parentes, um episódio que deixou marcas profundas. "Um deles fala, de forma muito interessante, que foi dividido como numa espécie de rebanho de bode. Esses traumas mostram como o Estado interfere brutalmente na vida das pessoas", descreve.

A equipe do filme busca evitar o melodrama, optando por uma abordagem que enfatize a força e a resistência de Elizabeth. "Ela enfrenta o Estado, assim como as tragédias gregas enfrentavam os deuses", compara. "É uma história trágica, mas não queremos cair no melodrama. Queremos mostrar a potência dessa mulher, que era à frente do seu tempo."

O pilar fundamental do projeto é a pesquisa histórica. A equipe conta com a colaboração de pesquisadoras como Kátia Dumont, que, além de corroteirista, está mergulhada em documentos e entrevistas para reconstruir detalhes da vida da líder camponesa durante o exílio.



Foto: Guigo Gerber/Divulgação

Inês Figueiró é diretora e uma das roteiristas do projeto

"A gente precisa aprofundar esse mapeamento de quem era Marta Maria e como ela se relacionava com a Elizabeth que existia antes", explica a diretora.

A equipe é composta por profissionais de diferentes regiões do Brasil, mas o projeto tem raízes profundas na Paraíba, estado onde Elizabeth lutou ao lado de João Pedro. "É importante que seja uma produção paraibana, com uma produtora local", destaca Inês. "A gente precisa ouvir essas histórias e trazer à tona a potência das mulheres brasileiras [que são muitas], apagadas pela história oficial".

As gravações devem começar no próximo ano, após a finalização do roteiro e dos preparativos técnicos. Enquanto isso, a equipe segue dedicada a contar uma história que, mais do que relembrar o passado, inspira reflexões sobre resistência, família e justiça no Brasil contemporâneo. "Sabe aqueles presentes que tu ganha da vida, assim? É um presente pra mim poder mergulhar nessa história. E um grande desafio honrar essa biografia com o respeito e a profundidade que ela merece", conclui.

Em Cartaz

Cinema

Programação de ***6 a 12 de fevereiro****, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.*

ESTREIAS

ACOMPANHANTE PERFEITA (*Companion*). EUA, 2025. Dir.: Drew Hancock. Elenco: Sophie Thatcher, Jack Quaid, Lukas Gage. Suspense/ ficção científica. Em casa de campo, namorada de milionário toma consciência de que é um robô e tenta se livrar do controle sobre ela. 1h37. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a seg.: leg.: 18h20; ter. e qua.: 17h50. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h45, 19h30; leg.: 17h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h, 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h40, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h40, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h15, 21h15. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: dom.: 16h30, 18h40; seg. a qua.: 18h40.

BLINDADO (*Armor*). EUA, 2024. Dir.: Justin Routt. Elenco: Jason Patric, Sylvester Stallone, Josh Wiggins. Policial. Pai e filho que são seguranças de um carro blindado precisam sobreviver a bandidos que emboscam o veículo numa ponte. 1h29. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 16h50, 19h10; leg.: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h50. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 19h10, 21h. MULTICINE PATOS 3: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h45.

DRAGON BALL DAIMA (*Doragon Bôru Daima*). Japão, 2024. Dir.: Aya Komaki, Yoshitaka Yashima, Kazuya Karasawa, Takao Kiriyama. Vozes na dublagem brasileira: Úrsula Bezerra, Wendell Bezerra, Alfredo Rollo. Aventura/ animação. Goku e amigos são transformados em crianças e embarcam em jornada para reverter o feitiço. Compilação dos três primeiros episódios da série. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h15, 15h15, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h30, 18h15, 20h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h50.

EMILIA PÉREZ (*Emilia Pérez*). França/ México/ Bélgica, 2024. Dir.: Jacques Audiard. Elenco: Karla Sofía Gascón, Zoe Saldaña, Selena Gomez. Musical/ drama. Traficante mexicano pede a advogada para ajudá-lo a fingir sua morte e assumir sua identidade feminina. Indicado a 13 Oscars, incluindo filme, direção, atriz e filme internacional. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: qui. a seg.: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h40.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/ França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura brasileira. Vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz/drama (Fernanda Torres). Indicado aos Oscars de melhor filme, atriz e filme internacional. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a seg.: 15h30, 20h30; ter. e qua.: 15h. CENTERPLEX MAG 4: ter. e qua.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h15, 16h15, 19h, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 2: 18h20. CINESERCLA TAMBIÁ 5: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 20h30. CINESERCLA PARTAGE 4: 18h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: 21h15. CINE GUEDES 3: 16h50. MULTICINE PATOS 4: 17h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 20h40. **Remígio:** CINE RT: 18h.

ANORA (*Anora*). EUA, 2024. Dir.: Sean Baker. Elenco: Mikey Madison, Mark Eydelshteyn, Yura Borisov. Drama/ comédia. Prostituta se casa com oligarca russo, mas o contode fadas é ameaçado quando os pais dele chegam a Nova York. Indicado a 6 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 21h15.

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Sélton Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto MartinsLuís Miranda, Enrique Diaz, Taís Araújo, Eduardo Sterblitch. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Taperoá e reencontra Chicó para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): 18h45. CENTERPLEX MAG 4: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 12h30, 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h30, 16h, 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 1: 15h50, 18h. CINESERCLA TAMBIÁ 2: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 16h10, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: 19h. MULTICINE PATOS 1: 19h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: 14h45, 19h; seg. a qua.: 19h. **Remígio:** CINE RT: 20h30.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIÓSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Julia Dias, Luís Lobianco, Débora Falabella, Taís Araújo, Augusto Madeira. Comédia/ infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h, 16h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dom.: 14h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 16h20. **Remígio:** CINE RT: dom. e ter.: 16h.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rosselini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme e atriz. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qua.: leg.: 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h15, 16h15, 19h15, 22h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h20. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h40, 17h; seg. a qua.: 17h.

COVIL DE LADRÕES 2 (*Den of Thieves 2 – Pantera*). EUA/ Canadá/ Espanha, 2025. Dir.: Christian Gudegast. Elenco: Gerard Butler, O'Shea Jackson Jr., Evin Ahmad. Crime. Roubo a diamantes preciosos se complica quando outro grupo de assaltantes é envolvido. 2h24. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h15, 22h10. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h40.

O HOMEM DO SACO (*Bagman*). EUA, 2024. Dir.: Colm McCarthy. Elenco: Sam Claffin, Antonia Thomas, Caréll Vincent Rhoden. Terror. Pai tenta defender sua família de uma ameaça de sua infância. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 18h45; leg.: 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 22h15. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 20h. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: 20h30.

O MARAVILHOSO MÁGICO DE OZ – PARTE 1 (*Volshebnik Izumrudnogo Goroda – Doroga iz Zhyoltogo Kirpicha*). Rússia, 2025. Dir.: Igor Voloshin. Elenco: Ekaterina Chervova, Vasilina Makovtseva. Aventura/ infantil. Menina é levada por furacão a mundo mágico de Oz e, com novos amigos, precisa encontrar poderoso mágico para voltar para casa. 2h. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h40.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: D.avid G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/ musical/ animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 16h20. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 14h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h40.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/ animação/ infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): dub.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 12h15, 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 15h40, 18h, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40, 18h, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 14h40. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 15h25, 17h55. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h30.

NOSFERATU. (*Nosferatu*). EUA/ Reino Unido/ Hungria, 2024. Dir.: Robert Eggers. Elenco: Bill Skarsgard, Lily-Rose Depp, Nicholas Hoult, Willem Dafoe, Aaron-Taylor Johnson, Emma Corrin. Terror. Vampiro viaja ao encontro de sua amada reencarnada, causando horror a uma cidade. Indicado a 4 Oscars. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: ter.: leg.: 20h.

PADDINGTON – UMA AVENTURA NA FLORESTA (*Paddington in Peru*). Reino Unido/ França/ Japão/ EUA, 2024. Dir.: Dougal Wilson. Elenco: Bruno Gagliasso (voz na dublagem brasileira), Hugh Bonneville, Emily Mortimer, Olivia Colman. Comédia/ aventura/ infantil. O urso Paddington, que vive em Londres, retorna ao Peru para visitar a tia, mas é envolvido em uma aventura e um mistério. 1h46. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h15. **Remígio:** CINE RT: seg. e qua.: dub.: 16h.

SETEMBRO 5 (*September 5*). Alemanha/ EUA, 2024. Dir.: Tim Fehlbaum. Elenco: Peter Sasgaard, John Magaro, Ben Chaplin. Drama. Equipe de esportes que transmite as Olimpíadas de 1972 precisa passar a cobrir um atentado terrorista. Indicado ao Oscar de roteiro original. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 21h10.

SONIC 3 – O FILME (*Sonic the Hedgehog 3*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Mardsen. Aventura/animação/infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h20, 15h50, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h05, 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h05, 18h20. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 14h55. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 14h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h.

A VERDADEIRA DOR (*A Real Pain*). EUA/ Polônia, 2024. Dir.: Jesse Eisenberg. Elenco: Kieran Culkin, Jesse Eisenberg, Jennifer Grey. Comédia/ drama. Primos se reúnem para uma viagem pela Polônia para homenagear a avó, mas velhas tensões ressurgem. Indicado a 2 Oscars: ator coadjuvante (Culkin) e roteiro original. 1h30. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 18h50.

Teatro

HOJE

A BUTIJA DO PASTORIL PROFANO. Dfwdfq.

João Pessoa: SESC CENTRO (R. Desembargador Souto Maior, 281, Centro). Sexta a domingo, até 16/2, 20h. Ingressos: R$ 50 (inteira), R$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R$ 25 (meia), antecipados na Belíssima Cosméticos (Mangabeira), no Sebo Cultural (Centro) e na plataforma Outgo.

HOJE

BRUNA LOUISE. Comediante apresenta seu solo de stand up, *Ela Tá Correndo Atrás*. 14 anos.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Unifacisa, Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 9/2, 19h e 21h. Ingressos: de R$ 50 (balcão e camarotes/ meia) a R$ 120 (plateia/ inteira), antecipado na plataforma Ingresso Digital.

SONHO ENCANTADO DE CORDEL – O MUSICAL. Texto e direção de Thereza Falcão. Direção musical: Marcelo Alonso Neves. Elenco com 14 atores, cantores e multi-instrumentistas. Inspirado no enredo carnavalesco de Rosa Magalhães, o espetáculo combina a cultura nordestina com os contos-de-fadas de Hans Christian Andersen. Músicas originais de Paulinho Moska, Chico César e Zeca Baleiro.

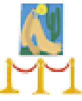
João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 9/2, 15h e 17h. Ingressos: de R$ 19,80 (frisas e plateia popular/ meia) a R$ 120 (plateia/ inteira), antecipado na plataforma Sympla.

Música

HOJE

MYRA MAYA. Cantora apresenta o show *Axé da Loca*. Discotecagem: DJ Redley.

João Pessoa: LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, 62 Miramar). Domingo, 9/2, 17h. Ingressos: R$ 25 (couvert).



Exposições

ÚLTIMOS DIAS

QUINO, MAFALDA E O MEIO MABIENTE. Dezesseis banners com obras do cartunista Quino enfocando a questão ambiental.

João Pessoa: ESPAÇO CULTURAL ((Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 10 de fevereiro. Entrada franca..

EDUCAÇÃO

Gestores têm desafios estruturais

Políticas transformadoras buscam garantir transporte e valorizar profissionais, mas dificuldades são imensas

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A educação na Paraíba tem passado por transformações, com políticas anunciadas para 2025 que buscam fortalecer a infraestrutura, garantir transporte gratuito e valorizar os profissionais da área. Contudo, desafios estruturais e metodológicos ainda persistem.

O governo da Paraíba anunciou, em janeiro, uma série de medidas formuladas para o início do ano letivo de 2025, por meio do programa Paraíba 2025-2026, com investimentos que totalizam R$ 625 milhões. Entre as medidas previstas estão a implementação do Passe Livre Estudantil para alunos do 9º ano e do Ensino Médio nas regiões metropolitanas de João Pessoa e Campina Grande, distribuição de *kits* escolares, construção de 26 novas escolas, reforma e ampliação de 58 unidades e a aquisição de 200 ônibus escolares.

De acordo com o secretário de Educação, Wilson Filho, "já iniciamos 2025 de um jeito histórico na Educação da Paraíba, com o anúncio do passe-livre estudantil, um marco no combate à evasão escolar em nosso estado. [...] Só no primeiro mês do ano realizamos a entrega de 113 ônibus escolares para os municípios, que vão assegurar o transporte seguro de estudantes em todas as regiões da Paraíba. Além disso, temos uma prioridade na Secretaria em relação a melhoria da infraestrutura das nossas escolas".


Foto: Divulgação/Secom-PB

Estudantes têm mais recursos à disposição, mas desafios metodológicos persistem

O secretário acrescentou ainda que "até o final de 2026, serão 26 novas escolas construídas, 58 reformadas e ampliadas e mais de 200 salas de aulas construídas. Estamos também realizando um esforço concentrado para garantir a climatização das escolas [...]. Até o fim de 2026, climatizaremos 452 unidades educacionais".

Em João Pessoa, o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), apresentou diversas propostas para a área da educação durante sua campanha para a reeleição. Para a Educação Infantil, está prevista a construção de quatro novas creches com recursos municipais e ampliação para quatro mil vagas. Para o Ensino Fundamental, é previsto aumentar o número de escolas integrais de 27 para 50, elaboração de um programa de reestruturação das escolas municipais para garantir acessibilidade, além de melhorias em infraestrutura e valorização dos docentes, por meio da revisão do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração Municipal (PCCR) do magistério. Até o fechamento desta matéria, a Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa não respondeu ao contato da reportagem.

Em Campina Grande, o secretário municipal de Educação, Raymundo Asfora, tem a perspectiva de um ano letivo "positivo, com foco no estudante e na educação cidadã". Segundo o gestor, "o desafio é expandir de maneira ainda mais intensa o ensino integral", além de trabalhar na melhoria do desempenho do município no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e no índice de alfabetização do município.

"Nós tínhamos, em 2021, apenas uma unidade nessa modalidade e passamos a contar com 18, em 2024. A meta agora é pelo menos duplicar o ensino integral em nossas unidades porque a gente sabe, através de diversos estudos no Brasil e no mundo, o quanto isso é benéfico para a aprendizagem dos estudantes [...]. A gente tem essa meta de maneira muito clara da alfabetização na idade certa, nos anos iniciais do Ensino Fundamental até o segundo ano. Nossa meta é chegar a 100% das crianças alfabetizadas até esse segundo ano e temos também como meta alavancar ainda mais o crescimento do Ideb", salientou o gestor.


Foto: Carlos Rodrigo

> **Já iniciamos 2025 de um jeito histórico, com o passe-livre estudantil, um marco no combate à evasão escolar**
>
> Wilson Filho

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no último Ideb divulgado, a Paraíba avançou nos primeiros anos do Ensino Fundamental, mas ficou abaixo da meta nos anos finais e no Ensino Médio. Vale ressaltar que o Brasil, assim como na Paraíba, só atingiu a meta nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a rede pública da Paraíba alcançou 5,3 pontos, superando a meta estabelecida para o período. Em João Pessoa, o indicador registrou 5,2 pontos e em Campina Grande, 5,4. Nos anos finais do Ensino Fundamental, o estado alcançou a nota 4,5, sendo que a capital obteve nota 4 e Campina Grande, 4,1. No Ensino Médio, o estado obteve nota 4, sendo que em João Pessoa o indicador registrou 3,7 pontos e em CG, o município fez 3,9 pontos.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é uma das principais referências para avaliar a qualidade do ensino no Brasil. Instituído pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2007, órgão do Ministério da Educação (MEC), o indicador tem a função de acompanhar o desempenho da educação básica no país, abrangendo desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Diálogo assegurou conquistas como o Plano de Cargos

O secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba (Sintep-PB), Felipe Baunilha, considera que diálogo entre o sindicato e a secretaria de Educação, iniciado em 2024, resultou em avanços importantes, como a reformulação do plano de carreira do magistério, que engloba professores, psicólogos, assistentes sociais, bibliotecários e pedagogos.

"Do ponto de vista da valorização profissional, nós também tivemos um bom avanço com a reformulação do plano de carreira do magistério que engloba professores, psicólogos, assistentes sociais, bibliotecários e pedagogos, que ainda existem na rede. Mas temos o desafio de conseguir construir uma carreira para os funcionários da Educação que ficaram de fora desse plano de carreira", argumentou o secretário geral.

O professor explica que, na rede estadual de ensino, "temos, hoje, duas formas de contratação nas escolas — nós sempre combatemos a terceirização — mas boa parte dos funcionários de escola são contratados via terceirização. Nós temos cerca de 4.000 funcionários terceirizados e apenas 1.000 funcionários concursados. Nós queremos a construção de uma carreira para esses funcionários que são concursados e também para que a gente possa ter uma perspectiva de abrir concurso para os funcionários de Educação".

Em janeiro, o Governo do Estado anunciou o pagamento do piso nacional do magistério com um reajuste de 6,27% aos docentes da rede estadual de ensino. As incorporações previstas no Plano de Cargos, Carreiras e Remuneração (PCCR) irão elevar o salário inicial dos professores para R$6.042,70. Além disso, é previsto que os professores prestadores de serviço recebam um reajuste total de 22,11%, com a meta de equiparação salarial com os docentes efetivos até 2026.

Também em janeiro, as duas principais cidades do estado também anunciaram reajustes salariais ao magistério. Em João Pessoa, os docentes receberam um reajuste salarial de 7,5%, em 2025, enquanto em Campina Grande o aumento foi de 6,27%.

De acordo com o secretário de Educação de Campina Grande, Raymundo Asfora, além do reajuste, a realização de concurso público e outros benefícios, como o pagamento integral da jornada ampliada e progressões de carreira, também serão implementados este ano.

Segundo o secretário de Campina Grande, "temos a previsão para 2025 de mais um concurso público para o magistério, [...] O volume de progressões de carreira tem sido implementado pela gestão, [...] conseguimos avançar no pagamento integral da jornada ampliada que antes era pago em 80%, passamos a pagar em 100%. [...] Teve o reajuste agora em 2025, mas é o quarto reajuste seguido nos últimos quatro anos para valorizar, motivar esses profissionais que se dedicam em sala de aula".

> Em janeiro, as duas principais cidades anunciaram reajustes salariais ao magistério

A Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa e o Sindicato dos Trabalhadores Públicos Municipais do Agreste e Borborema (Sintab) foram procurados, mas não retornaram até o fechamento da matéria.

Desafios educacionais

O secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba (Sintep-PB), Felipe Baunilha, salienta que a Educação tem diversos desafios, que vão desde infraestrutura quando "muitas dessas escolas não têm ambientes de planejamento pedagógico e os professores e professoras não têm onde planejar suas aulas dentro da escola", até questões de ordem social envolvendo os estudantes e suas famílias.

Segundo o professor, "o problema da evasão, na grande maioria das vezes, está relacionado a questões que são externas, não necessariamente apenas a questões internas à escola. Os problemas sociais vivenciados pelas famílias de estudantes, pelos estudantes, a baixa renda das famílias dos estudantes, a falta de oportunidades, muitas vezes, é a causa desse processo de evasão".

O pesquisador em políticas educacionais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Joedson Brito, destaca que as demandas em infraestrutura e na questão social dos estudantes representam também os desafios da qualidade de ensino.

"No sentido da qualidade, o Ideb expressa uma nota que tem a ver com o desempenho, como as crianças foram naquelas questões que passaram e que foram treinadas. [...] O desafio da qualidade, ele é importante, mas que a qualidade ultrapasse os resultados do indicador do Ideb, [...] porque ele transfere para o aluno, para a escola e para o professor a responsabilidade pela qualidade", ponderou o professor.

O professor salienta a necessidade de repensar a construção dos planos de educação, tanto no nível estadual quanto municipal, para que eles reflitam as necessidades específicas de cada município e não apenas as metas nacionais. Segundo o pesquisador, "a gente precisa pensar o Plano [Nacional de Educação] a partir dos municípios.

A professora e pesquisadora em políticas educacionais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Luciana da Silva, defende a necessidade de novos indicadores que levem em consideração a "qualidade socialmente referenciada", que atenda às necessidades da comunidade e que não se limite a garantir apenas o acesso e a permanência dos alunos na escola.

Segundo a pesquisadora, "a qualidade é muito mais do que avançar a nota do Ideb. [...] Participamos de uma pesquisa com outras instituições federais, tanto do Brasil como de fora também, em que estamos tentando apontar novos indicadores, trazer novas propostas para o governo, para que o Ideb não seja a única referência em termos de qualidade porque não reflete essa qualidade. [...] O Ideb é um indicador, mas ele não diz tudo sobre a qualidade, sobre o que realmente acontece no chão da escola". A pesquisa citada pela professora é intitulada como "Observatório da educação básica: impactos da pandemia sobre o direito à educação e a reconfiguração do trabalho docente".

A pesquisadora defende que a educação necessita ser emancipatória, no sentido de "buscar formas de transformar suas próprias condições de vida". Para ela, o direito à educação é fundamentado em três pilares: o acesso, a permanência e a qualidade. Contudo, a professora ressalta que "não basta garantir a matrícula e a permanência da criança ali na escola, tem que garantir uma educação de qualidade e essa qualidade não pode ser entendida no sentido de fazer mais com menos, como é a lógica que permeia muitas vezes as empresas, mas é uma lógica, uma qualidade que a gente chama de qualidade socialmente referenciada, uma qualidade que é pautada de acordo com as necessidades de cada comunidade, de cada região".


Foto: Arquivo pessoal

> **Estamos tentando apontar novos indicadores para o governo, para que o Ideb não seja a única referência**
>
> Luciana da Silva

Marcos Pereira

A construção de uma carreira focada na responsabilidade com o bom texto

A descoberta da vocação foi ainda criança, imitando locutores até a ida para a universidade, onde iniciou a carreira nos experimentos do estúdio-laboratório do curso de Comunicação, até a nomeação para a Redação em CG

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Marcos Pereira é aquele colega a quem todos recorrem diante de uma dúvida na revisão de um texto ou da necessidade de substituir um colega, seja qual for o motivo. Ele tem "olhos de lince" para encontrar erros no texto. Nessa conversa com o Memórias A União, Marcão, como é tratado pelos companheiros de Redação, conta como deu os primeiros passos e a pegadinha que ele pensou ser a pauta inicial, da matéria de capa que produziu quando começou no caderno de Cultura. Ele dá detalhes de todas as vindas para o jornal, revela qual foi a editoria com a qual mais se identificou e diz que não teve muita dificuldade para se adaptar aos avanços tecnológicos; simplesmente foi aprendendo e, de repente, dominou os programas necessários para o trabalho na Redação. É mais um jornalista de muita história com **A União**.

A entrevista

■ *Marcão, como foi o seu caminho, a sua trajetória até chegar em **A União**?*

Quando eu terminei o curso de Comunicação, na habilitação de Jornalismo, em Campina Grande, em 82. Em 83, já fui para **A União**, para a sucursal de lá.

■ *Você já morava em João Pessoa?*

Eu morava em João Pessoa. Optei para fazer vestibular em Campina Grande.

■ *O que foi que levou você a fazer a opção para Campina?*

Porque era uma faculdade que eu tinha vontade de fazer o curso ali. E já fazia três anos que eu morava em João Pessoa, após terminar meu o Científico, hoje o Segundo Grau. E eu tinha vontade de morar em Campina Grande também. Eu já tinha um tio que morava lá.

■ *Você é de onde mesmo?*

Sou de São José de Piranhas, no Alto Sertão. É bem perto de Cajazeiras, uma cidade-polo também da região. Bonita.

■ *Você veio de lá para João Pessoa, concluiu o Segundo Grau e foi para Campina?*

Fui. Passei no vestibular.

■ *O que trouxe você direto para João Pessoa?*

Eu já tinha tios que moravam aqui. E naquela época era comum, como só tinha vestibular em João Pessoa e em Campina Grande, sair da cidade do interior, pais botarem os filhos para estudar na capital ou em Campina Grande, que era a segunda maior cidade do estado, para poder fazer um colégio melhor, para poder ser mais fácil passar no vestibular.

■ *Aí você entrou no curso de Comunicação em Campina e, daí até **A União**, como foi o caminho?*

Quando terminei o curso em Campina Grande — passei quatro anos... Em 82… minha família tem um certo conhecimento na cidade e conseguiu uma indicação para eu poder trabalhar no Estado. E, como eu era já formado em Jornalismo, fui bater na Secom.

■ *Quem era o secretário na época?*

O secretário era o nosso mestre Gonzaga Rodrigues. Foi ele que assinou minha portaria. Daqui, peguei a portaria e fui me apresentar lá em Campina Grande; morava lá, porque eu já tinha terminado o curso.

■ *E Gonzaga não fez nenhuma objeção de você continuar em Campina?*

Não. Graças a Deus, até porque ele sabia que eu tinha terminado lá, o que falei para ele. Contei minha história, que já estava lá em Campina Grande, e não houve problema nenhum. E fui me apresentar lá na sucursal.

■ *Gonzaga era o secretário, nomeou pela Secom, mas você foi se apresentar n'**A União**?*

É, porque era tudo da Comunicação. Era como se eu estivesse à disposição d'**A União**.

■ *Começou por onde, por qual editoria?*

Fui ser repórter. Encontrei-me com Tarcísio Cartaxo, que era o chefe da sucursal. E, no meu primeiro dia de emprego, uma pegadinha: "Vim trabalhar, vou ser repórter e eu vim pegar a minha pauta para poder começar", disse.

■ *Ir para a rua?*

Tarcísio riu. Tinha um gravador daqueles grandes, quatro pilhas Rayovac, que a gente chamava de tijolão. "Pega aquele gravador ali e vai em dois ou três hotéis da cidade, no Centro, não é difícil, e se informe se tem alguém famoso hospedado. De repente, tem um secretário importante, algum artista". Fiquei bem cabreiro, como diz a história.

■ *Eu sei. E assim, sem pauta, sem nada?*

Fiquei logo imaginando: "Como é que eu vou chegar no hotel e perguntar ao atendente: 'Ei, tem alguém famoso hospedado aqui para eu poder falar com ele?'". Chico José, o Chico do Crato, estava perto, trabalhando. Olhou para mim, viu aquela minha aflição e disse: "Não. Ele está brincando com você. Eu vou preparar a pauta para você sair".

■ *Você lembra qual foi a primeira pauta?*

Fora a brincadeira, fiquei aliviado. A pauta foi sobre o Festival de Inverno de Campina Grande, o início. Na semana seguinte, fui fazer a matéria sobre as atrações. Enfim, fiz a matéria, uma página inteira assinada "Marcos Pereira". Guardo até hoje essa primeira, é meu ego e tal, é a primeira reportagem, ninguém nunca esquece. Comecei por aí, como se diz, na parte de Cultura.

■ *Você se identificava com ela?*

Eu me identifico também. Era minha praia. Eu gosto muito de filme, literatura, futebol, poesia, música popular, teatro. Estava em casa.

■ *Você teve alguma conversa para ver qual era a área com que você se identificaria melhor? Ou você chegou e já foi entrando por Cultura mesmo? Por exemplo, pegou alguma bronca na Policial?*

Não. Graças a Deus, não. É justamente isso. Como foi a primeira, foi logo Cultura, e ele viu que eu dei conta do recado. Ele viu que eu daria conta do recado, que poderia trilhar por Cultura, matérias de Cidades, seminários que aconteciam, matérias de universidades, eventos na cidade, e a parte de política e de policial ficava com outro colega, que era mais familiarizado.

■ *Você já tinha uma experiência no rádio?*

Aí foi antes de eu terminar o curso, quando fui para trabalhar na Rádio Sociedade.

■ *Fazia o quê?*

Era locutor. Trabalhava com música, entretenimento. A pessoa telefonava, pedia música e oferecia. Sempre música popular,



"Em 84, saí da Rádio Sociedade e também deixei a sucursal d'A União para voltar a João Pessoa"

Fotos: Carlos Rodrigo



Marcos Pereira revelou que, quando começou na profissão, logo no primeiro dia, foi vítima de uma pegadinha de um veterano

Jovem Guarda, Alceu Valença, Roberto Carlos, Renato e Seus Blue Caps. Era mais nesse estilo Jovem Guarda mesmo. E, como eu já estava em Campina, terminei o curso, continuei no rádio e fui trabalhar na sucursal de **A União**. Fui para o rádio, porque Gilson Souto Maior, que é um amigo, nosso colega, grande nome do rádio da Paraíba, me indicou.

■ *Foi professor da UEPB também?*

Ele foi. Na época, era Universidade Regional do Nordeste (Urne). Era o meu professor de Radiojornalismo. E a gente tinha estúdio na universidade, laboratório para poder fazer um jornalzinho, trabalhos.

■ *Locução?*

Locução. Num desses trabalhos no laboratório, ele me ouviu lendo as matérias. Quando terminou, ele gostou do que ouviu e disse: "Olha, eu vou levar você para a Rádio Sociedade, vou falar com o gerente". Com uma semana, eu já estava na Rádio Sociedade com um programa.

■ *Foi entrando, testando e pegando...*

Foi a panela quente. Deu certo. Passei dois anos. Mesmo tempo de **A União**, na sucursal. Como já estava formado, tinha tempo de ficar em um e no outro. Deu para desenrolar bem. Não tinha dificuldade.

■ *E seu retorno para João Pessoa… Você veio dentro do próprio Jornal **A União**?*

Em 84, saí da Rádio Sociedade e também deixei a sucursal d'**A União** para voltar a João Pessoa, só que eu não vim para **A União**. Vim para a Secom, porque tinha tudo a ver com **A União** também, porque fazia parte da Comunicação do Estado, e eu era lotado na Secom. Estava à disposição d'**A União** na sucursal de Campina Grande. Na Secom, quando eu chego, tinha um núcleo de radiojornalismo, com estúdio e tudo, no qual se produzia matéria para rádios do interior e daqui de João Pessoa. E a gente fazia de hora em hora, entrava nos informativos Tabajara. E eu disse: "Pronto, eu estou em casa também".

■ *"É minha praia"?*

É minha praia, porque fiquei na Secom um bom tempo, no núcleo de radiojornalismo, que era até com Josélio Carneiro. Nesse tempo, fui para a Rádio Tabajara.

■ *Uma experiência nova. Fazer o quê?*

Locução também, substituindo eventualmente Paulo Rosendo, nas folgas.

■ *Meu amigo, logo substituir Paulo Rosendo?*

O grande mestre Paulo Rosendo, do rádio. Quem me chamou foi Hermano Ponce. Fiquei na Tabajara, na Redação e fazendo a locução. Quando Paulo Rosendo não podia, eu quebrava o galho. Mas aí, sempre tinha mudança de governo, mudava direção, mudava superintendente.

■ *Cada um chegava com seu time?*

Voltei para a Secom, para o mesmo setor de radiojornalismo. E sempre também trabalhando, paralelamente, no jornal O Norte, porque eu comecei em O Norte em 90 e foi até 2009, que foi quando O Norte começou a fechar as portas. Começou a reduzir a equipe para acabar com o impresso. Em 2009, saí de O Norte. Genésio Souza Neto, que era secretário-executivo de Comunicação... falei com ele, que disse: "Marcos, você quer voltar para **A União**? Eu falo com Nelson Coelho (que era o superintendente da época, no Governo Maranhão)". Eu disse: "Quero. Estou acostumado. Estou há 19 anos n'O Norte, vou para uma coisa que eu já sei fazer". Vim para cá, pronto, estou até hoje, 14 anos que eu estou direto n'**A União**, pulando de editoria em editoria.

■ *Onde tem problema, chama Marcão? Teve desafio na Policial ou na Política?*

Nem na Política nem na Policial.

■ *Nunca cobriu a Assembleia?*

Não. Graças a Deus, não. Eu fiquei à disposição de **A União**, fiquei trabalhando só aqui, como se diz, passei a ser o Coringa. "Você vai tirar férias"... Já tirei férias suas, desci Política quando você entrou de férias. Todo mundo entra de férias e eu estou lá. Passei seis meses como chefe de reportagem também. Na época, Conceição Coutinho sofreu um acidente.

■ *De todos os cargos que eu ocupei nessa longa carreira já de 44 anos de jornalismo, é o único com o qual eu não me identifico bem.*

Já eu gostei. É tanto que me chamaram, porque eu já tirava as férias dela. E, de repente, gostaram do que eu fiz. Disseram: "Não, então vai ser você mesmo".

■ *Mas você nunca trabalhou na Revisão, embora você tenha o que na redação a gente chama de "olhos de lince"? Não porque são verdes, não, mas porque você pega o erro.*

Não, nunca trabalhei na Revisão. Mas eu, graças a Deus, tenho esse cuidado de revisar.

■ *Eu sei, mas eu também tenho esse cuidado e passo por cima de cada erro... e você passa e pega. Eu me lembro em O Norte, a gente trabalhando junto, a primeira página ficava pronta..."Não, pera aí, vamos mostrar a Marcão".*

> **Gonzaga Rodrigues foi quem assinou minha portaria. Daqui, peguei a portaria e fui me apresentar lá em Campina Grande**

Porque, além da questão de você saber o Português, de como colocar a palavra corretamente, tem a questão também da informação.

■ *Você, em algum momento dessa sua jornada em **A União**, sentiu alguma dificuldade para trabalhar? Ou nunca teve problema?*

Não, até porque nunca fui da área política. Nunca trabalhei em política, nem como repórter, nem como editor, a não ser substituindo os titulares das editorias. Nesse caso de restrição que alguns fazem em relação ao trabalho em **A União**, acho que esse é mais do lado político. Dessas de você ver quem é quem, quem é que está com quem. Entendeu? Não cheguei a isso, a sentir essa dificuldade, não, entendeu?

■ *Nesse período em que você está n'**A União**, qual é a editoria que foi mais, assim, abençoada com a sua presença? Você demorou mais tempo em qual delas?*

Foi a Diversidade, que foi justamente quando houve uma reforma, que o jornal sempre passa de tempos em tempos, por uma nova roupagem. Aí se criou o caderno de Diversidade, e eu passei a editar. Gostei do tema, porque abrange muita coisa. É filosofia, matrizes africanas, tudo isso. Era uma coisa muito plural, né? Foi uma das coisas que eu mais gostei.



"Fiquei na Tabajara fazendo a locução. Quando Paulo Rosendo não podia, eu quebrava o galho"

■ *Você enfrentou algum problema? Às vezes a gente se desentende com o colega ou às vezes a gente comete um erro — involuntário, mas comete.*

Não. O único momento que eu fiquei meio em pânico foi quando eu fui fechar a capa pela primeira vez. De repente, é a página mais importante do jornal. Me lembro que Walter Galvão estava com a mãe doente e não pôde fechar porque soube que ela teve um agravamento do problema de saúde. Ele estava até no jornal, mas teve que sair. Renata Ferreira, que era a adjunta, também estava de férias.

■ *Enfim, toma que o filho é teu.*

É. Eu estava aí, e a primeira página caiu no colo. Não vou falhar com essa missão. Mas, graças a Deus, eu fiquei combinando… na época, a superintendente era Albierge Fernandes; liguei para ela e fiquei relatando "eu vou botar isso, vou botar aquilo", trocando figurinhas, como a gente diz. De qualquer maneira, deu tudo certo.

■ ***A União** tem essa característica de escola. Nesse tempo todo, você é uma das pessoas que a gente pode dizer que foi testemunha ocular da revolução tecnológica. Você pegou a velha máquina de datilografia. E, dela, você passou para o computador. E aí, como foi o seu entendimento com a tecnologia?*

Foi aos poucos. Primeiro lá n'O Norte, nos Classificados. A gente começou a ver todas aquelas máquinas chegando, sendo instaladas, começaram os treinamentos com a turma de Luciano Piquet. "Não. Vamos começar a mudar" e tal. Realmente você tem certa dificuldade, mas, como tudo é "clica aqui", "clica lá", as coisas foram ficando mais fáceis.

■ *Hoje em dia, você abre o computador, vai logo no diretório, de repente aparece a página, você puxa uma foto, puxa um texto, dá um ctrl c, ctrl v, bota na página, manda um diagramador fazer.*

Nunca fui de diagramar. Sempre fui da produção de texto, da edição de páginas, mas sem problema. Comigo foi uma transição tranquila. Não lembro de ter enfrentado grandes problemas, como alguns colegas que tiveram muito trabalho com o computador.

■ *Mas, do ponto de vista do cara que faz Comunicação, que trabalha com redação, com jornalismo, como é que você avalia esse salto tecnológico na produção da informação, até na linguagem, no que diz respeito à mudança do processo de confecção?*

As novas gerações estão um pouco mal acostumadas.

■ *Há alguns bons 20 anos, como era que a gente fazia? Pegava o telefone, ligava, ligava, ligava, ligava, até falar. Então pegava o carro e ia atrás.*

Eu já saí a pé porque o carro estava demorando a chegar, mas fiz a matéria. Mudou a produção, a velocidade, mas os princípios do jornalismo continuam os mesmos: compromisso com a fidelidade aos fatos, uso correto do português e checagem e apuração das matérias.

■ *Como é que você avalia esse patrimônio que já tem 132 anos, que é **A União**, que hoje é a última plataforma impressa do jornalismo na Paraíba?*

Então, é bastante positivo isso, porque, além de ser um jornal oficial longevo, 132 anos, já contou muita história. Um arquivo requintado de informação que serve de fonte de pesquisa para os jovens, para os universitários. Isso aqui não pode fechar. E cada dia mais se progride. Você vê esse pessoal que chegou com o concurso...

■ *Para sua vida pessoal, foi importante?*

Muito importante. Até porque, eu trabalho aqui. Quer dizer, para mim é uma referência.

■ *Eu sei, mas é porque, como você contou a sua história, começou sem experiência alguma e, durante muito tempo, você, digamos, pós-graduou-se na Redação. Porque a continuação da escola foi **A União**?*

Pois é. A continuação do banco escolar. Quando era criança, pirralhinho, lá em casa, me deliciando com doce de leite com coco, eu pegava as catembas que eram jogadas fora. Tinha uns degraus, não tinha ainda água encanada.

■ *Tinha que botar água de carro-pipa?*

Não era nem carro-pipa, era no carro de burro. Os tonéis com água no banheiro… aí eu subia os degraus e pegava a catemba e ficava falando: "Alô, alô, alô! Estamos falando aqui da Rádio Cajazeiras, falando neste momento para São José de Piranhas. Chegou a água aí?". Era uma tendência e, de repente, quando eu chego na maioridade, profissional, tanto trabalhei em rádio, como trabalho, atualmente, em jornal. Eu tinha essa vocação para a comunicação.

■ *Então aqui fez tudo? Não restou, assim, muita alternativa de um desafio que você gostaria de enfrentar ainda? Falta o quê? Só falta só a gestão. Agora talvez um dia possa trabalhar num cargo de gestão se você se identificar com isso e se tiver oportunidade política de ser convocado para esse desafio?*

Não trabalhei no Arquivo, não.

> **Fui ser repórter. Encontrei-me com Tarcísio Cartaxo, que era o chefe da sucursal. E no meu primeiro dia de emprego, uma pegadinha**

Só usei como fonte de informação. E o d'**A União** é uma maravilha.

■ *Algum tema, algo importante, que você gostaria de registrar?*

Não, só agradecer esse bate-papo aqui com você. A gente sempre trabalhou junto. Eu lhe conheço há mais de 30 anos.

■ *E o interessante é que eu trabalhei com você na TV Cabo Branco, trabalhei com você no Jornal O Norte e agora estamos juntos aqui em **A União**.*

É verdade.

■ *Lembro da TV Cabo Branco, eu era um dos editores, e Marcos fazendo teste para ser repórter. Lembro de Marcos n'O Norte, inclusive com essa característica dele de a gente fazer a primeira página e ele dando uma olhada.*

Todo dia, o erro. Por falar em TV, quando tinha o norte.com, Gisa, que é a atual editora de **A União**, tinha a participação da Redação; eu era editor de Economia. Foi mesmo na época do apagão. Sempre se falava em apagão. Gisa chegava lá: "E aí, Marcos, como é que você está abrindo sua página de hoje?". Eu falava: "É sobre o apagão, o que está acontecendo e o que pode acontecer. Mas o governo está fazendo tudo para solucionar o problema". Um dia eu estava num barzinho, chegou um senhor e disse: "Você trabalha na Energisa?". Eu disse: "Não. Por que?". Ele disse: "Não, porque você fala tanto na TV sobre energia, sobre apagão".



Acesse o QR Code para assistir à entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

OPORTUNIDADES NO NORDESTE

Vagas em órgãos da PB, BA e MA

DPE-PB prepara edital para março, enquanto Bahia e Maranhão têm seleções abertas com salários de até R$ 11,5 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB) confirmou que lançará seu primeiro concurso para servidores até março, movimentando as expectativas dos concurseiros paraibanos. Mas quem deseja ampliar as chances de ingressar no serviço público não precisa esperar até lá: há seleções atrativas em estados próximos. No Maranhão, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado abriu 27 vagas para cargos de níveis fundamental, médio e superior, com salários de até R$ 11,5 mil. Já na Bahia, a Prefeitura de Presidente Dutra tem dois editais abertos, contemplando diversas áreas e com remuneração de até R$ 4,3 mil. Para quem deseja garantir uma vaga, o momento é agora.

DPE-PB

Na Paraíba, o concurso da Defensoria Pública é mais uma opção para quem está em busca de novos rumos na carreira. Previsto para março deste ano, o edital foi confirmado pela defensora pública-geral do Estado, Madalena Abrantes, em entrevista à imprensa. Segundo ela, o certame oferecerá cerca de 20 vagas para preenchimento imediato, além da formação de cadastro reserva. Os cargos já confirmados exigem nível superior e incluem oportunidades para assistente social, assessor jurídico, analista e psicólogo. Ainda não foram divulgados detalhes sobre salários, banca organizadora ou etapas da seleção, mas a expectativa é que o concurso fortaleça a estrutura administrativa do órgão.

Crea-MA tem 27 vagas

Já no Maranhão, o concurso da vez é o do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-MA), que abriu 27 vagas imediatas e cadastro reserva para profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior. Os salários variam de R$ 1,9 mil a R$ 11,5 mil, com jornada de 30 horas semanais. Entre os cargos disponíveis, há oportunidades para analista fiscal, motorista, advogado, contador, administrador, psicólogo, técnico em informática, engenheiro civil e auxiliar administrativo. As vagas estão distribuídas entre os municípios de São Luís, Barra do Corda, Chapadinha, Pinheiro e Santa Inês, o que pode atrair candidatos de diferentes regiões do estado.

As inscrições seguem abertas até 14 de fevereiro, exclusivamente pelo *site* do Instituto Brasileiro de Gestão e Pesquisa (IBGP Concursos), com taxas entre R$ 55 e R$ 150, conforme o cargo. Quanto à avaliação, a prova objetiva, de múltipla escolha, será realizada em 30 de março, com questões de Língua Portuguesa, raciocínio lógico, informática, legislação e conhecimentos específicos. Já para os candidatos de nível superior, também haverá prova de títulos, que pode contar pontos decisivos na classificação final. O concurso terá validade de dois anos, podendo ser prorrogado por mais dois, conforme a necessidade do Crea-MA.

Cargos

Há vagas para profissionais como administrador, advogado, psicólogo, engenheiro civil, assistente social, enfermeiro, contador, entre outras

Diversas áreas

Na Bahia, por sua vez, a Prefeitura de Presidente Dutra — localizada na região centro-norte do estado e próxima a Irecê — lançou dois concursos públicos para preenchimento de vagas em níveis médio, técnico e superior.

O primeiro edital contempla cargos como administrador, advogado, contador, engenheiro civil, assistente social, enfermeiro, farmacêutico/bioquímico, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo e coordenador pedagógico. Já o segundo inclui funções como fiscal de obras e posturas, fiscal de tributos, técnico em enfermagem e professores para diversas disciplinas, como Educação Infantil, Matemática, Português e Ciências. Os salários variam de R$ 1.518 a R$ 4.318,18, com jornada de 20 a 40 horas semanais.

Para quem está disposto a ir além da Paraíba em busca de uma vaga no serviço público, esse concurso pode ser uma saída estratégica. Para garantir a participação, é preciso inscrever-se até 19 de fevereiro pelo *site* da Fundação Apoio à Educação e Desenvolvimento Tecnológico (Cefet-Bahia). As taxas variam de R$ 90 a R$ 100, conforme a escolaridade do cargo pretendido. Quanto ao processo seletivo, a avaliação será composta por prova objetiva, a ser realizada em 23 de março, e análise de títulos para candidatos de nível superior.


Foto: Marcos Santos/USP

Concurseiros têm oportunidades em diferentes níveis de escolaridade para fortalecer a estrutura administrativa de instituições


Pelo *QR Code* acima, acesse o edital do CREA-MA


Pelo *QR Code* acima, acesse o edital da Prefeitura de Presidente Dutra

Profissão de engenheiro civil se adapta ao mercado atual

Ser engenheiro civil sempre foi um sonho para muita gente. Todo pai queria ver seu filho com diploma de engenheiro, a figura responsável por construir o futuro com as próprias mãos. Foi esse desejo que tornou a engenharia civil uma das profissões mais respeitadas e tradicionais, mas ela não parou por aí, continuou evoluindo e se adaptando aos novos tempos. Hoje, não é mais só sobre levantar prédios e estradas. O "construtor" de ontem se transformou em um especialista que alia sustentabilidade e tecnologia para entregar soluções mais inteligentes e eficientes.

Com mais de 10 anos de experiência como engenheiro civil, Anderson Alexandre da Silva compartilha como a profissão vem se adaptando a um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente. Além da capacidade técnica, o profissional precisa ser ágil o bastante para se adaptar às novas demandas e inovações do setor. "Os maiores desafios são as barreiras de entrada", começa Anderson, explicando a realidade da profissão para quem está iniciando a carreira.

Para ele, existe uma questão crucial nisso: a falta de preparo nos recém-formados, já que a formação acadêmica, muitas vezes, acaba se distanciando da realidade do mercado. Enquanto as universidades públicas têm como foco o campo teórico, as particulares focam mais na capacitação. Mas, no fim das contas, o que faz mesmo a diferença é a bagagem prática. Segundo Anderson, a vivência no campo, por meio de programas de estágio, tem sido fundamental para mitigar essa falta de experiência, colocando o futuro engenheiro no canteiro de obras.

Qualificação

O mercado também não é mais o mesmo: está saturado e muito mais competitivo. "O aumento no número de profissionais formados tem exigido a busca constante por melhores capacitações", analisa. Isso significa que investir em especializações virou um diferencial para quem deseja crescer e se destacar na carreira. "Atualmente, as capacitações mais frequentes estão voltadas para programas de gestão, planejamento e sustentabilidade", afirma Anderson. São conhecimentos que contribuem para o gerenciamento de obras, assim como para a administração de grandes projetos, que exigem um controle rigoroso de prazos e orçamentos.

Apesar dessa concorrência, o campo de atuação do engenheiro civil continua bastante amplo. "Muitas empresas de finanças, seguros e grandes corporações buscam engenheiros para cargos de gerência pela capacidade de lidar com planejamento de uma forma geral", complementa Anderson Alexandre. Isso tem gerado novas oportunidades fora da construção civil, mas, como ele bem aponta, a gerência de obras segue como o setor predominante. Ainda assim, uma outra vertente vem ganhando força no mercado: a de engenheiro de planejamento. "Ele é especialista em organizar, planejar e fazer com que a obra cumpra seu prazo", afirma o especialista.

Habilidades

Além do conhecimento técnico, a engenharia civil também demanda do profissional a capacidade de lidar com problemas e propor soluções. Raciocínio lógico, liderança, boa comunicação, análise crítica e habilidades interpessoais são características que um engenheiro de sucesso deve cultivar ao longo de sua carreira. Para Anderson, ser engenheiro civil não significa apenas projetar e construir, mas liderar equipes, resolver problemas e conduzir projetos de forma eficiente e eficaz, sempre com um olhar atento ao futuro — ligado à sustentabilidade e à inovação tecnológica.

Se você já atua na área ou se inspirou em Anderson Alexandre para seguir essa carreira, este é o momento de expandir suas chances. No Crea-MA, há uma vaga em São Luís, com exigência de Ensino Superior em Engenharia Civil, CNH categoria B e registro no Crea. A remuneração é de R$ 11.530 para 30 horas semanais. Na Prefeitura de Presidente Dutra, Bahia, o concurso oferece uma vaga com salário de R$ 2,5 mil, exigindo graduação de nível superior e registro profissional no respectivo órgão de classe, com 20 horas semanais de trabalho.

> **"O aumento no número de profissionais tem exigido a busca constante por melhores capacitações**
>
> Anderson Alexandre


Foto: Arquivo pessoal

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 29 de janeiro de 2025		+0,51%	+0,00%	+0,56%	IPCA do IBGE (em %)	-1,29%
13,25%	R$ 1.518	R$ 5,793	R$ 5,985	R$ 7,197	Dezembro/2024 0,52 Novembro/2024 0,39 Outubro/2024 0,56 Setembro/2024 0,44 Agosto/2024 -0,02	124.598 pts

FINANCIAMENTO

Mudança faz consumidor repensar compra de imóvel

Alterações buscam controlar o volume de crédito habitacional disponível

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Os primeiros meses de 2025 estão difíceis para quem desejava concretizar o sonho da casa própria. Em meio à alta da Selic (taxa básica de juros da economia brasileira) e o aumento de retiradas da caderneta de poupança, a Caixa Econômica Federal elevou os juros do financiamento imobiliário de 1 para 2 pontos percentuais. O reajuste está em vigor desde 2 de janeiro para os novos contratos ligados ao Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), destinados à classe média e concedidos com recursos da caderneta de poupança.

Essa foi a segunda alteração nas regras de financiamento imobiliário da Caixa. Em novembro do ano passado, o SBPE, que financia imóveis com valores acima de R$ 350 mil e até R$ 1,5 milhão, já havia sofrido um ajuste nas condições de financiamento. Para os imóveis financiados pelo Sistema de Amortização Constante (SAC), a cota de financiamento foi reduzida de 80% para 70%, o que eleva a entrada mínima de 20% para 30% do valor do imóvel. No sistema Price, utilizado para financiamentos com parcelas fixas, a cota foi reduzida de 80% para 50%, fazendo com que a entrada mínima suba de 30% para 50% do valor do imóvel.

Nesse movimento, os bancos privados decidiram ajustar suas taxas de crédito imobiliário, dificultando um pouco mais a vida de quem pensava em "migrar" a contratação desse tipo de serviço para bancos como Itaú, Bradesco ou Santander. A engenheira Leila Teixeira, que decidiu financiar um segundo imóvel em novembro do ano passado, sentiu no bolso essa nova realidade. "Impactou um bocado no meu planejamento financeiro. Há dois anos, quando eu fiz o meu primeiro financiamento imobiliário pelo mesmo banco, os juros eram bem menores", relata.

Em 2023, os juros médios para financiamentos em bancos privados variavam de 8% a 10% ao ano. No entanto, após as novas medidas implementadas pelo governo, esses valores dispararam, e Leila se viu com uma parcela mais alta do que a do seu financiamento anterior. A diferença foi significativa: enquanto antes pagava um juros de 9% ao ano, agora se viu com uma taxa de 12%, o que fez a parcela mensal do financiamento subir consideravelmente.

Impactos

Essas mudanças, que buscam controlar o volume de crédito habitacional disponível, têm impactado negativamente a procura pelos financiamentos, especialmente em um momento de alta inflação e juros elevados. Rafael Lacerda, analista de crédito da Aprovar, correspondente bancário, explica que a alta no valor das entradas tem frustrado muitos clientes. "Por exemplo, um imóvel de R$ 400 mil, que antes exigia uma entrada de R$ 80 mil, agora passa a exigir R$ 120 mil na opção SAC e R$ 200 mil na opção Price. Esse aumento no valor da entrada tem afastado muitos compradores", comenta.

Para diminuir os impactos para os clientes, Rafael acredita que o principal é tornar o processo mais transparente e apresentar todas as possibilidades de financiamento, para que o cliente possa analisar com calma. "Usamos três sistemas para simulações e tentamos ser o mais claro possível, detalhando todas as etapas do financiamento. A maioria dos nossos atendimentos é feita via WhatsApp, mas também oferecemos opções de ligações, áudios explicativos e atendimento presencial", destaca.

> **Usamos três sistemas para simulações e tentamos ser o mais claro possível, detalhando todas as etapas do financiamento**
>
> Rafael Lacerda

Empréstimos antigos e MCMV ficam de fora

Quem fechou o financiamento antes das novas regras pode respirar aliviado ou aliviada. As mudanças aplicam-se apenas a novos financiamentos, ou seja, não afetarão imóveis em construção ou empreendimentos já financiados pelo banco. Os imóveis que utilizam recursos do FGTS e o Programa Minha Casa Minha Vida também permanecem com as condições anteriores.

Entretanto, para o corretor Luis Eduardo, os clientes foram impactados pelo maior rigor na comprovação de renda, especialmente no Minha Casa Minha Vida. "As exigências para comprovação de renda de trabalhadores informais ficaram mais rígidas. Isso afetou principalmente o público que financia imóveis de valor mais baixo, que geralmente conta com subsídios do governo. Com essas novas exigências, as vendas caíram, mas, felizmente, já estamos vendo uma normalização no início deste ano, com a redução da burocracia", explica.

Nesse ponto, a planejadora Michelle Barbosa não encontrou maiores dificuldades. Ela se antecipou às novas regras e conseguiu garantir o financiamento do seu imóvel em agosto do ano passado, por meio do Minha Casa Minha Vida. Com uma entrada de 10% do valor do imóvel — que incluiu parte do seu FGTS — ela optou pelo financiamento em 420 meses. "É o meu primeiro imóvel", comemora, enquanto comprova sua alegria com um sorriso largo e satisfeito.

Perspectivas

As mudanças na política de crédito vêm como uma resposta à alta demanda por financiamento habitacional. Até setembro de 2024, a Caixa já havia concedido R$ 175 bilhões em crédito, um aumento de 28,6% em relação a 2023. Com as novas regras, a Caixa espera administrar melhor a crescente demanda por crédito e o desafio de equilibrar o volume de recursos disponíveis, buscando soluções sustentáveis para expandir o crédito habitacional no Brasil, como explica o presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Rômulo Soares.

Segundo ele, ainda não está claro se as mudanças serão revertidas neste ano, quando o banco tiver novo orçamento para crédito habitacional, ou se algumas medidas vão se tornar permanentes. "Com essas alterações, o mercado imobiliário brasileiro aguarda para ver o real impacto das novas regras e como elas poderão moldar o futuro do financiamento habitacional no país", resume.



Foto: Michelle Barbosa/Arquivo pessoal

Michelle Barbosa se antecipou às novas regras e conseguiu garantir o financiamento

Saiba mais

Segundo o Banco Central (BC), a caderneta de poupança registrou o maior volume de saques líquidos do ano em setembro do ano passado, com os correntistas retirando R$ 7,1 bilhões a mais do que depositaram. Em outubro, a caderneta de poupança registrou o quarto mês de saques líquidos consecutivos, com os correntistas retirando R$ 6,3 bilhões a mais do que depositaram.

Os bancos devem destinar 65% dos depósitos da poupança ao SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo). O sistema é uma das principais linhas de financiamento imobiliário disponíveis no mercado.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Panorama econômico atual em seis tópicos

1. Pix: pagamentos internacionais — O Banco Central (BC) do Brasil estuda expandir o Pix para permitir pagamentos internacionais, o que pode reduzir custos, facilitar remessas e tornar as transações mais eficientes. Em um evento no México, o presidente do BC, Gabriel Galípolo, destacou que essa integração pode beneficiar exportadores, imigrantes e turistas, eliminando intermediários e reduzindo tarifas. Apesar das vantagens, a implementação enfrenta desafios como regras tributárias, combate à lavagem de dinheiro e harmonização regulatória entre diferentes países. Caso seja bem-sucedido, o Pix poderá reforçar a posição do Brasil como referência em inovação financeira global.

2. Reforma tributária e compensação fiscal — O Governo Federal propôs ampliar a faixa de isenção do Imposto de Renda para trabalhadores que ganham até R$ 5 mil mensais, com o objetivo de beneficiar a classe média e baixa. Para compensar essa perda de arrecadação, a estratégia inclui a taxação de dividendos e outras medidas voltadas para os mais ricos. O setor produtivo e especialistas alertam para possíveis impactos negativos, como a fuga de capitais para países com regimes tributários mais vantajosos. Para evitar um desequilíbrio fiscal, o governo precisa garantir uma compensação eficaz e negociar apoio no Congresso.

3. Impacto da inflação e medidas do governo — Com o aumento dos preços dos alimentos, o presidente Lula sugeriu que a população boicote produtos com valores considerados abusivos. A proposta gerou polêmica, pois especialistas indicam que boicotes não são suficientes para conter a inflação, que depende de fatores como custos de produção, logística e demanda global.

4. Setor energético e aumento da conta de luz — O Congresso Nacional discute a inclusão de dispositivos conhecidos como "jabutis" no Marco Legal das Eólicas Offshore. Esses artigos preveem subsídios e a obrigatoriedade da contratação de energia térmica e pequenas centrais hidrelétricas. Caso os vetos presidenciais a essas medidas sejam derrubados, a conta de luz pode subir até 9%, gerando um custo adicional de R$ 19 bilhões anuais para os consumidores. O setor elétrico defende a manutenção dos vetos para evitar distorções e custos desnecessários, enquanto grupos políticos argumentam que essas medidas impulsionariam investimentos em regiões carentes de infraestrutura energética.

5. Desafios da automação e legislação trabalhista — A automação tem substituído trabalhadores humanos em diversos setores, levantando questões sobre o impacto no emprego e a necessidade de regulamentação. O Congresso debate medidas para mitigar os efeitos da tecnologia, como programas de requalificação profissional e incentivos para realocação de funcionários. Há divergências sobre o nível de intervenção estatal no processo de modernização das empresas, e a falta de consenso pode atrasar a implementação de soluções eficazes.

6. Alívio no câmbio e na Bolsa — O mercado financeiro apresentou uma melhora recente, com valorização do real e alta na Bolsa de Valores. Esse movimento é impulsionado por fatores externos, como a redução de incertezas sobre políticas monetárias nos Estados Unidos e na Europa, e internos, como uma maior previsibilidade na política econômica brasileira.

O Banco Central tem mantido uma postura cautelosa em relação à taxa de juros, o que ajudou a aumentar a confiança dos investidores. Além disso, o avanço de reformas estruturais, como a tributária e o novo arcabouço fiscal, trouxe mais otimismo ao mercado. Apesar da recuperação, economistas alertam que a estabilidade pode ser temporária. O governo precisará demonstrar compromisso com a responsabilidade fiscal e aprovar medidas que consolidem a confiança dos investidores para evitar futuras volatilidades no câmbio e na Bolsa.

EM 2024

Previdência privada cresce 15,3%

No ano passado foram aportados mais de R$ 196 bilhões em planos desse tipo em todo o Brasil

O último relatório realizado pela Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi) informa que, em 2024, foram arrecadados R$ 196,1 bilhões em planos de previdência privada aberta no país, valor 15,3% acima do acumulado no ano anterior.

Na comparação com o observado em 2023, os resgates subiram 6,5%, registrando R$ 135,4 bilhões em 2024. No entanto, a captação líquida — que é o resultado dos aportes menos os resgates — foi de R$ 60,8 bilhões, uma expansão de 41,2%.

Os ativos geridos pelo setor também são destacados no relatório da Federação. Ao fim de 2024, cerca de R$ 1,6 trilhão estava sobre gestão do setor, o equivalente a 13,4% do PIB brasileiro.


Fotos: Divulgação/Fenaprevi

Presidente da Fenaprevi, Edson Franco diz que envelhecimento da população está acelerado e impõe desafios para o sistema público de previdência

"Fechamos 2024 com resultados muito positivos, fruto de um trabalho de conscientização da população em relação à necessidade de proteção previdenciária e securitária. Os resultados do Censo de 2022, divulgados pelo IBGE, em 2024, revelaram que o processo de envelhecimento está mais acelerado do que o previsto, o que impõe grandes desafios para o sistema público de previdência e, consequentemente, desperta a população para a necessidade de formação de poupança privada", contextualizou Edson Franco, presidente da Fenaprevi.

Ele complementa lembrando que, no último ano, os Três Poderes da nação ratificaram a relevância dos planos previdenciários e dos seguros de pessoas para a sociedade e para a economia do país, por meio da modernização do arcabouço regulatório, da aprovação de leis e da importante decisão do STF que afastou definitivamente a possibilidade de incidência do ITCMD para os produtos de acumulação previdenciária.

"Esperamos para 2025 a manutenção de um ambiente favorável, onde prosperem todas as iniciativas que buscam ampliar a proteção da população brasileira e a formação de poupança de longo prazo. Para tanto, será fundamental proteger, modernizar e garantir a segurança jurídica e previsibilidade quanto ao tratamento tributário aplicável aos produtos comercializados pelas sociedades seguradoras, especialmente os voltados à proteção financeira, que hoje beneficiam todas as camadas sociais. A pesquisa Fenaprevi/DataFolha, de 2024, mostra que metade dos titulares de planos de caráter previdenciário são das classes C, D e E", destaca Franco.

VGBL lidera os aportes

Segundo o relatório, o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL) foi o que mais arrecadou em 2024, sendo responsável por 91% da captação bruta total (R$ 178 bilhões). Já os planos do tipo Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) foram aportados mais de R$ 15 bilhões ou 8% do total. E no caso dos planos tradicionais de previdência privada foram cerca de R$ 3 bilhões arrecadados.

Maioria das pessoas tem dificuldade no planejamento financeiro

De acordo com uma pesquisa promovida pela Fenaprevi, encomendada ao Instituto Datafolha, 84% dos brasileiros pensam em planejar suas finanças para o futuro, sendo que 65% afirmam já fazê-lo com frequência.

No entanto, embora a grande maioria se preocupe com a organização das finanças, 45% dos entrevistados admite ser difícil reduzir as despesas para conseguir guardar dinheiro, enquanto 42% revelam ter dificuldade de gerar renda suficiente para poupar ao longo do ano. Para 35% dos respondentes, lidar com despesas extras e imprevistos também é um desafio para o planejamento financeiro.

Segundo a consulta, 76% dos brasileiros afirmam ter alguma meta de planejamento financeiro, principalmente a curto (12 meses) e médio prazo (pelos próximos 5 anos).

Dentre as ações mais recorrentes indicadas para atingir os objetivos estão "poupar ou guardar dinheiro (30%)", mas sem especificar de que forma farão isso; seguida por "trabalhar", também para 30%; e "investir" (22%), sendo preferencialmente na "poupança" (9%). Outra maneira apontada por 18% dos entrevistados é "cortar custos".

■ Entre os entrevistados, 42% revelam ter dificuldade de gerar renda suficiente para poupar ao longo do ano.



Segundo a consulta, 76% dos brasileiros afirmam ter alguma meta financeira de curto prazo

Número de contratos e de participantes chega a 14 milhões



Entre os planos disponíveis, o VGBL foi escolhido em 63% dos casos (8,9 milhões)

Os valores estão distribuídos entre os mais de 14 milhões de planos, sendo 80% da modalidade individual e os demais (20%) da modalidade coletiva, isto é, quando a empresa, por exemplo, realiza a contratação do plano de previdência privada aberta para o trabalhador.

Ao analisar os planos por tipo de produto, o VGBL foi escolhido em 63% dos casos (8,9 milhões de planos); o PGBL responde por 22% do total (3,1 milhões de planos) e os demais 15% são referentes aos planos tradicionais (que corresponde a 2,2 milhões).

Esses planos pertencem a 11,2 milhões de pessoas, o equivalente a 7% da população de 18 anos ou mais, no Brasil. Desses, 9 milhões estavam em planos individuais - quando a motivação da contratação parte da pessoa, e outros 2,3 milhões estavam em planos coletivos.

"Nossos produtos de proteção à renda, fazem a diferença na vida das famílias, tanto para assegurar uma aposentadoria que permita um envelhecimento digno, como para oferecer amparo financeiro em uma situação de doença, invalidez ou morte prematura. Nesse contexto, continuaremos diligentes no aperfeiçoamento contínuo do portfólio de produtos e serviços e do arcabouço regulatório, promovendo um esforço permanente de conscientização, com o objetivo de alcançar a meta de ampliar a população protegida do nosso país", conclui Edson Franco.

Opções

Existe a modalidade coletiva, isto é, quando a empresa, por exemplo, realiza a contratação do plano de previdência privada aberta para o trabalhador

ALÉM DA CAPITAL

Parcerias impulsionam pesquisas

Encontros realizados nas últimas semanas discutiram o desenvolvimento científico e econômico do interior do estado

Ascom Secties

Com o objetivo de fortalecer a interiorização da ciência e da inovação no estado, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) protagonizou uma série de viagens institucionais em municípios do Sertão paraibano e em Campina Grande, durante as últimas semanas. Ao longo das reuniões com prefeitos, reitores e secretários de Estado, a pasta busca articular parcerias e investimentos para potencializar o desenvolvimento científico e tecnológico fora da capital, criando novas perspectivas para o futuro das regiões e do estado.

"Essas visitas técnicas são essenciais para fortalecer o diálogo entre o Governo do Estado e as instituições de Ensino Superior da Paraíba, como a UFCG [Universidade Federal de Campina Grande], para que possamos potencializar e fortalecer os programas de pós-graduação e apoiar o desenvolvimento científico e econômico do Sertão. As ações, realizadas nas últimas semanas, são um reflexo do nosso compromisso com o futuro da Paraíba", disse o titular da Secties, Claudio Furtado.

O gestor se reuniu com os professores Camillo Farias e Fernanda Leal, vencedores da consulta eleitoral da comunidade acadêmica da UFCG. A reunião aconteceu no último dia 29 de janeiro, na sede da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), em Campina Grande.

Na ocasião, foram apresentadas as ações da Secretaria e realizado um alinhamento de intenções para construção de pautas futuras. O momento contou, ainda, com a participação do presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), Rangel Junior; da assessoria técnica da Secties; e de representantes da UFCG.

Em seguida, foi a vez do município de Patos, no Sertão da Paraíba, receber a comitiva da Secties. O encontro teve o objetivo de fazer uma interlocução com a recém-criada Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Econômico (Citide).

Diálogo

Troca de experiências visa à criação de novas perspectivas para o futuro da Paraíba, sobretudo do Sertão, região que recebeu duas visitas técnicas

O secretário Claudio Furtado se reuniu com o secretário da Citide, Vinícius Campos, no último dia 30 de janeiro, em um diálogo com o intuito de interiorizar e popularizar ainda mais a ciência e a tecnologia na Paraíba.

Ainda no Sertão, o município de Sousa foi palco de uma conversa que rendeu bons frutos, a serem colhidos em breve, com ações da Secties no município, a exemplo do curso de Energias Renováveis, na UEPB, e do Vale dos Dinossauros.

O diálogo entre o Governo do Estado e a Prefeitura de Sousa aconteceu por intermédio do secretário Claudio Furtado, que se reuniu, no último dia 30 de janeiro, com o prefeito Helder Carvalho e com o secretário municipal da Juventude e da Ciência e Tecnologia, Koloral Junior.

A jornada pela Paraíba terminou com visitas técnicas pelo Vale dos Dinossauros e por alguns sítios arqueológicos que os pesquisadores do Projeto de Atividades de Educação Ambiental e Patrimonial da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe (Apeap) têm descoberto. O cenário foi de muitas riquezas científicas para a Paraíba.

Resultados

As atividades em campo da Apeap permitem que os estudantes participem de explorações de sítios arqueológicos e paleontológicos, localizando os registros de fósseis, microfósseis, icnofósseis e outros. Para esse trabalho, são utilizadas as técnicas de fotografias, vídeos, *scanner* e anotações detalhadas para garantir que todas as informações sejam capturadas com precisão. No laboratório, os estudantes realizam atividades de tombamento e registro de materiais arqueológicos e paleontológicos, além da higienização e da organização desses materiais, que serão usados em futuras pesquisas, aliando o trabalho prático aos estudos literários sobre a temática da pesquisa.

O Projeto Apeap é dividido em subáreas, que contam com objetivos e metas a serem alcançadas a cada bimestre da realização do projeto. As subáreas são divididas em atividades de prospecções paleontológicas, desenvolvidas pelos pesquisadores em Paleontologia e auxiliares em expedições de campo; atividades de prospecções e salvamentos arqueológicos, desenvolvidas pelos arqueólogos e assistentes do grupo de pesquisa; e atividades de Educação Patrimonial e de Educação Ambiental, desenvolvidas em escolas e eventos.

Fotos: Mateus de Medeiros/Secties



Comitiva liderada pelo secretário Claudio Furtado traçou estratégias para a popularização da ciência e da tecnologia; prefeitos e reitores participaram do debate



Ações alcançam alunos da Educação Básica

O projeto alcançou um total de 11 instituições, sendo cinco escolas em Uiraúna (três municipais e duas estaduais) e seis em São João do Rio do Peixe (três na Zona Urbana e três na Zona Rural). Em termos quantitativos, foram realizadas 18 palestras, que atingiram um público total de 549 alunos, sendo 356 em Uiraúna e 193 em São João do Rio do Peixe. O projeto obteve uma gama enorme de alunos recebidos no Vale dos Dinossauros, inclusive de municípios, como Riacho dos Cavalos, Cachoeira dos Indios, Sousa, Conceição do Piancó e Poço José de Moura.

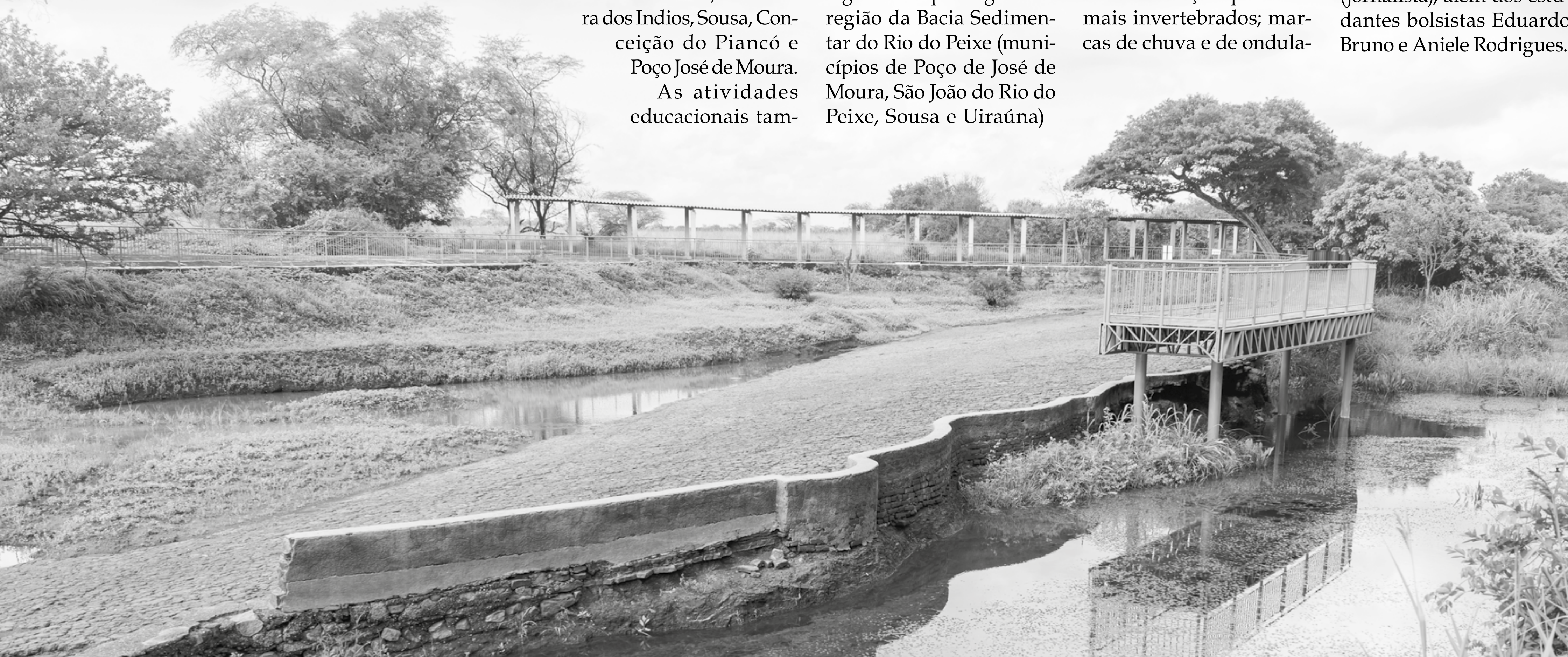
As atividades educacionais também contemplaram a população de Sousa, Aparecida e arredores, na 1ª Feira de Energias Renováveis, com o projeto itinerante do Museu de História Natural. Em São João do Rio do Peixe, a iniciativa contemplou um grupo de escoteiros, com uma bela ação de coleta de lixo às margens do Rio do Peixe e também com a participação na 2ª Mostra Cultural, realizada em praça pública, atraindo centenas de populares.

Os resultados obtidos das prospecções paleontológicas e arqueológicas na região da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe (municípios de Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Sousa e Uiraúna) alcançaram sete sítios arqueológicos, onde foram encontradas gravuras e pinturas rupestres de seres humanos pré-históricos.

Em 20 sítios paleontológicos, alguns registros foram totalmente destruídos (por ações da natureza ou humana) ou estão com destruição iminente. Nesses locais, foram encontrados fósseis de conchostráceos e fragmentos de troncos; icnofósseis de locomoção e descanso por dinossauros; icnofósseis de habitação; pastagem e alimentação por animais invertebrados; marcas de chuva e de ondulações indicadoras de fundo de lago.

Time multidisciplinar

Com início em julho de 2024, a equipe do projeto é composta pelo coordenador-geral, arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo Juvandi de Souza Santos; João Rosa (arqueólogo), Juliana Carvalho (bióloga e paleontóloga), Thomas Bruno (jornalista e historiador), Rogério Ferreira (geógrafo), Flávia Martins (bióloga), Joice Schaeffer (assessora técnica), Bruna Steinbach (jornalista), além dos estudantes bolsistas Eduardo Bruno e Aniele Rodrigues.



EDIÇÃO: Andréa Meireles
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro

EM JANEIRO

Incidência de raios cresceu 37%

Paraíba registrou 85 mil descargas elétricas no primeiro mês do ano, superando o mesmo período de 2024

Em 2024, o estado contabilizou mais de 460 mil descargas atmosféricas

Segundo a Energisa, o índice do ano passado foi o maior registrado nos últimos cinco anos em todo o estado

Foto: Folha do Oeste/Estadão Conteúdo

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Relâmpagos cortam o céu da Paraíba, anunciando o início de um dos fenômenos mais instigantes da natureza: a temporada de raios. Nos primeiros meses do ano, o estado enfrenta, tradicionalmente, o período de maior incidência de descargas atmosféricas, impulsionado pelas chuvas intensas que transformam o clima paraibano. De acordo com a Energisa, só no prmeiro mês deste ano, mais de de 85 mil descargas atmosféricas foram registradas em todo estado. Isso representa um aumento de mais de 37% em relação a janeiro de 2024.

Segundo a Energisa, o ano passado fechou com impressionantes 460 mil raios, o maior índice registrado nos últimos cinco anos. Para efeito de comparação, em 2021, a média foi de 200 mil, de acordo com o Grupo de Eletricidade Atmosférica (Elat), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em 2024, os municípios Pombal, Paulista, Brejo do Cruz, Catingueira e Cajazeiras, todos no Sertão paraibano, despontaram entre os mais atingidos, de acordo com a concessionária de energia. Em seu quadro de estatísticas, a Região Oeste da Paraíba, que se estende de Triunfo a São José do Sabugi, concentrou a maior parte das ocorrências, com 350.873 registros, enquanto a Região Leste, onde estão cidades como João Pessoa, Conde e Santa Rita, teve apenas 11.538 raios. Já a área Central, onde ficam os municípios de Monteiro, Campina Grande e Lagoa de Dentro, contabilizou 103.643 descargas elétricas ao todo.

Causa

Diante desses números, surgem duas perguntas inevitáveis: por que os raios se intensificam nesse período do ano e por que o Sertão é a região mais afetada?

De acordo com o meteorologista Ranyére Nóbrega, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a resposta está na formação das nuvens cúmulo-nimbos, típicas de regiões com grande amplitude térmica. "Os raios têm origem em nuvens de grande desenvolvimento vertical, no qual partículas de gelo e vapor de água colidem, gerando íons que se conectam aos do solo e formam as descargas elétricas", esclarece.


Foto: Arquivo pessoal

> **O Sertão reúne condições ideais: solos altamente condutivos e áreas de relevo elevado que intensificam a concentração de descargas atmosféricas**
>
> Gilvan Vieira Andrade

Ainda segundo o professor esse fenômeno ocorre principalmente no Sertão e no Agreste, onde o calor intenso do dia contrasta com noites mais frias. Já no Litoral, a estabilidade do clima e as chuvas mais longas dificultam a ocorrência das descargas elétricas.

A composição do solo também exerce uma forte influência nessa dinâmica. No Sertão, a presença de minerais na terra facilita a condução de energia, tornando a região mais propensa aos raios. Com os metais atuando como condutores naturais, os íons formados nas nuvens conectam-se facilmente com os do solo, completando o circuito das descargas atmosféricas.

Gilvan Vieira de Andrade, doutor em Engenharia Elétrica pela UFCG, aprofunda a relação entre relevo e tempestades. "O Sertão reúne condições ideais: solos altamente condutivos e áreas de relevo elevado que intensificam a concentração de descargas atmosféricas. Quando esses fatores se combinam com as condições climáticas locais, o resultado é um ambiente perfeito para a formação de raios", explica o especialista.

Além disso, as características do relevo paraibano também exercem influência na distribuição de raios no estado, tudo em razão do Planalto da Borborema. Gilvan detalha que "no meio do estado, temos um relevo mais elevado que vai descendo em direção ao Litoral. E, quanto mais baixo o terreno, maior a distância entre a nuvem e o solo, o que reduz a incidência de descargas".

Não à toa, João Pessoa é uma das cidades mais seguras do mundo em relação aos raios. Já o Brejo e o Sertão, a altitude maior aproxima as nuvens do solo e, ao mesmo tempo, cria um ambiente mais seco, tornando os raios mais intensos.

Também entra nessa equação a baixa umidade observada no Sertão paraibano. Gilvan explica que a ionização do ar em regiões secas ocorre com mais facilidade, favorecendo as descargas. "O Planalto da Borborema barra a umidade do mar. Por isso, Patos, Cajazeiras, Sousa e outras cidades do interior têm um clima bem mais seco e árido. Sem umidade, o ar ioniza mais rápido", analisa.

No Litoral, por sua vez, onde a umidade é naturalmente mais elevada, os elétrons se dissipam mais facilmente, reduzindo a ocorrência de raios.

Mudanças climáticas aumentam a ocorrência de tempestades no estado

Um fator adicional, pouco a pouco, vem transformando o clima paraibano: o aquecimento global. À medida que as mudanças climáticas elevam as temperaturas em todo o planeta, os eventos extremos tornam-se mais frequentes e imprevisíveis. Ora as chuvas chegam com força incomum, formando tempestades severas, ora a estiagem prolonga-se além do esperado, alterando os padrões atmosféricos da região.

A meteorologista Ana Paula Paes, consultora da Energisa, observa que essas alterações tornam as tempestades mais frequentes e intensas. "A atmosfera está cada vez mais quente e úmida, e isso favorece a formação de nuvens de tempestade e o aumento do número de descargas elétricas. No mundo todo, temos observado esse fenômeno", reflete. A Paraíba não foge à regra. Segundo ela, essa tendência já é perceptível no Sertão, onde a grande variação de temperatura entre o dia e a noite cria um ambiente propício para descargas elétricas mais frequentes e potentes.

A relação entre calor e o aumento das descargas atmosféricas é um ponto-chave para entender a escalada desse fenômeno. Segundo o professor da UFCG, Ranyére Nóbrega, as mudanças nos padrões climáticos favorecem a formação das cúmulo-nimbos, as nuvens responsáveis pelos raios. Ele lembra que quanto mais quente a atmosfera, maior a movimentação do ar dentro delas, intensificando as colisões entre as partículas de gelo.

Além disso, Nóbrega também destaca o impacto dos fenômenos El Niño e La Niña, que alteram a distribuição de calor e umidade na atmosfera. "Com o El Niño, temos temperaturas mais elevadas porque chove menos e, assim, uma maior incidência de tempestades rápidas e fortes, levando a uma maior ocorrência de raios", explica. Já o La Niña provoca o efeito oposto: "faz com que chova mais, mas as nuvens acabam tendo um desenvolvimento menor, porque as temperaturas estão mais frias", completa.

Aquecimento global torna os eventos extremos imprevisíveis no planeta

Potência equivale a 1.500 chuveiros elétricos

Um único raio pode carregar energia equivalente a 1.500 chuveiros elétricos ligados ao mesmo tempo. Para se ter ideia do impacto, enquanto um equipamento comum consome entre 10 e 20 amperes, uma descarga atmosférica pode ultrapassar 30 mil amperes. Tudo isso em questão de milésimos de segundo, como explica o professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Franklin Martins Pereira Pamplona. "A energia dissipada por um raio é gigantesca e acontece de forma muito rápida, o que explica seu alto poder destrutivo", destaca o doutor em Engenheiria Elétrica.

Mas, afinal, o que realmente é um raio? Nas palavras do professor, o raio é a descarga elétrica que ocorre entre a nuvem e o solo, ou entre nuvens. Já o relâmpago é apenas a parte visível dessa descarga, a luz intensa que vemos no céu. O trovão, por sua vez, é o som produzido quando o ar, ao redor do raio, se expande rapidamente devido ao calor extremo.

Engana-se quem pensa que os raios sempre caem do céu para a terra, pois, se uma nuvem estiver descarregada e passar sobre um solo eletricamente carregado, o raio pode ser gerado de baixo para cima, o que é mais raro. Tudo depende da situação do solo e de como as energias eletrostáticas acumulam-se.

Como se proteger?

Diante dessa potência toda, uma coisa é certa: não dá para ignorar a força da natureza. Por isso, é essencial adotar medidas de proteção, tanto para evitar acidentes quanto para minimizar os danos a equipamentos eletrônicos e edificações.

Segundo Franklin Pamplona, o perigo não está apenas na queda direta do raio, mas também na forma como a energia propaga-se pela rede elétrica. Ele alerta que equipamentos ligados à tomada podem conduzir a descarga e aumentar o risco de choques. Isso pode acontecer porque, se um raio atingir a rede elétrica, a descarga pode percorrer a fiação e queimar os eletrodomésticos. Para evitar esse tipo de dano, o professor recomenda que os aparelhos sejam retirados da tomada ou feita a instalação de um Dispositivo de Proteção contra Surtos (DPS). "Quando instalado no quadro de energia, o DPS protege os eletrodomésticos, pois direciona essa carga para o aterramento".

Em prédios, a segurança é maior devido à presença obrigatória de para-raios, mas essa proteção não se estende às casas vizinhas. Além disso, há tomadas e adaptadores com proteção contra surtos, que ajudam a evitar prejuízos em eletrônicos mais sensíveis, como computadores e televisores.

Também vale ficar longe de árvores, evitar contato com estruturas metálicas — incluindo portas e janelas — e não utilizar telefone com fio. "Raios sempre buscam o caminho mais fácil para o solo. Quem está segurando algo conectado à rede elétrica pode acabar se tornando esse caminho", alerta.

Campos abertos, como praias e áreas descampadas, também representam riscos. Por isso, se não houver abrigo por perto, a recomendação é se afastar de qualquer ponto mais alto. Entretanto, caso esteja no trânsito, permaneça dentro do carro para evitar problemas. "O veículo fechado funciona como uma gaiola de Faraday, conduzindo a descarga pela lataria e dissipando a energia no solo. Desde que a pessoa não toque nas partes metálicas internas, estará protegida", constata.


Foto: Rafael Batista/Energisa

Especialistas recomendam que campos abertos, praias e áreas descampadas sejam evitados





Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB



Foto: Estefinho Francelino/Campinense

Henrique Dourado volta ao Botafogo-PB e pode estrear contra o Rubro-Negro serrano, que treinou com bastante descontração para o clássico deste domingo

BOTAFOGO-PB X CAMPINENSE

Decisão antecipada

Equipes têm 10 pontos e jogam para se manter no G4 faltando três rodadas para a conclusão da primeira fase do Estadual

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Botafogo-PB e Campinense fazem, hoje, às 16h, no Almeidão, o Clássico Emoção. O confronto é válido pela sétima rodada do Campeonato Paraibano. O Belo vem de três jogos sem vencer, enquanto a Raposa vive melhor momento, tendo vencido três das últimas quatro partidas. As duas equipes iniciaram a rodada com 10 pontos cada uma, estando empatadas na tabela de classificação.

O Belo precisa dos três pontos para espantar a crise e se consolidar no G4. Nas três últimas rodadas, o time perdeu para o Pombal por 1 a 0, empatou com o Serra Branca por 1 a 1 e perdeu para o Treze por 2 a 1. Em caso de nova derrota, o clube pode terminar a rodada fora do G4. Desde a precoce eliminação na Pré-Copa do Nordeste, é o momento mais conturbado vivido pela equipe de João Burse.

Para o Clássico Emoção de hoje, o Botafogo-PB fez uma promoção especial para sócios do clube. Todos têm direito a um ingresso extra para levar um acompanhante ao Almeidão. Além disso, houve a venda de ingressos com valores a partir de R$ 15 para os demais torcedores. A expectativa é de que a praça esportiva de João Pessoa receba o maior público do ano.

Na atual edição do Paraibano, o Belo tem média de público de 1.263 torcedores. Contabilizando somente os pagantes, o maior público do clube da Maravilha do Contorno foi de 1.518. Hoje, espera-se que pelo menos cinco mil torcedores compareçam ao estádio.

No Almeidão, atuando pelo Estadual, o Botafogo-PB ainda não perdeu. Em quatro partidas, a equipe venceu três (Nacional, Esporte e Auto Esporte) e empatou uma (Serra Branca). O bom retrospecto é o principal trunfo do time para finalmente quebrar a incômoda sequência de jogos sem ganhar.

Invicto

Atuando no Estádio Almeidão, o Botafogo-PB ainda não perdeu no Campeonato Paraibano e necessita de uma vitória para não ficar ameaçado de não disputar as semifinais

A Raposa

O Campinense vive momento melhor que o Botafogo-PB. O time de Rodrigo Fonseca vem de três vitórias nos últimos quatro jogos. No entanto, a derrota no clássico pode dificultar uma possível classificação para a semifinal. O clube raposeiro precisa chegar ao mata-mata para continuar sonhando com o título e principalmente com uma vaga na Série D de 2026.

Se vencer o Botafogo-PB, a Raposa conquistará sua primeira vitória longe do Amigão. Dos 10 pontos conquistados, nove foram atuando em Campina Grande. Nos jogos como visitante, perdeu para o Serra Branca, embora o confronto tenha sido no Amigão, empatou com o Auto Esporte no Almeidão (único ponto fora) e perdeu para o Sousa no Marizão.

Depois de enfrentar o time da Maravilha do Contorno, a Raposa ainda atuará contra o Esporte de Patos, no José Cavalcanti, e o Pombal, no Amigão, respectivamente, nas duas últimas rodadas.

Retrospecto

O *site* ogol.com.br, considerando todas as competições oficiais, registra 93 jogos entre as duas equipes, com 36 vitórias do Botafogo-PB, 32 empates e 25 triunfos do Campinense. Ao todo, houve 47 jogos em João Pessoa, com 22 vitórias do Belo, 16 empates e nove triunfos da Raposa.

Considerando os duelos do Paraibano nos últimos cinco anos, em oito jogos, foram registrados cinco empates, duas vitórias do clube de Campina Grande e um triunfo da equipe de João Pessoa. Em 2022, os times estiveram envolvidos na final do Estadual, quando o Rubro-Negro venceu os dois jogos e sagrou-se campeão. A Raposa não perde o clássico desde 2020, quando o Belo venceu por 1 a 0.

Arbitragem

Ruthyanna Camila será responsável por apitar o principal jogo da sétima rodada. Ela será auxiliada por Luís Filipe e Rafael Guedes. O quarto árbitro será Weslley Gabriel.

Picuiense x Auto Esporte

O Papagaio e o Macaco Autino fazem o confronto dos desesperados na tarde de hoje, às 16h, no Amigão. As equipes são, respectivamente, o 10º e nono colocados, sendo os únicos times que ainda não venceram no Paraibano. A Picuiense somou apenas um ponto em cinco jogos, dos quais perdeu quatro e empatou. O Auto Esporte tem três pontos, fruto de uma campanha com três empates e duas derrotas.

O duelo terá a arbitragem de Bruno Monteiro, que terá como assistentes Mattheus Tcharles e Cássio Emanuel. O quarto árbitro é Diego Araújo. Todos são do quadro de árbitros da Federação Paraibana de Futebol (FPF).

Esporte x Serra Branca

O Patinho e o Carcará medem força no Estádio José Cavalcanti, em Patos, às 17h. O confronto fecha a sétima rodada do Estadual. Com 10 pontos somados, o Serra Branca chega embalado para a partida. No jogo anterior, o time aplicou a maior goleada do certame, diante da Picuiense. Foram oito gols, marcados por Iury Tanque (2x), Mateus Santana, Mário Henrique, Victor Ferraz, Wanderson, Carlos Renato e Erick.

Já o Esporte entra em campo sonhando com uma vaga no G4. Com sete pontos, o clube iniciou a rodada a três da última equipe que estaria classificada ao mata-mata. O triunfo é essencial para o alcance desse objetivo, principalmente porque o Serra Branca é concorrente direto nessa briga. Romário Medeiros apita o jogo, tendo como auxiliares Schumacher Marques e Gleydson Francisco. O quarto árbitro é Antônio Carneiro.

VIOLÊNCIA ENTRE TORCIDAS

Futebol como pretexto para brigas

Especialistas explicam como esporte intrínseco ao brasileiro tem sido estopim de episódios violentos no país

Pedro Peduzzi
Agência Brasil

Torcidas organizadas são ambientes que favorecem os extremos das emoções. Desde o amor mais incondicional até a maior das brutalidades, como foi o caso das cenas de horror envolvendo torcidas organizadas do Sport e do Santa Cruz, no Recife.

Sociólogos e psicólogos consultados pela Agência Brasil afirmam que situações como essa são apenas a ponta do *iceberg*, em uma sociedade onde a violência se apresenta de forma quase onipresente. Na avaliação deles, muitas pessoas acabam exagerando ao levar tão a sério esse esporte, que, segundo o jargão popular, é apontado como "a coisa mais importante entre as menos importantes".

Pesquisador do Núcleo de Estudos Sobre Violência e Segurança da Universidade de Brasília (Nevis-UnB), Edergênio Vieira diz que as pessoas precisam aprender a brincar não só com as vitórias, mas também com as derrotas de seus times.

"Vale zoar, claro que respeitosamente, o amigo. Mas vale também brincar com as derrotas, como fazem, por exemplo, os torcedores do Íbis", sugere o sociólogo, referindo-se ao time pernambucano que é motivo de orgulho para seus torcedores pela fama de pior time do mundo.

Vieira explica que, para o próprio bem do futebol, ele precisa ser visto como algo que proporciona lazer e diversão. "Não pode servir de pretexto para extremos de violência", acrescentou o pesquisador, que se apresenta como "corintiano, maloqueiro e sofredor".

Dimensões

Segundo Vieira, em um país como o Brasil, o futebol assume dimensões que vão além da esportiva, estando associado até mesmo à ideia do que é ser brasileiro.

"O futebol nos explica, enquanto brasileiros, para o mundo. Explica também nossas paixões, impulsos e motivações diante do cotidiano. Isso está presente até mesmo nas metáforas usadas em todas as dimensões da vida", argumenta.

De acordo com o sociólogo, o futebol carrega consigo muitas das expressões que permeiam a vida dos brasileiros. "Inclusive a violência contida em nosso dia a dia. Nesse caso, potencializado, devido aos aspectos de catarse coletiva proporcionada por ele", ressalta o autor de estudos sobre as performances da violência na sociedade.

Popularização

Ele cita alguns historiadores que publicaram trabalhos sobre o medo no futebol brasileiro e sobre o surgimento das torcidas. Vieira explica que, após chegar ao Brasil, o futebol era tido como um esporte de elite.

"As pessoas iam aos estádios segurando lenços [para secar o suor] e observar os jovens da elite praticando o novo 'esporte bretão'. Durante a partida, em meio às angústias, elas seguravam o lenço e o torciam. Foi daí que surgiu a palavra 'torcedor'", disse ele ao relatar as montanhas-russas de emoções associadas ao futebol.

Com o tempo, o acesso ao futebol foi ficando barato e acessível, para uma população que não tinha muitas outras formas de diversão. "O público, então, passou a ser, em geral, de jovens moradores de bairros com alta vulnerabilidade social. E eles passaram a encontrar, na torcida, um lugar de pertencimento", acrescentou.

Esse viver em grupo ganhou, então, proporções ainda maiores por se tratar de um ambiente de catarse coletiva semelhante ao que se observa, por exemplo, em algumas igrejas. "Torcidas e fiéis vivem seus momentos de celebração e culto. Cada um com seu manto sagrado", relata o sociólogo.

Pertencimento

Especialista em psicologia clínica e ex-diretor da torcida organizada Rubra, do time goiano Anapolina, Pedro Henrique Borges passou por experiências que possibilitaram, a ele, um olhar privilegiado tanto para o interior dessas torcidas como para o íntimo de seus torcedores.

"As torcidas organizadas são movimentos de massa. Sigmound Freud [o pai da psicanálise] falou [sobre situações como esta] em seus textos sobre psicologia das massas, sobre o sentimento de pertencimento das pessoas ao serem aceitas entre seus pares", disse o psicólogo.

Ele explica que, segundo essa linha da psicanálise, a massa não precisa de verdades e nem de concordar com verdades, mas de um líder que dite ideias e discursos. "Não se concorda com a ideia, mas com o líder, até pela sensação de pertencimento. E, para se sentir pertencente, ele acaba fazendo coisas que, talvez, fora do grupo, não faria".


Pedro ressalta necessidade de punição para agressores

Violência

Essa visão mais abrangente, enquanto psicólogo e integrante de torcida organizada, possibilitou a Borges acompanhar de perto todo o processo pelo qual alguns torcedores passaram, desde os momentos iniciais de acolhimento pelo grupo até a participação em atos de extrema violência praticada supostamente como prova de amor ao clube.

Ele explica que, geralmente, o torcedor é acolhido e aceito pela organizada. "Ali, ele pode ingressar mesmo tendo sido expulso ou rejeitado de outros lugares. Nesse ambiente, acaba sendo muito comum encontrar pessoas extremamente violentas e problemáticas", disse ele ao citar estudos indicando que a incidência de pessoas com perfil psicopático varia entre 4% e 6%.

"Pessoas com perfil de psicopatias costumam aproveitar grupos como torcidas organizadas para exercer toda sua perversidade", acrescenta.

Machismo e afeto

Somado a isso, Borges lembra que, em uma sociedade machista que não permite ao homem manifestar afeto, as torcidas organizadas acabam sendo, para muitos, a única forma onde expressar afeto é algo permitido, o que amplia a relação passional com o clube e com os demais integrantes da torcida.

"Ali, eles podem expressar os afetos que, em outros espaços, são negados ao homem. Na hora do gol, ele pode abraçar e beijar o colega, pode expressar amor ao clube. Pode até mesmo chorar, sem ter sua masculinidade questionada. Em outros ambientes, isso o inferiorizaria em relação aos demais", explica.

Edergênio Vieira lembra que, desde criança, o futebol representa sociabilidade para os homens, exigindo deles comportamentos másculos, atitudes fortes. "É aquela velha história: 'futebol é coisa para homem'. Ouvimos isso a todo momento, mesmo com as mulheres conquistando seus espaços, seja na torcida ou em campo", pontuou.

Essa violência impregnada no homem acaba sendo cultuada pela sociedade, tendo como reflexos o menosprezo e a desvalorização do outro. "O futebol não está à parte disso, e evidencia a dificuldade de se ver as qualidades ou admirar o time adversário. Veja bem: valorizar o adversário seria também uma forma de valorizar tanto as vitórias como as derrotas diante dele", complementa.

"Além disso, pessoas que se sentem fracassadas podem ter, nas vitórias de seu time, motivos para se sentirem felizes. Elas se realizam com o futebol. Quando dá certo, tudo bem. Mas, quando dá errado, elas encontram qualquer motivo para extravasar a frustração com o time", acrescentou.


Recife foi palco de conflitos entre membros de torcidas organizadas de Sport e Santa Cruz

Comportamento fascista

Para Borges, a violência ocorrida na véspera da partida entre Sport e Santa Cruz foi um caso "evidente e flagrante de psicopatia que rompe todo e qualquer pacto civilizatório". "Vemos ali algo muito parecido com os movimentos nazistas e fascistas, no sentido de animalizar e aniquilar o outro, considerado diferente".

O psicólogo diz ver "predominância clara" de pessoas de perfil conservador nessas torcidas, mas que há, também, torcidas que, apesar de adotarem discursos progressistas, acabam se comportando de forma preconceituosa e agressiva, quando diante do efeito manada.

"É importante deixar claro que não há ideologia no torcer, e que brigar e confrontar estão relacionados a uma suposta honra do indivíduo ao grupo que o acolheu", disse.

Percepção semelhante tem o sociólogo Edergênio Vieira. "É estranho vermos torcidas que se dizem progressistas, inclusive adotando discursos antifascistas, serem flagradas praticando atos enquadrados exatamente no campo do fascismo. O mesmo com relação à homofobia. O bom pensamento surge, mas o indivíduo acaba perdido em meio à multidão, porque não há controle sobre ela".

Vieira explica que, em meio a esse "efeito manada", o indivíduo tem a sensação de estar protegido pelas massas. "Ele, que muitas vezes se sente fraco e inofensivo individualmente, quando cercado pela multidão tira de si essa perspectiva e se sente integrante de algo maior. Em muitos casos, da marginalidade".

Associado a isso, acrescenta, tem também um processo de negação do outro. "Isso é muito presente nas torcidas organizadas, inclusive em seus cânticos que, muitas vezes, chegam a celebrar a morte de um adversário. Em várias situações as torcidas organizadas relembram pessoas assassinadas por torcedores", complementou o sociólogo.

Vieira lembra que, em alguns casos, é notória a relação próxima entre integrantes da torcida organizada e facções criminosas, mas que seria um erro generalizar esse problema, criminalizando as torcidas organizadas como um todo.

"Essas facções chegam a interferir no processo de organização de algumas torcidas, inclusive visando venda de entorpecentes e receptação de mercadorias roubadas", disse.

Soluções

De acordo com os especialistas consultados pela Agência Brasil, algumas medidas podem amenizar a violência praticada entre torcidas organizadas.

Para Vieira, uma das coisas mais frustrantes para aqueles que amam o futebol são as partidas jogadas com estádios vazios ou com torcida única. "Essa é uma medida que faz o futebol perder o que tem de bonito e espetacular", diz ele ao se referir a uma das medidas punitivas mais adotadas contra torcidas violentas.

Uma solução, segundo o sociólogo, seria a criação de um cadastro nacional de torcedores, algo que pode ser ajudado até mesmo pelos ingressos que exigem reconhecimento facial, na hora da entrada no estádio. "Tecnologias como esta podem ajudar a endurecer a punição contra os maus torcedores, inclusive banindo-os das torcidas, poupando os demais", disse.

Segundo Borges, a exclusão de torcidas não resolveria, a longo prazo, o problema da violência. "Isso já foi tentado várias vezes e nunca deu certo", disse ao afirmar que pessoas não melhoram quando isoladas, seja de um estádio, seja da sociedade.

"O que precisa é um processo educativo que desenvolva, nas pessoas, senso crítico. São necessárias, portanto, políticas voltadas a esses sujeitos mais problemáticos, até porque eles continuarão existindo fora do estádios".

Polícias

Vieira chama atenção para o papel das polícias, que não precisam ser necessariamente violentas. "Um elemento fundamental é a atuação de batalhões especiais de policiais, inclusive para se comunicarem de forma mais direta com as torcidas organizadas".

"Isso possibilita a execução de plano de prevenção em conjunto com chefes das organizadas. Várias experiências já mostraram que isso dá certo", acrescentou.

É o que o psicólogo Borges fazia quando era diretor de torcida organizada. "Sempre pensávamos juntos [com a polícia] formas de ajudar os torcedores a se concientizarem sobre os perigos desse efeito manada, quando a multidão perde o controle e parte para ações violentas", disse.

Vieira acrescenta que as polícias deveriam dar atenção especial aos grandes eventos esportivos. "Muitas brigas são marcadas via redes sociais. Elas poderiam ter sido evitadas, caso houvesse um trabalho de inteligência mais eficiente, por parte das polícias".

O sociólogo considera necessário, também, uma dissociação entre instituições e torcedores. "Clubes e torcidas organizadas têm CNPJ diferentes. Têm formas de organização e dinâmica diferentes, ainda que, sabemos, alguns clubes tenham relações nebulosas, para não dizer umbilicais, com algumas torcidas organizadas".

O sociólogo, no entanto, alerta: muitos torcedores atuam de forma violenta porque têm certeza da impunidade. "Isso é ruim porque, sem punição a essas atrocidades, dá-se salvo-conduto ao indivíduo para repeti-la. Eles não podem receber anistia, porque isso acabará estimulando outros a fazerem o mesmo", concluiu.

MEMPHIS DEPAY

Jogador revela seus *hobbies* no Brasil

Arte, música e gastronomia figuram entre os elementos paulistanos que chamam a atenção do atleta holandês

Agência Estado



Foto: Reprodução/Instagram

Para além de craque dentro das quatro linhas, Memphis Depay é entusiasta da arte e encontrou na expressão artística uma forma de sentir liberdade

Memphis Depay realmente está curtindo de forma intensa a experiência de viver em São Paulo. Além dos passeios já divulgados em suas redes sociais (como às comunidades na periferia da cidade e à quadra da torcida organizada Gaviões da Fiel, por exemplo), o atacante holandês do Corinthians tem explorado outras atrações da capital paulista.

"Acho São Paulo incrível. Realmente gostei daqui. Há bastante arte, inclusive no concreto pelas ruas. É uma cidade grande, onde muitas coisas acontecem. Quero aprender a me comunicar melhor, não só com meus parceiros de time, mas também com as pessoas daqui", contou à revista GQ o jogador, que é capa da publicação neste mês de fevereiro.

Na entrevista, Memphis disse ser fã de restaurantes italianos da cidade e também revelou gostar de visitar a Pinacoteca do Estado, na região da Luz. O holandês, que se arrisca como cantor de *rap*, contou que gosta de pintar e que é fã dos artistas Basquiat e Picasso.

"Vejo arte não só em telas para ser pintadas. Pode ser em roupas, mobílias, tantas coisas. Sou uma pessoa criativa, então sempre tento ver a beleza nas coisas. Comecei a pintar em 2023. É uma forma de terapia para mim. Agora, acho, tenho sete quadros meus".

"Estou trabalhando na minha coleção de arte; o processo é inspirador. Às vezes, nem sei o que vou pintar e começo expressando meus sentimentos. Durante o caminho, vou dando a direção. É sobre me sentir totalmente livre", disse o atacante.

Com passagens por Manchester United, Barcelona e Atlético de Madri, Memphis chegou em setembro de 2024 ao Corinthians em uma contratação surpreendente. A chegada do astro da Seleção Holandesa coincidiu com um momento de ascensão do time, que até então estava ameaçado de rebaixamento no Campeonato Brasileiro e acabou classificado à Copa Libertadores de 2025.

NO JURÍDICO

Corinthians contesta acusações de fraude na Justiça de SP

Bruno Accorsi e
Rodrigo Sampaio
Agência Estado

Os advogados do Corinthians protocolaram uma manifestação junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) para contestar petições protocoladas nos últimos dias pela Link Assessoria Esportiva, empresa de André Cury, representante de jogadores.

Documentos foram anexados pelo empresário e por outros credores em petições para mostrar à Justiça supostos indícios de fraudes cometidas pelo clube, no intuito de derrubar o processo da diretoria corintiana para estabelecer o Regime de Centralização de Execuções (RCE), iniciado no fim de novembro do ano passado, alegando que o clube passa por um quadro claro de insolvência.

Entre as supostas irregularidades, em petição protocolada na última segunda-feira (3), mesmo dia em que o Corinthians apresentou à Justiça o plano de pagamento aos credores, a advogada Adriana Cury, representante da Link, aponta que o Corinthians utilizou valores que teriam de ser destinados à Caixa Econômica Federal, com a qual o clube tem dívida pela arena em Itaquera, para pagar os salários de janeiro do elenco.

A quantia, paga pela Globo, estava bloqueada na Justiça e foi liberada após o banco auxiliar na obtenção de uma liminar. Existe um contrato de cessão fiduciária entre o Corinthians e a Caixa, acordado em julho de 2022, no qual é estabelecido o repasse de direitos de transmissão e eventuais receitas de vendas de jogadores ao banco para pagar a dívida da Neo Química Arena.

Na prática, o clube estaria impedindo execuções de credores como a Link, justificando que os recursos já estariam reservados à Caixa, mas continuaria tendo acesso ao dinheiro. "Com esta manobra, o Corinthians esvaziou a execução judicial interposta pela Link, promovendo o levantamento através da Caixa dos valores de 12 milhões de reais e R$ 49.630.047,45 sob o fundamento que os créditos foram cedidos à Caixa através das Cessões Fiduciárias de Direitos".


Foto: Rodrigo Coca/ Agência Corinthians

Bem no campo, o Corinthians enfrenta batalhas judiciais

De acordo com a defesa de Cury, as cessões "estão sendo utilizadas como mecanismo para desbloquear valores constritos nas execuções judiciais, sendo que, após a liberação, os valores retornam ao agravado", ou seja, ao Corinthians. "Isso caracteriza uma tentativa de fraude à execução, prejudicando tanto o Judiciário quanto os credores", diz uma das petições.

Adriana Cury afirma que esse tipo de situação ocorreu outras vezes, como em uma execução da empresa Pixstar contra o clube, e que os contratos não estariam registrados no Banco Central. Diante da situação, a representante de André Cury argumenta que o Corinthians não tem recursos para cumprir o RCE. Na petição protocolada na segunda-feira, pede a quebra do sigilo bancário do clube.

"Que seja deferida a quebra de sigilo bancário do Corinthians, a fim de que vossa excelência realize as pesquisas Sisbajud e obtenha os extratos bancários das contas correntes do clube mantidas junto à Caixa, conforme indicados nos [juntado sob sigilo], permitindo que a Link comprove que os valores recebidos sob a rubrica 'transmissão', referentes aos contratos de cessões *sub judice*, transitaram entre as contas bancárias e, após, foram disponibilizados pelo Corinthians, de forma a comprovar a fraude alegada".

Também é solicitado que a Globo e a CBF apresentem a relação de todos os pagamentos efetuados ao Corinthians desde julho de 2022 e comprovantes que comprovem que a emissora foi informada de que os direitos foram cedidos à Caixa.

O que diz o clube

Em manifestação enviada à Justiça, a defesa do Corinthians, encabeçada pelo advogado Elias Mubarak, afirma que os requisitos para o processamento do RCE sequer deveriam estar sendo suscitados nos autos. Isso porque a análise prévia das condições foi realizada pelo TJSP, e qualquer insatisfação deveria ser remetida ao tribunal. Contudo, o prazo para apresentação de recurso se encerrou em 22 de janeiro.

A defesa destaca ainda estar em vigor o período para apresentação do plano e que, em ato de boa-fé, apresentou todas as demonstrações financeiras dos últimos três exercícios, incluindo 2024, ao contrário do que a credora alega.

MINEIRÃO

Clássico vai ter recorde de público

Mais de 60 mil torcedores estarão presentes, hoje, no jogo entre Cruzeiro e Atlético Mineiro, a partir das 16h

Os campeonatos estaduais seguem a todo vapor hoje, com destaque para o clássico mineiro entre Cruzeiro e Atlético-MG, no Mineirão, às 16h, onde o Alvinegro corre o sério risco de ser eliminado das semifinais em caso de derrota e outras combinações de resultados. A partida vai registrar novo recorde de público, já que os 61.584 ingressos foram todos vendidos, um novo recorde. Já no Carioca, o Botafogo joga contra o Madureira e, no Paulista, o Novorizontino recebe o Santos, onde Neymar fará o seu primeiro jogo fora de Santos e certamente deve reunir vários torcedores, lotando o Estádio Jorge Ismael, a partir das 16h. O Corinthians também joga na rodada, depois do empate de 1 a 1 com o Palmeiras, na última quinta-feira (6), sem a presença de Yuri Alberto, expulso no Clássico. O Timão vai enfrentar o São Bernardo, na Neo Química Arena, às 20h30. Já o Palmeiras joga fora de seus domínios, contra o Água Santa, a partir das 18h30.

Galo ameaçado

Caso o Atlético-MG bata o Cruzeiro, ganha uma sobrevida e decide sua vaga nas semifinais do Campeonato Mineiro na última rodada, quando enfrenta o Itabirito. Mesmo assim, terá que ficar de olho nos outros resultados para saber se se classificará. O clube luta pelo hexacampeonato.

Mesmo invicto na competição, com quatro empates e duas vitórias, o Atlético-MG ocupa a terceira posição do Grupo A, atrás de Tombense e Betim. Avançam para a próxima fase os líderes de cada grupo e o melhor segundo colocado do torneio.

Sobre a possibilidade de eliminação antecipada do Atlético-MG, o atacante Dudu, do Cruzeiro, diz que todos estão focados e comprometidos com uma grande atuação diante do rival.

"Eu nem penso nisso. Estou focado no hoje. Tenho que entrar e fazer o melhor para o Cruzeiro. O Cruzeiro tem que vencer o jogo. Não me importo se vai eliminar ou não vai eliminar o Atlético-MG. O importante para a gente é estar focado no jogo e fazer o nosso melhor pra gente vencer", afirmou o atacante, que joga ao lado de Gabigol.

Jogos de hoje

BAIANO
16h
Bahia x Colo Colo
18h30
Juazeirense x Atlético-BA

CARIOCA
15h45
Maricá x Bangu
16h
Botafogo x Madureira
20h30
Volta Redonda x Nova Iguaçu

GAÚCHO
16h
Ypiranga-RS x Guarany de Bagé
19h
Monsoon x Avenida
Juventude x São José-RS

MARANHENSE
16h
Pinheiro x IAPE

MINEIRO
16h
Uberlândia x Athletic Club
Cruzeiro x Atlético-MG
Aymorés x Democrata GV

PARAENSE
15h30
Bragantino-PA x Paysandu
18h
Tuna Luso x Remo

PARAIBANO
16h
Botafogo-PB x Campinense
Picuiense x Auto Esporte
17h
Esporte x Serra Branca

PAULISTA
16h
Novorizontino x Santos
Ponte Preta x Guarani
18h30
Água Santa x Palmeiras
20h30
Corinthians x São Bernardo

PERNAMBUCANO
16h
Náutico x Afogados
18h
Petrolina x Retrô

PIAUIENSE
9h
4 de Julho x Oeirense
15h45
Parnahyba x Piauí
16h
Atlético-PI x Fluminense-PI

SERGIPANO
16h
Barra x América-SE
18h
Confiança x Sergipe



Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro

Dudu (D) diz que o jogo contra o rival é de fundamental importância em busca dos três pontos para que o Cruzeiro siga perseguindo o seu maior objetivo

TRANSFERÊNCIAS

Janela tem recorde de R$ 13,6 bilhões, de acordo com a Fifa

Agência Estado

Liderados pela Inglaterra e pela Arábia Saudita, os clubes de futebol gastaram o valor de US$ 2,35 bilhões, equivalente a R$ 13,6 bilhões, em transferências internacionais em janeiro deste ano. De acordo com a Fifa, a cifra é um novo recorde para a janela de início de ano.

O valor é 57,9% superior ao registrado em janeiro de 2024 e 47,1% mais alto que a cifra obtida em janeiro de 2023. O número de transferências internacionais, que alcançou 5.863, também é um recorde para o período. Foram 900 a mais do que o recorde anterior, registrado no ano passado.

Em janeiro de 2024, apenas uma transferência — a ida do atacante Gonçalo Ramos do Benfica para o Paris Saint-Germain — foi avaliada em mais de 30 milhões de euros, cerca de R$ 180 milhões.

No mês passado, foram acertadas 10 transferências desse tipo, incluindo quatro para o Manchester City. A maior entre essas 10 foi protagonizada pelo atacante colombiano Jhon Durán, que rendeu US$ 80 milhões ao Aston Villa para se juntar a Cristiano Ronaldo no clube saudita Al Nassr.

O Brasil se destacou no relatório da Fifa sobre transferências ao ficar em primeiro lugar entre os países que mais receberam jogadores: 471. Na sequência, vêm Argentina (265), Portugal (207), Espanha (200) e Inglaterra (190). O país com o maior número de saídas de atletas foi a Argentina (255), logo à frente do Brasil, com 212. Depois vêm Inglaterra (211), Estados Unidos (188) e Portugal (170).

Grandes gastadores

Os clubes ingleses foram os que mais gastaram, com um desembolso de US$ 621,6 milhões (R$ 3,6 bilhões) em transferências. E somaram o valor de US$ 186 milhões (cerca de R$ 1 bilhão) em vendas de atletas para clubes de outros países.

O segundo maior déficit foi registrado pela Arábia Saudita, onde os clubes gastaram mais de US$ 160 milhões (R$ 926 milhões) acima do que ganharam. O gasto de US$ 202 milhões foi alimentado principalmente por Al Nassr, Al Hilal e outros clubes, todos de propriedade do Fundo de Investimento Público, de propriedade do estado saudita.

Os clubes alemães gastaram US$ 295,7 milhões, o que foi compensado principalmente pela receita de US$ 226,2 milhões em vendas de transferências. E os times franceses receberam o maior valor de transferência, com US$ 371 milhões, e gastaram apenas US$ 209,7 milhões, obtendo um "lucro coletivo" de mais de US$ 160 milhões.

Em Portugal, os clubes fizeram vendas no valor total de US$ 176,4 milhões e gastaram apenas US$ 40,2 milhões, obtendo um "lucro" combinado de US$ 136 milhões. Nos Estados Unidos, as equipes gastaram US$ 145 milhões e receberam US$ 125 milhões em transferências, de acordo com a pesquisa da Fifa.



Foto: Divulgação/Transfermarkt

O atacante colombiano Jhon Durán foi uma das maiores transações deste período

Ilustração: Eduardo Lima/Reprodução

Nativas das etnias tabajara e potiguara são fundamentais no processo de construção da província da Paraíba

HISTÓRIA

Participação das mulheres indígenas nas origens da Paraíba

Obras resgatam personagens e eventos que vão na contramão da historiografia tradicional

Ademilson José
Especial para A União

É cada vez maior, nas livrarias de todo o país, a quantidade de livros que, na contramão da historiografia tradicional, resgatam momentos e personagens que, por puro preconceito disfarçado de desconhecimento, a história tradicional omite ou, no caso, deturpa, fazendo prevalecer sempre as versões dadas pelos vencedores.

Exemplo marcante dessa história que busca colocar os pingos nos "is" está se dando agora mesmo, em dois raios bem diferentes de pesquisa. Um é bem nosso e tem a ver com as origens da Paraíba; o outro é de amplo domínio público nacional e tem a ver com a história das origens do samba brasileiro.

Um foco dessas pesquisas já rendeu o livro *Muyrã-Ubi e Iratembé* (Editora Ases da Literatura), que é da antropóloga pernambucana radicada na Paraíba Rita de Cássia Melo Santos, e o outro está em andamento e faz parte das pesquisas da historiadora carioca Angélica Ferrarez. O primeiro relaciona ações de duas indígenas, uma tabajara e outra potiguara; e o segundo mostra quando e como uma negra pobre e desconhecida deixa o interior da Bahia para, sem querer querendo, fundar o samba no Rio de Janeiro.

Aparentemente, são histórias bem diferentes. Mas são enredos que, como veremos, encontram-se e assemelham-se demais no propósito de fazer com que o Brasil cuide (ele mesmo) de contar a sua história, largando de vez essa mania de se basear no que foi deixado pelos escribas dos períodos colonial e imperial, e que, infelizmente, continua sendo fonte primordial de historiadores tradicionalistas e preconceituosos ainda nos dias de hoje.

Pesquisando a união de Diogo Álvares Correia (o Caramuru) com a indígena Paraguaçu que, fora dos laços tradicionais, foi o primeiro casamento oficial do Brasil, a antropóloga Rita de Cássia acaba resgatando a história da tabajara Muyrã-Ubi e do seu matrimônio com Jerônimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho.

É caso inusitado. Trata-se de uma mãe indígena, que teve oito filhos e alguns passaram a disputar com famílias portuguesas tradicionais os postos de controle na formação do Brasil. Se não fosse a separação do casal, ocorrida em 1562, seria justamente por aqui, pelo Nordeste, que a colônia e o império lusitano, talvez, tivessem nascido mesclados porsangue indígena.

Já imaginou o tamanho do vacilo que a tradição europeia iria dar se tivesse permitido isso? Mas, sendo Jerônimo descendente de reis, não podia viver de concubinato com uma indígena. Foi por isso que, em tempo, conforme os relatos da antropóloga Rita de Cássia, na página 30, a rainha Catarina de Áustria determinou o fim daquela ousada união em solo brasileiro.

Pois é, foi justamente depois desse divórcio forçado e de umas pressões portuguesas aumentando a escravização de indígenas que os tabajaras que viviam ao sul de Itamaracá brigaram com os portugueses e foram viver no Vale do São Francisco. Anos depois, retornaram e se concentraram ali, entre a Ilha do Bispo e Tibiri, para, depois, ajudarem os portugueses a vencer os potiguara e conquistar a Paraíba (1585).

Foto: Edson Matos/Arquivo A União



Imagem: Rep./Ases da Literatura

Antropóloga Rita de Cássia Melo Santos é a autora do livro "Muyrã-Ubi e Iratembé"

Iratembé: a Helena de Troia na PB

Mais omitida pela história oficial do que a tabajara Muyrã-Ubi foi a potiguara paraibana Iratembé da Serra da Copaoba (hoje, cidade de Serra da Raiz). Pela correta tradução do tupi, trata-se da verdadeira "lábios de mel", que está para as guerras de conquista da Paraíba, como a bela Helena esteve para a Guerra de Troia. É como dizem: em toda guerra, tem sempre uma mulher no meio.

Com seus relatos, a antropóloga Rita de Cássia dá um banho de revisão na historiografia tradicional. Lembra em detalhes que foi andando pela Copoaba que um mameluco se engraçou, seduziu e levou Iratembé para as bandas de Olinda. Incomodado, o pai (o cacique Iniguaçú) mandou dois filhos guerreiros irem buscar à irmã, só que, quando os três voltavam, precisaram pernoitar num engenho chamado Tracunhaém, nas proximidades de Goiana, e acabaram interferindo na história da Paraíba.

É que, assim como o mameluco de Olinda, o dono do engenho também se engraçou pela indígena, trancou-a na casa grande e determinou que seus capangas despachassem os dois irmãos dela. Sem poder de reação, os dois irmãos voltaram para a Copaoba, comunicaram o caso ao pai e o resultado disso tudo é que o resgate de Iratembé acabou causando a "tragédia de Tracunhaém".

Tragédia porque, além de mais de 600 mortos, causou tanta raiva e tanto ódio no então rei de Portugal, Dom Sebastião, que foi justamente depois daquele massacre de 1574 que, mesmo sem ter efetivamente ocupado o território, por decreto, El Rei criou a Capitania da Paraíba, decreto que tem documentos na Torre do Tombo e que, no caso, se deu 11 anos antes da fundação da Paraíba (1585) conforme a história tradicional.

Tudo isso, e muito mais, faz parte do que o leitor que gosta da verdadeira história pode encontrar bem delineado no livro da antropóloga Rita de Cássia. Mas a obra, além de um conjunto de jogos e quebra-cabeça nas páginas finais (o que é muito bom para crianças e adolescentes), é tão completa de conteúdo que poderia até ter outro nome.

Em vez de destacar as duas indígenas, poderia se intitular *A Verdadeira História das Origens da Paraíba*, até porque, como parte do ponto de vista dos povos originários, fora as duas indígenas já citadas, resgata também Clara Camarão e, além dela, o marido Felipe Camarão que, ao lado de Piragibe, formam a principal dupla de lideranças indígenas que atuaram do lado português.

Para não deixar a história num lado só, Rita de Cássia Melo Santos também resgata e conta as principais ações das grandes lideranças potiguaras paraibanas que, no período colonial, estiveram ao lado dos francesas (1565-1599) e, depois, construíram e participaram do desenvolvimento do Brasil-holandês (1630-1654). Pela ordem, essas lideranças potiguaras foram os caciques Iniguaçú e Zorobabê (da Serra da Copaoba e Cabedelo), Pedro Poti e Paraupabas (da Baía da Traição).

Papel da mulher negra na história do samba

Igual à dedicação que a antropóloga e professora Rita de Cássia Melo Santos vem dando a seus estudos sobre a presença da mulher indígena nas origens da Paraíba é a dedicação que a historiadora carioca Angélica Ferrarez vem dando à presença da mulher negra na música brasileira, mais precisamente na história do samba brasileiro e das suas origens até hoje.

Ela integrou uma das mesas temáticas do Festival Literário Internacional da Paraíba (FliParaíba), realizado em novembro passado, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa. Ocasião em que, numa frase, resumiu muito bem a filosofia e o propósito de suas pesquisas. "É preciso contar as histórias que a história oficial não conta", afirmou Angélica, ao destacar que, assim como a diáspora (tema de sua palestra) lembra negros africanos, os negros africanos lembram música e música no Brasil lembra samba.

Como historiadora com pesquisa na história social do samba, ela terminou deparando-se com uma categoria a qual viu motivos de sobra para estudar: as mulheres negras que acabam destacando-se no mundo da música e mais precisamente do samba, especialmente aquelas mulheres que acabam chamadas de "tia" ou de "dona".

Dona Ivone Lara e Tia Ciata, por exemplo, são duas das mais conhecidas no mundo da música e do samba brasileiro e, de acordo com Angélica Ferrarez, a segunda é, hoje, seu principal objeto de estudo, isso por conta de uma pesquisa que caminha para também virar livro.

Tia Ciata, como sabe, foi uma baiana cuja casa, com batuque na sala e terreiro nos fundos, marcou a vida do Rio de Janeiro na virada do século 19 para o século 20. Ela tornou-se bastante conhecida também por ter curado uma ferida na perna do então presidente Wenceslau Braz. "Há registros de que, perguntada pelo presidente sobre o que desejaria receber como pagamento pelo atendimento e pela cura, ela pediu apenas um emprego para o marido na polícia", conta Ferrarez.

Foto: André Gomes de Melo/Instagram



Historiadora carioca Angélica Ferrarez integrou um dos debates do FliParaíba

Etretanto, para a historiadora, não vale contar somente essas coisas dessas mulheres. É preciso saber e contar em que condições elas viveram, como Tia Ciata deixou a Bahia e como chegou e viveu no Rio de Janeiro. "A história também é história de vidas e foi a partir de reflexões sobre tudo isso que comecei a estudar a presença dessas mulheres negras no samba, especialmente quem foi mesmo e como viveu a Tia Ciata", explica.

Doutora em História Política pela UERJ com a tese *Mulheres Negras no Pós-Abolição: memória, linguagem e poder no ofício da porta bandeira Tia Dodô da Portela*, Angélica Ferrarez fez mestrado em História Social da Cultura na Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro. *As tias pretas do samba: por uma questão de memória, espaço e patrimônio* foi o tema da dissertação e é tema que centraliza suas pesquisas, com dedicação também a questões de gênero nos estudos sobre cultura africana e afro-brasileira.

Na já citada primeira edição do FliParaíba, realizada pelo Governo do Estado, Angélica Ferrarez integrou a "mesa 4", que tratou de diásporas. Na ocasião, ela também resumiu conteúdos de pesquisas anteriores, todas elas, como a atual, focadas na história do Brasil e do samba brasileiro. A historiadora integra o júri do Estandarte de Ouro do Carnaval do Rio de Janeiro, mas está morando em São Paulo, onde é professora do Colégio Vera Cruz.



Ilustração: Tônio

Político, economista e escritor paraibano, Celso Furtado ensaiou uma carreira de jornalista em veículos cariocas, como a Revista da Semana e o Correio da Manhã

Celso Furtado

Sem economia na contribuição para o jornalismo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Grandes intelectuais que marcaram a sociedade brasileira deram seus primeiros passos no jornalismo. Antes de firmar seu nome como um dos maiores pensadores da América Latina, de ser superintendente da Sudene, ministro do Planejamento de João Goulart, professor da francesa Universidade de Sorbonne, depois que foi cassado no Brasil, ministro da Cultura e imortal na Academia Brasileira de Letras (ABL), o paraibano Celso Furtado ensaiou uma carreira de jornalista em veículos cariocas como *Revista da Semana* e *Correio da Manhã*.

Recém-chegado da Paraíba à capital da República, em 1940, para se manter como estudante na Faculdade Nacional de Direito e pagar a pensão que dividia com mais três amigos, o jovem pombalense começou a trabalhar na *Revista da Semana*, periódico ilustrado de variedades, voltado para conteúdos de arte e cultura. Como redator auxiliar da seção de publicidade, ganhava 300 mil réis na magazine considerada o título mais forte da Cia. Editora Americana, cujo proprietário era o paraibano Gratuliano Brito, ex-interventor do estado após morte de João Pessoa.

"Para a *Revista da Semana,* eu fazia de tudo. Ainda hoje tenho alguns exemplares e me recordo de uma primeira página da revista, uma fotografia grande de um monumento que tinha sido destruído. Era um monumento a Chopin feito em Varsóvia, que os alemães dinamitaram; recebi umas fotografias dos americanos e fiz um artigo sobre isso: 'Os inimigos de Chopin'", escreveu o economista.

A primeira matéria assinada data de outubro de 1941. Em *Marcos Barbosa e o primeiro índio brasileiro que voou*, ele relata a história do indígena paraibano que fabricou uma engenhoca para tentar voar e teve sua façanha contada pelo cronista e frade dominicano Domingos de Loreto Coutto. Mas Celso já escrevia notícias, como a do coquetel oferecido no Copacabana Palace, pela *mademoiselle* Marcelle Rubinstein, em sua passagem pelo Brasil para inaugurar o salão de beleza com nome da tia (e onde o próprio Celso aparece numa foto da revista — um rapaz magro e alto, de terno branco e pose reservada). Também participava de coletivas de imprensa, como a de Orson Welles (de *Cidadão Kane*), realizada em 1942, nos estúdios da Cinédia, maior companhia cinematográfica brasileira da época, famosa por produzir melodramas, comédias e cinejornais. É de autoria de Furtado a reportagem *A morte trágica do jangadeiro,* sobre o afogamento ocorrido na Barra da Tijuca, durante as filmagens de Wells, com o pescador cearense Jacaré, famoso por costear mais de dois mil quilômetros (do Ceará ao Rio de Janeiro) para pedir direitos trabalhistas a Getúlio Vargas.

"Eu tinha conhecido Orson Welles aqui no Rio, porque, pela *Revista da Semana*, acompanhei-o em algumas saídas — me recordo uma à Tijuca — e então fiquei muito interessado nessa personalidade. E Orson Welles resolveu ir a Ouro Preto para filmar a Semana Santa. (...) Levei comigo o fotógrafo e fiz uma reportagem sobre a Semana Santa de Ouro Preto. Só que o Orson Welles não foi", relatou o próprio Celso. A reportagem a que se refere, que exigiu cinco dias de entrevistas registrando tipos locais, cerimônias e obras religiosas, foi publicada em 12 páginas fartamente ilustradas com fotos de Arnaldo Vieira. É considerada por Rosa d'Aguiar, jornalista e viúva de Celso Frutado, como a de maior destaque do paraibano.

"Esse primeiro ciclo de Celso na *Revista* se compõe de uma quinzena de trabalhos assinados: matérias sobre o movimento artístico do Rio de Janeiro, a guerra e a política internacional; crônicas, como a que fala sobre o pacífico de Gandhi num mundo em guerra, ou sobre o caubói Buck Jones; entrevistas, uma resenha de livro. Vai adquirindo *métier,* ganha intimidade com o texto, arrisca o tom pessoal e opinativo, maneja o humor, como ao apresentar seu conterrâneo, o maestro José Siqueira, 'todo *made in USA*, de casaco esporte americano, eufórico como um grande de Wall Street nos grandes dias da bolsa de títulos'", escreve Rosa, na introdução do livro *Anos de Formação 1938-1948: o jornalismo, o serviço público, a guerra e o doutorado,* um compêndio dos documentos e escritos do grande economista.

Meses depois de iniciar o trabalho na revista, Celso também conquistaria uma vaga como suplente de revisor no *Correio da Manhã,* recebendo 12 mil réis por dia, ou melhor, por madrugada trabalhada, já que seu horário costumava ir da meia-noite às duas da manhã. Apesar de atuar em dois periódicos, conseguia conciliar as atividades com os horários de aula e ainda encontrava tempo para se dedicar a outros estudos, como cursos de inglês, filologia, filosofia, assim como também para fazer natação e alimentar seu grande encantamento pela música, assistindo aos concertos na cidade.

Sobre música, escreveu, por exemplo, em julho de 1942, a reportagem *Onde a voz do povo não é a voz de Deus,* sobre a qual recebeu críticas e até palavrões de um anônimo que enviara carta à redação do semanário. O assunto gerador de tamanha celeuma foi o concurso de piano promovido pela gravadora Columbia, que culminou na disputa entre o paulistano Adolfo Tabacow e o carioca, Arnaldo Estrela, vencedor do prêmio de uma viagem aos EUA. A competição ganhou "sabor tipicamente esportivo" com o paulistano conquistando a simpatia do público, mas não o prêmio. O anônimo, inconformado com a matéria, provocou Furtado: "Ganhas naturalmente algum dinheiro para estas reportagens adúlteras; pois bem, queres, pagarei o dobro".

Antes de enveredar definitivamente, no fim da graduação, pela administração pública, Celso aproxima-se da literatura. Até os 30 anos acreditava que a ficção seria a forma de expressão de sua vida. Escreve contos, muitos deles que já revelavam sua veia intelectual, abordando questões como liberdade, integração na sociedade, individualismo e até o super-homem nietzscheano, e publica, aos 25 anos, seu primeiro livro, *De Nápoles a Paris: contos da vida expedicionária* (1946). Chega, inclusive, a esboçar um romance, *Transumância*, no qual traçaria a vida de um interiorano na metrópole, estruturando narrativas, tempos literários e métodos.

Ainda no terceiro ano da faculdade, Celso presta concurso público para assistente de organização do Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp), e, no ano seguinte, para técnico de administração do Departamento de Serviço Público do Estado do Rio de Janeiro, obtendo o primeiro lugar em ambos. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, segue para a Itália, onde desembarca em 8 de fevereiro de 1945, com mais seis mil soldados do quinto contingente da Força Expedicionária Brasileira.

No retorno ao Brasil, em setembro de 1945, visitando novamente o Sertão da Paraíba, onde nascera, toma a decisão de não ser advogado, como o pai, Maurício de Medeiros Furtado, e se direciona para a economia. Segue para Paris, na França, onde obtém o título de Doutor em Economia pela Universidade de Sorbonne, além de realizar estudos de pós-graduação na Universidade de Cambridge, Inglaterra (1957). Trilha uma carreira brilhante como diretor regional do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDES), como idealizador e diretor da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e como ministro do Planejamento, no governo João Goulart (1962). Com os direitos políticos cassados, durante a Ditadura Militar, exila-se em Paris, retornando à Universidade de Sorbonne, onde se dedica à pesquisa e leciona economia do desenvolvimento e economia latino-americana, por 20 anos. Nesse mesmo período, escreve algumas das obras mais relevantes, como *Teoria e política do desenvolvimento econômico* (1967), *Prefácio a Nova Economia Política* (1976), e *Criatividade e dependência na civilização industrial* (1978).

Um "cacto"

De volta ao Brasil, exerce o cargo de ministro da Cultura, no governo José Sarney (1986-1988) e atua como membro de comissões da ONU para a cultura e o desenvolvimento, e também de bioética. O paraibano que se dizia um "cacto", em referência às suas origens sertanejas, nasceu em Pombal, em 26 de julho de 1920, e teve uma infância marcada pela seca e pelas frequentes incursões do cangaço. "A expressão [cactos] encerra os elementos que caracterizam a vida e obra de Furtado: austeridade e estoicismo, caráter e valentia, síntese condensada e densa, profundidade sem falso brilho", definiu o economista Ricardo Bielschowsky.

Recuperando algumas memórias do companheiro de vida, a jornalista Rosa d'Aguiar destaca que as cenas de violência, inclusive da natureza, ficaram impressas no espírito do menino do Sertão. "Pouco antes de morrer, numa noite em Paris, Celso rememorou, em pormenores, a cheia de 1924, quando o aguaceiro tomou conta da cidade e destruiu parte de trás de sua casa, perto da igreja. A enchente praticamente levou a cozinha, o fogão teve de ir para a sala, e ali o garoto que jogava bola teve, num chute desajeitado, o caldeirão fervente caindo em suas costas. A queimadura deixou-lhe marca definitiva no corpo. No espírito, a marca de que os perigos surgiram por toda parte, iminentes, arbitrários".

Com sete anos, a família fixa residência na Cidade da Paraíba (atual João Pessoa), onde o garoto tem à sua disposição, em sua casa, a variada biblioteca do pai, na qual ficava dias e dias isolado, "lendo muito e estudando pouco". Estudou no Lyceu Paraibano e também no Ginásio Pernambucano, em Recife, e na juventude ministrava aulas de Geografia e História, em cursos noturnos na periferia da capital paraibana. Nas festas de Nossa Senhora das Neves, ele preparava com os amigos um jornalzinho chamado *Fuxico*, no qual teria publicado versos, alguns deles dedicados às moças. "Nos diários da época, descobre-se um rapaz autoconfiante, solitário e interessado por cinema e música, esse refúgio em que se abrigou até a véspera de morrer, certo de que sem a música viver seria muito mais difícil, como disse certa feita", escreve d'Aguiar.

Celso Furtado faleceu em 20 de novembro de 2004, na sua casa, no Rio de Janeiro, vítima de parada cardíaca. O teórico do subdesenvolvimento, economista, funcionário público, historiador e imortal da ABL certamente colheu da prática dos poucos anos de jornalismo, exercido nos anos iniciais de sua formação, as contribuições para sua atividade intelectual: "Porque no centro de minhas reflexões estavam problemas reais, a pesquisa econômica foi sempre, para mim, um meio de preparar a ação, minha ou de outros. Compreender melhor o mundo para agir sobre ele com mais eficácia. Isso significa que os fins últimos devem estar sempre presentes no espírito".

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Sobre chuva, calor e distopia

Escrevo esta coluna enquanto chove em João Pessoa. É o segundo dia seguido de aguaceiro na cidade, que registrou 111,2 milímetros de precipitação em 48 horas, superando toda a média histórica de fevereiro. Os dados são da Defesa Civil e foram divulgados em diversos portais de notícias. Nesses dois dias, a capital paraibana alagou em vários pontos e, como era de se esperar, esse foi o tom da maioria das matérias que li, associando chuva a algo ruim.

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) divulgou um comunicado de alerta vermelho para grande perigo de chuvas em João Pessoa e mais 30 cidades do estado. Outro alerta anunciava risco de chuvas intensas para toda a Paraíba. Leio nas redes sociais que situação semelhante está prevista para diversos estados do Nordeste.

Para quem é do Sertão, como eu, chuva sempre lembra alegria, açudes cheios e possibilidade de fartura na mesa. No grupo da minha família, no WhatsApp, inclusive, a chuva também foi notícia hoje: minha irmã fala que está chovendo muito em Patos, enquanto minha mãe diz que lá no sítio, onde mora, está só um sereninho bom. Nas duas postagens, pululam emojis de mãos em sinal de oração, seguidos de comentários de "Graças a Deus", "Maravilha" e "Amém".

Enquanto as chuvas trazem alento, esperança ou apreensão, por aqui, a depender da localidade, no Sul do país ocorre o inverso, com moradores a enfrentar altas temperaturas. No Rio Grande do Sul, leio em portais e redes sociais, a previsão é de, pelo menos, cinco dias com temperaturas 5 °C acima da média. E o Inmet emitiu um alerta de grande perigo devido à onda de calor que atinge todo o estado.

Foto: Carlos Rodrigo



João Pessoa registrou 111,2 milímetros de precipitação em 48 horas, superando a média histórica de fevereiro

A cidade de Quaraí (RS), por exemplo, chegou a registrar 43,8 °C! É uma situação surreal, se pensarmos que se trata de um município na Região Sul do Brasil. Mais estranho ainda quando lembramos que, no ano passado, o Rio Grande do Sul enfrentou uma de suas piores enchentes dos últimos anos.

Claro, isso tudo está relacionado à crise climática e que não afeta somente o Brasil, afinal, trata-se de um fenômeno global. Infelizmente, muita gente ainda permanece alheia, especialmente autoridades, a todas essas transformações no meio ambiente. E jornalistas têm sofrido com isso. Explico: em 2024, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) divulgou que ao menos 70% dos jornalistas que participam de coberturas sobre meio ambiente sofreram ataques ou intimidações entre 2009 e 2023, em todo o mundo.

Segundo a Unesco, o jornalismo ambiental é um campo perigoso. Entre os 905 jornalistas entrevistados, em 129 países, 749 afirmam que já se sentiram violentados por causa do trabalho; a violência é mais frequente durante coberturas jornalísticas sobre protestos ambientais, mineração, conflitos agrários e desmatamento; cerca de 300 ataques aconteceram nos últimos cinco anos, e ao menos metade foi cometida por agentes públicos.

Por falar em agentes públicos, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, eliminou mais de 70 iniciativas de clima e energia verde, do governo antecessor, em sua primeira semana no cargo. Além disso, mandou retirar menções às mudanças climáticas de *sites* governamentais nos Estados Unidos.

Curiosamente, tal informação me lembra da obra *1984*, de George Orwell: no Ministério da Verdade, fotografias e arquivos públicos são manipulados para alterar a história oficial. Publicado em 1949, o livro é uma distopia; trata de um governo totalitário. Às vezes, acho que todos nós estamos em uma distopia. Hoje é quarta-feira. Passa das 22h. Olho para o celular e me deparo com a seguinte mensagem na tela: "É provável que as tempestades continuem".

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XXIII

Um dos instrumentos mais característicos da chamada "música nordestina", com toda certeza, é a sanfona (gaita, fole, acordeom, acordeon ou acordeão, como queiram). A esse propósito, já comentamos, em colunas anteriores, que a aceitação desse instrumento tomou grande impulso a partir dos seus executores em geral. No entanto, voltamos a fazer referência a três ícones que, de certa forma, ajudaram a popularizá-lo: Pedro Raimundo, gaiteiro, que propagou o instrumento pelas plagas sulistas; Luiz Gonzaga, sobre quem nada mais é preciso dizer, com relação à divulgação do instrumento; e, finalmente, Pedro Sertanejo (Pedro de Almeida e Silva, Euclides da Cunha-BA, 1927–São Paulo, 1997) que, apesar de baiano, é reconhecido por haver dado ênfase à divulgação da música nordestina em São Paulo e regiões circunjacentes, sendo considerado o pioneiro do forró, autenticamente paulista.

Da nova geração de sanfoneiros, merece destaque Oswaldinho do Acordeon (Oswaldo de Almeida e Silva, Duque de Caxias-Rio 1954), que vem a ser filho de Pedro Sertanejo. O primeiro disco do garoto, um 78 rpm, "Menino do Pirulito" (João do Vale), foi gravado aos oito anos, quando a família mudou-se para a capital paulista. A música fez parte de um álbum do pai, que o havia presenteado com um acordeão de oito baixos e que lhe transmitiu os primeiros ensinamentos no manuseio do instrumento. Além do mais, por influência do pai, ele conviveu com instrumentistas famosos, como Sivuca, Dominguinhos e Gonzagão.

É conhecido o seu talento de promover a fusão de música erudita e do *pop* internacional



Foto: Reprodução/Facebook

Oswaldinho do Acordeon: fusão do erudito e do pop internacional com ritmos nordestinos

com ritmos nordestinos, como aconteceu com a "5ª sinfonia", de Beethoven, e com uma versão jazzística para "Asa Branca" ("Asa Branca in Blues"). Começou a enveredar por esse caminho, após estudar música clássica em um conservatório, obviamente, sem deixar de lado a música popular nordestina, mas continuando em sua fase internacional, que inclui de Bach a Astor Piazzola, de John Lennon a Paul Simon, e de All Jarreau a Freddy Mercury. Aos 12 anos, já tocava profissionalmente, acompanhando os artistas da gravadora Continental.

O primeiro conjunto de que participou foi o Grupo Bendegó, no qual passou ao convívio musical com Moraes Moreira, Odair Cabeça de Poeta, Pepeu Gomes de Baby Consuelo e, mais adiante, com Tom Zé, Djavan, Renato Teixeira, entre outros. Oswaldinho, porém, sempre falava que havia sido Dominguinhos quem o havia colocado em contato mais direto com a música nordestina urbanizada e com a música estrangeira de boa qualidade.

Aos 22 anos, Oswaldinho do Acordeon conheceu o professor italiano Dante D'Alonzo e voltou a estudar música clássica, sempre em busca de aperfeiçoamento.

O talento raro rendeu-lhe uma bolsa no Conservatório Dante de Milão, pois, como ele afirmou, "[...] no exterior, as chances de aperfeiçoamento são maiores, pois o instrumento [acordeon] é bastante difundido, mas o jeito vibrante e apaixonado de tocar como brasileiro, o europeu não conhece".

Em 1984, Oswaldinho do Acordeon, apresentou-se como atração no Festival do Campeonato Mundial de Acordeon e conquistou a admiração de portugueses, ingleses, alemães, suíços, canadenses, japoneses e norte-americanos.

Hoje, ele é conhecido como um dos mais competentes e completos músicos brasileiros, com mais de duas dezenas de discos gravados (LPs e CDs), reafirmando a ideia de que se trata de um dos melhores acordeonistas do mundo. Até o momento, ele já participou de dezenas de álbuns (LPs e CDs) de artistas brasileiros e de nações diversas.

Além dos artistas citados, no seu currículo, registram-se gravações com Elba, Jackson de Pandeiro, Nara Leão, Caetano, Raul Seixas, Ney Matogrosso, Manu Di Bango, Didier Lockwood, entre outros. Já participou de inúmeros projetos, como Pixinguinha, Free Jazz Festival, US TOP, Rock in Rio, Festival de Jazz de Montreux, Festival de Jazz de Chateauvallon (França), Juan Lês Piñs (França), Blue Note (Nova York, EUA), Ball Room NY, 500 Anos do Descobrimento e o *MTV acústico* da Rita Lee, além de festivais e de encontros dos maiores acordeonistas do mundo em diversos países.

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

TECNOLOGIA

ChatGPT traz pesquisas mais aprofundadas

Desenvolvedores disseram que a ferramenta "às vezes alucina" e inventa fatos

João Pedro Adania
Agência Estado

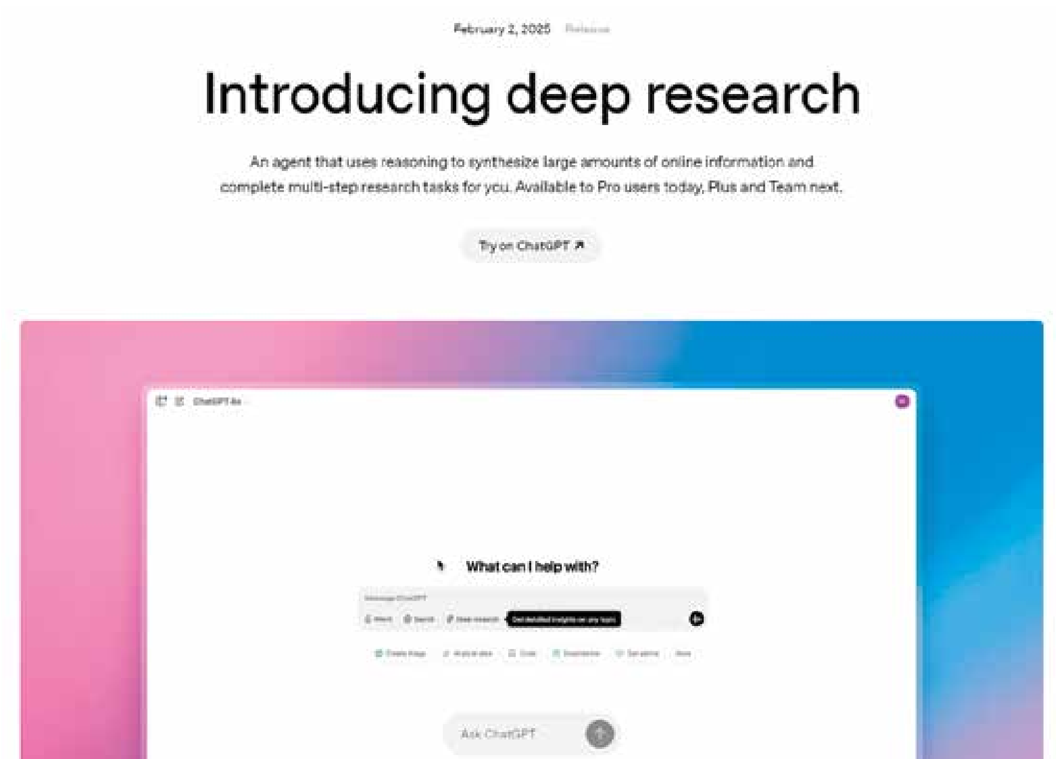


Imagem: Reprodução/OpenAI

Deep Research está disponível apenas para web e pesquisa pode demorar entre cinco e 30 minutos

A OpenAI lançou o Deep Research, um novo recurso que opera o agente do ChatGPT de forma autônoma para "planejar e executar um percurso de várias etapas para encontrar os dados de que precisa, buscando e reagindo a informações em tempo real quando necessário".

Em suma, o *chatbot* vai mostrar trechos do raciocínio que fez e de onde tirou as informações que geraram a resposta, com citações e um breve relato de como o processo foi conduzido.

No teste feito pela OpenAI, a ferramenta apresentou bons resultados, mas alguns problemas já foram antecipados. Por enquanto, o Deep Research está disponível apenas na versão *web* e a pesquisa aprofundada pode demorar entre cinco e 30 minutos para ser concluída. Além disso, o recurso foi liberado para usuários do ChatGPT Pro, a assinatura mais cara da empresa, limitado a 100 consultas por mês.

Uma limitação foi informada pela empresa de Sam Altman. Na apresentação do produto, os desenvolvedores disseram que a nova ferramenta "às vezes alucina" e inventa fatos. Em tese, a pesquisa aprofundada erra quando não consegue diferenciar rumores de fatos e notícias, portanto confunde o raciocínio e dá respostas imprecisas.

A previsão é que a novidade chegue para versões de *desktop* e aplicativos móveis no fim de fevereiro. O limite de consultas mensais também deve aumentar e os assinantes do plano básico podem receber a novidade em breve, segundo a empresa.

O Deep Research responde a comandos apenas em texto, mas isso deve mudar. A OpenAI disse que, em breve, as respostas aprofundadas serão mostradas com ajuda de imagens, um visualizador de dados e outros resultados "analíticos". Ainda está no cronograma da empresa a capacidade de conectar "fontes de dados mais especializadas", o que inclui recursos internos e "baseados em assinatura".

Agente pessoal

Esse anúncio vem no momento em que a OpenAI precisa se provar diante dos competidores chineses. Outra preocupação da empresa é achar novas utilidades para seu modelo de IA, até por isso o ChatGPT ganhou uma função de agente pessoal recentemente, o Operator.

Em um comunicado à imprensa, a OpenAI diz que o modelo que alimenta o Deep Research alcançou um novo patamar de precisão em um *benchmark* de IA chamado *Humanity's Last Exam* (ou "O Último Teste da Humanidade", em português), que pede respostas muito especializadas. Esse modelo de pesquisa aprofundada registrou precisão de 26,6% com ferramenta de navegação e *python* habilitadas, resultado superior aos 3,3% do GPT 4o e o GPT o3-mini avaliado com 13%.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: cisão (2) = racha + firme e resistente (2). **Solução:** dura fenda profunda (4) = rachadura.

Charada de hoje: O ramo de árvore (2) recebeu um banho de ouro, quando foi levada ao bairro pessoense (4).


Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)




Foto: Reprodução/YouTube

Eita!!!!

Quarteto Fantástico no cinema

Nesta semana, foi divulgado o primeiro *trailer* de *Quarteto Fantástico — Primeiros Passos* (foto acima), longa--metragem que estreia em 25 de julho e marca a entrada da família de super-heróis no Universo Cinematográfico Marvel (MCU). Dirigido por Matt Shakman (do seriado *WandaVision*), o filme promete reinventar os personagens, ambientando a história em um universo retrofuturista inspirado nos anos 1960, bem diferente das suas versões anteriores (que vamos falar a seguir). O elenco é composto por Pedro Pascal (*The Last of Us*), interpretando Reed Richards/Sr. Fantástico, líder do grupo com capacidade de elasticidade corporal; Vanessa Kirby (*Napoleão*) vive Sue Storm/Mulher Invisível, especialista em campos de força e invisibilidade; Joseph Quinn (*Stranger Things*) encarna o Johnny Storm/Tocha Humana, enquanto Ebon Moss-Bachrach (*The Bear*) dá vida ao "pedregulho" de bom coração Ben Grimm/Coisa.

"Pai dos filmes B"

Nunca lançada para o cinema, em 1994, houve a primeira versão em "carne, osso e raios cósmicos" da chamada primeira família da Marvel, dirigida pelo "pai dos filmes B", Roger Corman, com baixo orçamento. *The Fantastic Four* teve seu *trailer* lançado para os cinemas e seu elenco participou de uma turnê promocional. No entanto, o filme não foi lançado oficialmente, sendo acusado de ser um *ashcan copy* (feito apenas para manter os direitos). A versão que circula pela internet é pirata.

Grande estúdio

De lá para cá, uma série de diretores e roteiristas iniciaram uma "dança das cadeiras" até culminar com o filme sob a chancela da 20th Century Fox. Em 2004, Tim Story foi contratado para dirigir e o longa estrelado por Ioan Gruffudd (Sr. Fantástico), Jessica Alba (Mulher Invisível), Chris Evans (Tocha Humana), Michael Chiklis (Coisa) e Julian McMahon (como o vilão Doutor Destino) foi apresentado em 2005.

Decepção cósmica

Em 2007, a Fox lançou a continuação da produção milionária que deixou os fãs apenas com um "sorriso amarelo": *Quarteto Fantástico e o Surfista Prateado* apresenta a entidade devoradora de mundos chamada Galactus, mas de uma forma que não agradou aos fãs em geral. Devido à decepção do estúdio na *performance* de bilheteria, um potencial terceiro filme do quarteto e um filme *spin-off* do Surfista Prateado (o arauto de Galactus) foram cancelados.

Pior "reboot"

A 20th Century Fox contratou Josh Trank (*Poder Sem Limites*) para dirigir o *reboot*, cujo elenco era encabeçado por Miles Teller (Sr. Fantástico), Kate Mara (Mulher Invisível), Michael B. Jordan (Tocha Humana) e Jamie Bell (Coisa). Lançado em 2015, o longa foi mal nas bilheterias, recebeu críticas negativas e é frequentemente considerado um dos piores filmes do grupo já feitos.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – listra do tigre; 2 – bigode; 3 – clava; 4 – tanga; 5 – cauda do filhote; 6 – pedra; 7 – fumaça; 8 – rachadura na pedra; e 9 – lava.